

Revista da Semana



ANNO XIX - Nº 3.
Rio de Janeiro,
23 de Fevereiro de 1918.

A. FAHIAN
RIO

A CAMISARIA PROGRESSO



Não mede sacrificios
para bem servir
os seus freguezes

== A ==

Camisaria Progresso

não tem filiaes; as suas vendas
são unica e exclusivamente
effectuadas nos seus armazens

— á —

PRAÇA TIRADENTES
2 E 4

TELEPHONE
CENTRAL 1880





2.º ACTO

O salão da Baronesa illuminado. Na sala contigua uma orchestra. As visitas formaram roda, dispostas estheticamente no sofá, nas cadeiras, de pé. As demoiselles vestem-se com extraordinaria elegancia, fazem boquinhas de coração, muito casquilhas, têm ademanos artificiaes, cacôetes gentilissimos; as matronas uzam toilettes espantosas, cabelleiras de armaduras, com aigrettes ouricadas, agitam leques enormes de pluma, arfam importancia, contemplando os flirts, que se organisaram naturalmente, no recato das sanefas, no vão das janellas, nos intervallos das palestras; os rapazes, de fraque e calças listadas, na botocira cravos rubros, o cabello em metades, derriçam e applaudem. Os olhares de onde a onde procuram João d'Albuquerque, que está entre Olga Vargas e Esther Costa, tendo Anna Rosa e Madame Briolanjo por companheiras.

LINA (dizendo a ultima estrophe da poesia que está recitando)

— O' mon cher epoux, la tombe éternelle
Sera notre lit de noce, dit-elle,
Je suis morte. Et lui, la voyant ainsi
D'angoisse et d'amour tombe mort aussi
Couronné de thym et de marjolaine,
Les Elfes joyeux dansent su rla plaine!

(Ha palmas e o grupo desorganisa-se.)

OLGA — Oh, que c'est beau!

ESTHER — Lina Bastos diz á maravilha!

RAUL — Que pronuncia!

JORGE — Que gestos!

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Excelente.

MADAME BRIOLANJO — E veste-se com muito gosto.

(Anna Rosa, Esther Costa e Olga Vargas rodearam João d'Albuquerque. Os outros sahiram aos pares, porque a orchestra dentro atacou um tango. Maria de Lourdes continúa a autopsia duma flôr, distrahidamente, ao fundo).

ANNA ROSA, graciosa — O doutor não dança o tango?

JOÃO D'ALBUQUERQUE, supplice — Não me chame doutor, mademoiselle...

ANNA ROSA — Como devo chamal-o, então?

JOÃO D'ALBUQUERQUE — João d'Albuquerque, tout court.

ESTHER — Incommoda-o o titulo?

OLGA — Monsieur...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Todo o mundo é doutor na nossa terra.

ESTHER — Breve o chic será não ser doutor, não acha?

ANNA ROSA — Tambem com esse ar de philosopho impõe um titulo...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Não é propriamente philosopho. E'... é... não sei. O snobismo do Rio faz-me medo de falar. A gaffe assusta-me.

ESTHER — Cousa que não temia o ministro Garaya. Por que não se decide a ser snob?

JOÃO D'ALBUQUERQUE — E' muito complicado. Imaginem agora eu fazendo aquil-

lo que não penso e só pensando aquillo que não faço! Acabaria num manicomio...

ESTHER — Ou aos pulos no meio da sala como o Jorge Gomes...

OLGA (rápida) — Tesoura...

ANNA ROSA, desertando — Lindo tango esse que estão tocando! (Para as amigas) Vocês o perdem? (Para João d'Albuquerque) Não dança?

JOÃO D'ALBUQUERQUE — O tango? Não. Não danço. Penso mesmo que o tango é uma expressão grosseira da dança. A dança, como toda a mimica, é uma manifestação rudimentar do espirito. Dançam os selvagens ao receberem presentes, as creanças dançam quando se sentem animadas. O tango, mademoiselle, é plebeu.

OLGA — Mesmo quando se aprende com o Duque?

ANNA ROSA — Eu gosto do tango. E' chic!

OLGA — Raul dança como o Ninjinsky!

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Todos aqui dançam?

ESTHER — Até madame Biarritz! Com aquella pavorosa aigrette e com a bonbonnière Luiz quinze!

OLGA — Eu já vi madame Biarritz dançar, fantasiada de espanhola. Foi no bal masqué do Palacio de Christal, em Petropolis, no anno passado.

ESTHER — E' verdade. Foi um successo! Gorda, assim mesmo, quasi espherica, ella estava bem sa-leirosa, dando a impressão viva duma filha autentica da terra de la madre santissima...

ANNA ROSA — Vocês exageram!

OLGA — Madame Briolanjo tambem dança o tango. (Para João d'Albuquerque) Acha divertido?

(Um criado entra, com servetes na bandeja, serve de passagem a todos.)

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Muito divertido. Muito (Para Maria de Lourdes que se aproximou) Sua opinião sobre o tango, mademoiselle Violeta?

MARIA LOURDES, vencendo um embarco — Ah! Ainda não pensei nisso...

ANNA ROSA — Os anjos não dançam...

JOÃO D'ALBUQUERQUE, depois de contemplar por algum tempo Maria de Lourdes,





que olha as amigas com expressão candida

— Engana-se, mademoiselle, engana-se. Um doutor da igreja — creio que São Bazilio — afirma que a dança é o passatempo dos anjos.

MARIA DE LOURDES — O tango? Impossível...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — O tango não é dança.

OLGA — Então que é?

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Saracoteio. (Ante o silencio de todos) Commetti gaffe?

ESTHER — Absolutamente. Compreendo o seu pensamento: o tango está para a dança assim como a modinha está para a poesia.

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Perfeito. Agora tirem o valor da proporção.

OLGA — Nós não sabemos mathematica.

ESTHER — Alto lá! O tango nesta proporção é um dos extremos...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — E como cada extremo é igual ao producto dos meios, dividido...

ESTHER, rica, atalhando — Ah! O tango no caso é um extremo producto dos meios... para o casamento...

OLGA — C'est trop fort!

MARIA DE LOURDES — Penso differente: o tango a mim me parece anti-casamenteiro.

(Anna Rosa tem um gesto infantil de quem não entendeu patarina)

ESTHER, para João d'Albuquerque — Parece-me que tem horror á modinha... (Gesto delle, que sim) Pois ainda vae ouvir modinhas cantadas por madame Biarritz.

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Ah! está um espectáculo que me divertiria muitissimo

ANNA ROSA — Mais do que o Caruso?

ESTHER — O Caruso é uma blague. Antigamente era um cantor que tinha a garganta de ouro, hoje só tem o ouro da garganta!

(Risos)

OLGA — Gostei mais do Journet, apesar de não ter fama.

MARIA DE LOURDES — O Journet é a escola franceza, a sobriedade, a perfeição, a linha...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Não é por snobismo que que quasi detestam o Caruso?... Porque a sua voz...

ESTHER, intervindo — A sua antiga voz. Hoje o Caruso é lembrança apenas.

OLGA — Oh! Esther! Não exageres. A Carmen não foi mal cantada...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Olga Vargas modificou logo a opinião. E' a mais snob de todas...

ESTHER — Hoje, porém, devemos esquecer a companhia lyrica, pois madame Biarritz vae cantar.

MARIA DE LOURDES — E' lugubre!

ANNA ROSA — Madame Bastos canta tambem.

OLGA — E madame Brio anjo.

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Então isso aqui é um conservatorio...

ESTHER — Historico, de archeologia... Alem das modinhas teremos pastilhas da bonbonnière Luiz quinze.

ANNA ROSA — Você as aceita da bonbonnière do deputado Ariosto Lima.

OLGA — Oh! Anna Rosa! Você ha de ser sempre creança. Ninguem te disputará o Duque de Vilalba...

JOÃO D'ALBUQUERQUE, olhando em torno curioso — O Duque?

ESTHER — Sim: o Duque. Aquelle rapazola que conversava ainda agora com Nini Leão. O pae delle é um riquissimo negociante de vinhos!

JOÃO D'ALBUQUERQUE — E elle é duque? Formosa linhagem! Ha cá tambem um principe, não?

ANNA ROSA — Um? Dous!

MARIA DE LOURDES — E não contamos os imperadores do Divino...

OLGA — Temos o principesinho de Rochefort e...

ESTHER, rapida — O principe de Friburgo. O primeiro embebe as raizes de sua estirpe num engenho d'assucar, em Pernambuco; o segundo tem um ancestral notavel que combate contrabandos da Alfandega no posto de conferente.

JOÃO D'ALBUQUERQUE — A nobresa da minha terra não é das mais claras.

ESTHER — Mas é comica, para compensar...

(A Baroneza apparece acodada, o tango dentro termina com applausos.)

BARONEZA — Estou cansada de procurá-lo. João d'Albuquerque! Na sala reclamam sua presença. Madame Briolanjo reclama, reclama madame Bastos, reclamam todos! Você vae conhecer a condessa Mendanha.

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Uma condessa, tambem??

ESTHER — E' papalina... Não ha perigo de arvore genealogica!

BARONEZA, reprehensiva — Menina! (Outro tom) As Guedes Navarro dançam como sylphides! As quatro! Lina Bastos é uma pluma! Madame Biarritz prometeu cantar.

OLGA — Voila

ESTHER — Tiens!

(Saem. Maria de Lourdes fica só, folheando uma revista que descobriu na estante das musicas. Mas logo apparece Zilda Veiga, que limpa as lagrimas indiscretas no lençinho de seda, vendo a amiga)

MARIA DE LOURDES, com meiguice — Que tem você? Que aconteceu?

ZILDA — O Henrique! Acha que eu tenho tratado com amabilidade excessiva o sobrinho da Baroneza. Tenho? Tenho? Você que está vendo...

MARIA DE LOURDES — Isso não merece lagrimas. Arrufos que passam. Você vae guardar as lagrimas para outras cousas...

ZILDA, lamentosa — Eu sou sensivel. Elle sabe. Por isso mesmo abusa. Ha dias rasgou o retrato do Brulé, que me havia custado tanto a conseguir!

MARIA DE LOURDES, com candura e emoção — Ora! Zilda Veiga! Cousas de creança. Vamos espalhar no jardim.

(A sahir encontram Pequenina, que chega muito agitada.)

PEQUENINA — Sabem? Je suis contente! Obtive, afinal, um autographo do Brulé, e no retrato. Está na minha bolsa, mostro depois. (Olhando em roda) Não veio para cá o seu irmão, Zildoca?

ZILDA — O Ricardo? Não. Não o vejo desde que chegamos.

PEQUENINA — Você quer saber? Deu-lhe para ciumes hoje... De quem? Do sobrinho da Baronesa! Um arara... (Vão-se).

(Depois de rapido abandono entram, de braço, Madame Briolanjo e Madame Bastos.)

MADAME BRIOLANJO — E' um magnifico rapaz o sobrinho da Baronesa! Jovial, intelligente, espirituoso! Que olhos!...

MADAME BASTOS — Que olhos! Lembram os de um rapaz que encontrei no Carnaval. Uma aventura. Meu marido tinha desaparecido desde sabbado e na terça-feira gorda eu quiz ir ao theatro. Não tive duvidas: fantasiei-me e fui. Um lindo rapaz apaixonou-se por mim e daria quinhentos mil réis para tirar-me a mascara!

MADAME BRIOLANJO — Oh! Yavá!

MADAME BASTOS — Tinha os olhos iguaes aos de João d'Albuquerque. E que partido é o sobrinho da Baronesa!

MADAME BRIOLANJO, suspirosa — Ah! meus quinze annos!

(A orchestra dentro toca uma valsa).

MADAME BASTOS — Eu não me julgo acabada assim.

(Lina Bastos surge á porta e fala afficta).

LINA — Mamãe! Vou dançar com o sobrinho da Baronesa!

MADAME BRIOLANJO — Vamos ver sua filha...

MADAME BASTOS — Vamos! Lininha dança admiravelmente. Minha filha valsa como poucas. Aprendeu em Paris. (Saem).

(Entram de braço o Duque de Vilalba e Nini Leão. Elle: escañoado, elegante, trinta annos, ar de rico; ella: morena, esplendida, olhos enormes e negros, galga, muita vivacidade nos gestos, rapida na contraversia).

DUQUE DE VILALBA, lamentoso — Já não encontro você em parte alguma. Ha dois dias que entro sem esperanza nos cinemas, nas casas de chá, nos theatros. Domingo fui debalde ao foot-ball e ao foot-ing. Calculei então: qualquer cousa deve haver...





NINI — Ciúmes? Ainda? Você é muito tolo! O sobrinho da Baroneza não chega nem para as encomendas.:

DUQUE DE VILALBA — Estive na exposição canina e passei todo o dia triste.

NINI — É verdade! Esqueci-me da exposição canina...

DUQUE DE VILALBA — O Totó tirou um premio.

NINI — Sim?

DUQUE DE VILALBA — Tirou uma linda colleira. Uma colleira com fivelinha de prata. Ficou tão contente — coitado — tão contente que seus olhos magnos se encheram de lagrimas. E grunhia, e ros-nava, sacudindo o pennacho do rabinho com tamanha graça que me enterneceu.

NINI, num suspiro — Que encanto!

DUQUE DE VILALBA — Poz-se a olhar-me com seus olhos nazarenos e eu tinha a impressão de que me perguntava: por que está assim triste? Quizera retrucar: aquella que pretendo fazer tua dona já não é a mesma...

NINI, com vivacidade — Deixa de ser tolo, ouviu?

DUQUE DE VILALBA — Mas para que destruir o contentan ento do animalejo? Para que? Assim como assim você não quer ser a que dantes era...

NINI — Não é verdade.

DUQUE DE VILALBA — É.

NINI — Não é e não é!

DUQUE DE VILALBA — É e é!

NINI — Por que? Vamos... Por que?

DUQUE DE VILALBA — Porque sei. Dê-me uma prova do contrario...

NINI — Que prova?

DUQUE DE VILALBA, embaraçado — Uma prova... isto é... Uma prova real...

NINI — Altons!

DUQUE DE VILALBA, brusco — Um... beijo, por exemplo.

NINI, aos arrepios — Oh! Isso, não! Isso nunca! Ora! Ora!

DUQUE DE VILALBA — Então? (Animando-se) O beijo... Você não me dá? Não?

NINI, confusa — Não. Quando formos noivos...

DUQUE DE VILALBA — Agora... já. Apraso. Vamos. Você não fia? Não mereço credito?

NINI, fragil — Impossivel!...

DUQUE DE VILALBA — Zango-me... Zango-me a valer... E' que você está de flirt com o sobrinho da Baroneza!

NINI, lesta — Mentira!

DUQUE DE VILALBA — Então... o beijo

NINI, supplice — E' uma exigencia tola. Só hoje você se lembra disto...

DUQUE DE VILALBA — Vamos... E' tão facil... tão simples. Um! Um só ...

(Enlaca-a. Prestes a beijal-a apparecem ruidosas, casealhantes Lina Bastos e Olga Vargas que se acercam)

LINA, com uma revista na mão — Vocês já leram? As secções elegantes só nos chamam agora melindrosas.

OLGA — Gostei. C'est gentil...

DUQUE DE VILALBA — Melindrosas!... Não é máo. Não é feio. Na França era muito commum crearem-se titulos para as elegantes.

(Apparece Esther Costa e, tendo ouvido, adianta-se e commenta)

ESTHER — Sim. As Merveilleuses, as Preciosas... Em Portugal houve tambem as Sécias. Eu li no Binoculo e no Pé de columna a nova classificação

(Entra Zilda Veiga)

Não me parece máo esse nome de melindrosas...

ZILDA — Eu li na Revista da Semana. E li tambem no Binoculo.

OLGA — C'est bien.

LINA — Viram as respostas de madame Briolanjo á enquête feminina?

ESTHER — Ridiculas.

LINA — Você conhece as respostas?

ESTHER — Não. Mas conheço madame Briolanjo.

DUQUE DE VILALBA — Méchante...

Zilda — Como são as respostas?

(Pequenina surge, nervosa, procurando com o olhar e dirigindo vagamente a cada um).

PEQUENINA — Foi você quem tirou o

meu Brulé? Desappareceu da bolsa. Foi você? Não tem graça nenhuma. Quem foi que tirou o meu Brulé?

OLGA — Eu não vi. Absolutamente...

ZILDA — Não sei...

PEQUENINA, para o grupo — Qual de vocês? O meu Brulé que estava na bolsa! E' um autographo. Custou-me tanto conseguil-o.

(Todos se entrecolham e respondem com risos e gestos garôtos).

PEQUENINA — Não acho graça. Francamente... Não acho graça alguma. Queixo-me á Baroneza... Meu Brulé!... (Sahe).

OLGA — O Brulé escreveu uma linda cousa no meu album.

NINI — Que foi?

OLGA (emphatica) — Je suis enchanté.

ESTHER — Não é delle.

LINA — Sim?

ZILDA — Não é delle?

ESTHER — E' plagio.

OLGA — Plagio?

ESTHER — A phrase foi arrancada ás memorias posthumas de monsieur de La Palisse.

(Risos. Exclamações).

NINI — No meu album o Brulé escreveu apenas: Souvenir de André Brulé.

LINA — No meu tambem.

ZILDA — E no meu.

DUQUE DE VILALBA — Tambem no meu.

ESTHER — Se mais houvéra... (Para Lina Bastos) E as respostas de madame Briolanjo?

LINA — Lembro-me de algumas. Esperem lá. (Num esforço de memoria) Ah! Muito curiosas. Deixem-me lembrar. (Os outros formam roda attentos e ella diz:) Qual o animal de sua predilecção? O racional! Quaes os autores de sua preferencia? Os brasileiros! Quaes os musicos de que gosta? Os de rua! Em que paiz quereria viver? No paiz do sonho! Que é que desejaria ser? Papa! Sua divisa? Deixa andar...

NINI — A divisa não é má.

(Musica dentro).

ESTHER — Mas tambem não é boa.

(O Duque de Vilalba folheia vagamente a revista que tomou á mão de Lina Bastos).

OLGA — Eu vou responder a esse questionario.

ZILDA — Não sei ainda se respondo...

ESTHER — Eu não responderei. Se respondesse a minha divisa seria: Il faut attendre. Em francez, que é mais gentil.

DUQUE DE VILALBA, num espanto — Uh! lá-lá! Versos a Esther Costa! Assignados pelo José Nonato!

OLGA — Vous ne devez pas attendre, méchante!...

LINA — Magnifico!

DUQUE DE VILALBA — Ouçam! ouçam! (Todos correm em grupo e elle lê:)

Meu coração anda agora
Como um passaro indefeso...
Que a liberdade deplora
E é feliz vivendo preso.

Para explicar a tristeza
Do pobre escravo, é mistér,
Saber a extranha belleza
Dos olhos de Dona Esther.

Não brilham num brillam intenso,
Nem como como a lua sequér...
Mas gozam poder immenso
Os olhos de Dona Esther...

Quando fôr a mocidade,
Quando a velhice vier...
Hei de viver da saudade
Dos olhos de Dona Esther!

No mar tragico da vida,
Por entre negros escólhos!
Tenho a luz compadecida
Desses olhos!

NINI (para Esther) — Très bien...

LINA — Não são mãosinhos...

ESTHER — Mas serão delle?





ZILDA — Oh ! Esther !
 LINA — Arrufos ?
 DUQUE DE VILALBA — Estão zangadinhos ?
 ESTHER — Olhem para mim... (Pausa) Eu posso dar confiança a semelhante palerma ?...
 (Jorge Gomes apparece á porta e espera).
 ZILDA — E por onde andará o palerma ?
 OLGA — E Raul Brito ?
 LINA — E os outros ?
 JORGE, da porta, mostrando o relógio — Já se foram... São sete e meia...
 LINA — E' temprano...
 (Ha movimento geral, gritinhos, falas confusas).
 NINI — Vamo-nos despedir da Baroneza.
 OLGA — E do sobrinho.
 LINA, triste — Estou suspirando por Petropolis !...
 (Saem ruidosamente. A sala fica deserta um instante, mas logo João d'Albuquerque, com Anna Rosa e Maria de Lourdes pelo braço, entra pisando de mansinho).

JOÃO D'ALBUQUERQUE, proseguindo na conversa que vinha entretendo — Mademoiselle Anna Rosa dá-me a impressão dum passaro, mal plumado ainda; que ensaia pequenos vôos nas visinhanças do ninho, ansioso por espaço. Como seu esforço não conquista o termo que seus olhos traquinas aspiram já, mademoiselle Anna Rosa lamenta, ou melhor, pasma-se de que outros passaros saculam azas nas alturas, em busca de atmosferas sadias !

(Os três caminham, sentando-se em grupo).

Não é assim ? Estou longe da verdade ? Respondam sem medo, sem embaraço...

ANNA ROSA (pensativa) — *Peut-être*... Você acha, Maria de Lourdes ?

MARIA DE LOURDES — Está bôa a analogia. Sobre-tudo astuta. De mim agora ? Que diz ?

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Que dizer do incognoscivel ? Aceito-a, mademoiselle Maria de Lourdes, com a admiração respeitosa de quem aceita um dogma. Que se poder dizer do dogma ? Nada ! O dogma admira-se.

MARIA DE LOURDES — As suas palavras só não me embaraçam porque me humilham...

JOÃO D'ALBUQUERQUE, avidamente — Perdão... Estou certo de que as minbas amiguinhas ouvem todas estas cousas como *blagues*, *méras blagues*...

ANNA ROSA — Ah ! *blagues*, não !

MARIA DE LOURDES — Trechos literarios, lapidares...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Esmaga-me. Esmaga-me com os elogios. Não falo mais ..

ANNA ROSA, ingenuamente — Ora... Que pena ! Fala tão bonito !

MARIA DE LOURDES — Não... Diga um pouco de dogma. Gostaria de ouvir. Vamos ! Faça um pouco de metaphysica...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Conhecem a definição de metaphysica, dada por Voltaire ? Não conhecem. Metaphysica é o individuo falar duma cousa que não sabe a outro que não entende.

MARIA DE LOURDES — Perfeito !...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Talvez venha a ser o caso. Emfim... vá lá ! Um general allemão, discutindo Verdun, disse que era uma fortaleza tão bem construida que os proprios defeitos pareciam armadilhas preparadas ao inimigo. Aproveitando a imagem direi sinceramente: mademoiselle Maria de Lourdes é tão interessante que mesmo aquillo que minha perspicacia pretende apontar como falha sua minha logica aceita como armadilha preparada á admiração de todos...

MARIA DE LOURDES — E' que a sua logica é má ; quer trahir a minha vaidade.

JOÃO D'ALBUQUERQUE — A sua vaidade é inexpugnável !

ANNA ROSA, ingenuamente — Vocês acabam zangados !

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Creança !

(A Baroneza entra açodada).

BARONEZA — Anna Rosa ! Anna Rosa ! Está ahí o papae. Não quiz por nada descer. Diz que é tarde, que te espera no automovel.

ANNA ROSA, com alcorço — O meu chapéo, o meu *manteau* ! Temos ainda que deixar Maria de Lourdes em Paysandú. Vamos !

MARIA DE LOURDES — Seu sobrinho, Baroneza, armou uma cilada terrivel á minha vaidade.

BARONEZA — Que foi João d'Albuquerque ?

ANNA ROSA — Brincadeira, Baroneza, *blagues*. (Para João d'Albuquerque) Não foram *blagues* ?

JOÃO D'ALBUQUERQUE, com emoção — Não. Não foram *blagues*.

(A Baroneza acompanha Maria de Lourdes e Anna Rosa até á porta).

MARIA DE LOURDES, de longe — Por outra vez será mais generoso... Promette ?

ANNA ROSA — Elle promette...

(Saem. A Baroneza olha um instante e volta-se afinal).

JOÃO D'ALBUQUERQUE — E' muito curiosa essa pequena.

BARONEZA — Qual ? Anna Rosa ?

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Não. A outra. A enigmatica.

BARONEZA, com affectada indifferença — Ah ! Tem a alma muito branca ! Com que graça ella foge ás armadilhas da lisonja ! A's vezes penso que Maria de Lourdes vae partir-se contra as surpresas da vida, ás vezes soffro com medo de que o sól lhe faça mal ... E' um melindre !...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Sobretudo, esquiva. Conheço bem todas as suas amigas, minha tia, nas poucas horas de contacto. Isso principalmente é que me empresta arrogancias de sceptico. Nenhuma dellas tem mais interesse para mim. Minha curiosidade está sociada... Maria de Lourdes entretanto...

BARONEZA — Ella é curiosa...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — E' a unica das suas amigas que eu não conheço bem.

BARONEZA — E que deseja conhecer...

JOÃO D'ALBUQUERQUE, proseguindo — Sabe a impressão que ella me dá ? A de uma dessas princezinhas dos contos de fadas, que ficam na praia olhando o horisonte merencoreamente, á espera do noivo seduzido para o fundo do mar pelos encantos das se-reias. Por isso é insensivel a tudo que acontece em torno ! Mademoiselle Maria de Lourdes, minha tia, deve ter algum pensamento secreto. Desvendal-o será uma gloria !

BARONEZA — E talvez um perigo...

JOÃO D'ALBUQUERQUE — Gosto dos perigos. Enfada-me, porém, a gloria. Mentiria, entretanto, se affirmasse pouco interesse por sua amiguinha, minha excellente tia. Com que subtil escrupulo ella escapa ás investidas da lisonja !...

BARONEZA, ironica — Mas então você encontrou afinal concha de orelha digna dos seus madrigaes ?...

JOÃO D'ALBUQUERQUE, corrigindo a attitude — De modo algum. De modo algum. Maria de Lourdes é apenas uma bôa amiguinha. Nada mais...

BARONEZA, em assuada — Sim, sim ! Eu sei. Percebo ! Pode negar ! Conheço os homens ! Conheço os homens !

JOÃO D'ALBUQUERQUE, embaraçadissimo — Absolutamente ! Pelo amor de Deus ! Eu até ficaria mal... Pelo amor de Deus !...

BARONEZA, encaminhando-se para dentro, rindo-se — Ora ! Ora ! Deixe de subterfugios ! Conheço os homens ! Conheço essas cousas ! Ah ! Ah ! Ah !

JOÃO D'ALBUQUERQUE, acompanhando-a, lamentoso, embaraçado, ardente. — Pelo amor de Deus ! minha tia. Pelo amor de Deus ! Não me fica bem. De modo algum... Como camaras, sim ! Mas a sua hypothese, de modo algum...

FIM DO 2.º ACTO



VERMUTIN

DR. EDUARDO FRANÇA

se quereis digerir bem; se quereis obter excellente paladar e appetite; se quereis fortificar os nervos; se quereis, emfim, rejuvenescer, adquirindo o bem estar do corpo e do espirito: -- bebei todos os dias 3 ou 4 calices do RADIO-APERITIVO INDIANO-VERMUTIN -- Notae o paladar delicioso que fica
na bocca momentos depois!



ENCONTRA-SE EM TODOS OS HOTEIS, RESTAURANTS, CAFÉS, CONFEITARIAS, BARS, BOTEQUINS E ARMAZENS

Unicos depositarios : Mourão & C., Rua do Rosario 133
Concessionarios : Coutinho Neves & C., Rua Buenos Ayres 96, sobrado.

Kola Soel

Dá vida e vigor. E' o melhor
tonico. Depósito:
ARAUJO, FREITAS & C.
88—Rua dos Ourives—88
RIO DE JANEIRO



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO Séde en Lisboa
FUNDADO EM 1864
CAPITAL 12.000 CONTOS FORTES
Saques á vista e a praso sobre todos os paizes
Depósitos á ordem e a praso ás taxas mais
vantajosas do mercado.
Empréstimos caucionados. Descontos, cobran-
ças e todas as operações bancarias.
Filial no Rio de Janeiro, RUA DA QUITANDA
— ALFANDEGA.
Agencia na Cidade Nova, PRAÇA 11 DE
JUNHO.

TOLUOL

Cura tosses, bronchites, etc., em
48 horas — Depósito: ARAUJO
FREITAS & COMP. — RUA
OURIVES N. 88—
o o RIO DE JANEIRO o o

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166 — Rua do Ouvidor — 166

ROCHA POMBO: Dictiona- rio de Synonymos da lin- gua portugueza, 1 vol. 651 paginas	6\$000
JOÃO DO NORTE: Praias e Varzeas, 1 vol.	2\$900
AFRANIO PEIXOTO: Maria Bonita, romance	3\$000
FABIO LUZ: Elias Barrão, 1 vol. brochado.	3\$000

NA VIDA INSTALLE-SE BEM

COMPRE MOVEIS

RED-STAR

Pagamento á vista e em
prestações combinadas

R. GONÇALVES DIAS, 71
:: URUGUAYANA, 82 ::

SAQUES

Sobre Portugal, Hespanha,
Italia, França, Londres, etc.

ZENHA, RAMOS & C.

Rua Primeiro de Março, n. 75



Dr. Albino Pacheco

R gressou da Europa e participa
aos seus patricios e amigos que
reabriu o consultorio na
Rua Assembléa 39, das 3 ás 6
C intra Geral. Doença das Senhoras
Tratamento especial da Gonorrhéa
e da Syphilis — Teleph Villa 2712

ROMANCES

Populares Economicos

LINDAS CAPAS A CORES

Cada volume de 200 paginas
— approximadamente —

1\$000

PRAÇA GONÇALVES DIAS, 12

NOTA—Estas edições são de consigna-
ção e não editadas por esta Empresa.

Loterias da Capital Federal — Companhia de Loterias Nacionaes do Brasil

HOJE, 23 DE FEVEREIRO DE 1918 — A's 3 horas da tarde — 310 — 42*



50:000\$000



POR 8\$000 EM DECIMOS

Agentes Geraes: NAZARETH & C. — Rua do Ouvidor, 94 — Caixa 817 — Teleg. LUSVEL



« 609 »

O maior depurativo - *Tonico do Sangue*
Poderoso *Anti-Syphilitico* (Não tem dieta)
A venda em todas as Drogarias do Brasil
Pedidos á Caixa-Postal N.º 2004

• RIO DE JANEIRO •

CASA COLOMBO

AVENIDA E OUVIDOR

SECÇÃO DE CRIANÇAS



7362

7363

6128

7362 — Combinação em popeline de
linho enfeitado com liudos galões
russo, desde 6\$900

Chapéu de palha Jean Bart, desde. 5\$500

Meias de algodão, curtas brancas, com
cano listrado, par 1\$800

Sapatinhos de verniz preto e amarello
com passador (artigo chic), par. 8\$500

7363 — Linda combinação brim listra-
do com golla azul-marinha, enfei-
tada com soutache e botões (ultimo
modelo), a começar 8\$800

Sapatinhos pellica preta, par 8\$500

6128 — Vestidinho de voile enfeitado
com rendas finae e à jour para cri-
ança de 1 a 5 annos, desde 20\$000

Sapatinhos de pellica branca com pas-
sador 8\$500

Meias curtas de algodão branco, par 2\$200



USAI SO'

ONDULINA

PARA A CONSERVAÇÃO,
BELLEZA E HYGIENE DE
VOSSOS CABELLOS

Laboratorio: **LOPEZ & EDWARDS**

RUA PAULO FRONTIN, 47 E 49
AVENIDA MEM DE SA'

BAZAR AMERICA

A PRIMEIRA CASA DO GENERO
— NESTA CAPITAL —

40 Rua Uruguayana 40



O MAIS COMPLETO SORTIMENTO DE CRYSTAES, PORCE-
LANAS, CHRISTOFLES E ARTIGOS PARA PRESENTES

BAPTISTA & FONSECA

CASCATINHA

A
MAIS
SA-
BO-
ROSA

DA COMPANHIA



SUMARE'

A
MAIS
PO-
PU-
LAR

HANSEATICA

CABELLEIREIRO SALÃO NAVAL

Penteados no salão com ondulação Marcel	3\$000
Penteados em domicilio . . . 5\$000 e	10\$000
Ondulação em domicilio	3\$000
Appliação de tintura . . . 15\$000 e	20\$000
Lavagem de cabeça	2\$000
Frentes penteadas a agua	2\$000
Crescente desde	10\$000
Trança desde	15\$000
Frentes modernas, cobrindo toda a cabeça,	30\$000
Córtes de cabelo á ingeza	1\$500
Massagens vibratorias, applicação . . .	2\$000

Manicure (Tratamento das unhas).
Executa-se qualquer postigo de cabellos cahidos.
Salão exclusivamente para senhoras

RUA OUVIDOR, 148

Teleph. 5107 - Norte

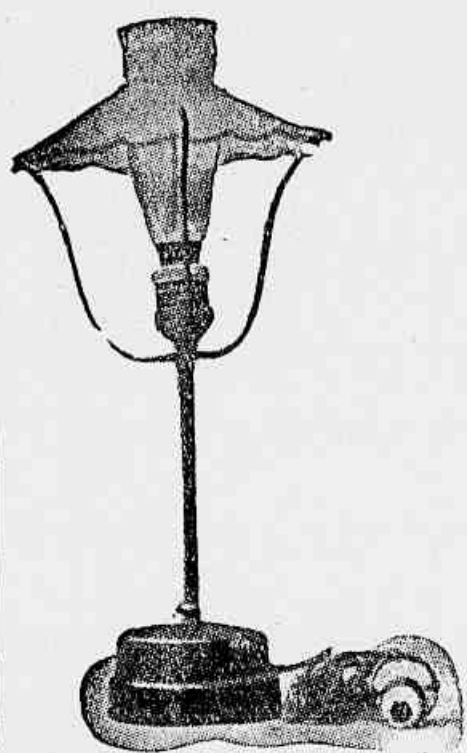
EDIÇÕES DA CASA TORRES

e livros de Aristoteles Italia

Como se adquire e se educa a vontade, 5\$000; Como agradar ás mulheres, 2\$000; Psychometria, \$500; Pequeno tratado de Phrenologia, 1\$000; Superior Curso Illustrado de Hypnotismo e de Magnetismo Pessoal, 10\$000; Magnetismo e Somnambulismo, 5\$000; Arte de se fazer amar, 5\$000; Espelhos Magicos, 7\$000; O Poder Pessoal, 5\$000; Tratado de Clarividencia, 3\$000; Os segredos da arte de ganhar ao jogo, 5\$000; O Rocioiro e o Vigario, \$500; Na margem opposta \$500; Catecismo espirita, \$500; O Mundo Astral, 2\$000; Pequeno Tratado de Moral theosophica, \$500; A visao dos sabios da India, \$500; Estudo sobre o Karma, \$500; A Educacao como serviço, 1\$000; Aos Pés do Mestre, 1\$000; Organisação e actividade da Ordem da Estrella do Oriente, \$500; O homem e os seus corpos, 2\$000; Noivado triste, emocionante romance, 1\$000.

A' venda em qualquer livraria. Depositarior: Leite Ribeiro & Maurillo, rua Santo Antonio, 3; Livraria S. het-tino, rua Sachet, 18; Francisco Alves, Ouvidor 166; A. de Azevedo & Costa, Uruguayana, 29; J. Ribeiro dos Santos, S. José, 82; F. I. F. Machado, Avenida Passos, 25; todos no Rio; L. Vianna, Rua 15 de Novembro, 45, Santos; R. Dourado, rua Dr Barata n. 28, Natal; Francisco Meira, cidade do Rio Grande; A. F. Moraes, rua S. João, 8, S. Paulo; F. S. Bulcão, rua Halfeld, 647, Juiz de Fora.

Peça catalogo gratis á Casa Torres, rua da Candalaria, 106, 1.º andar — Rio.



OFFERTA DESTE MEZ

Lampadas
electricas
completas

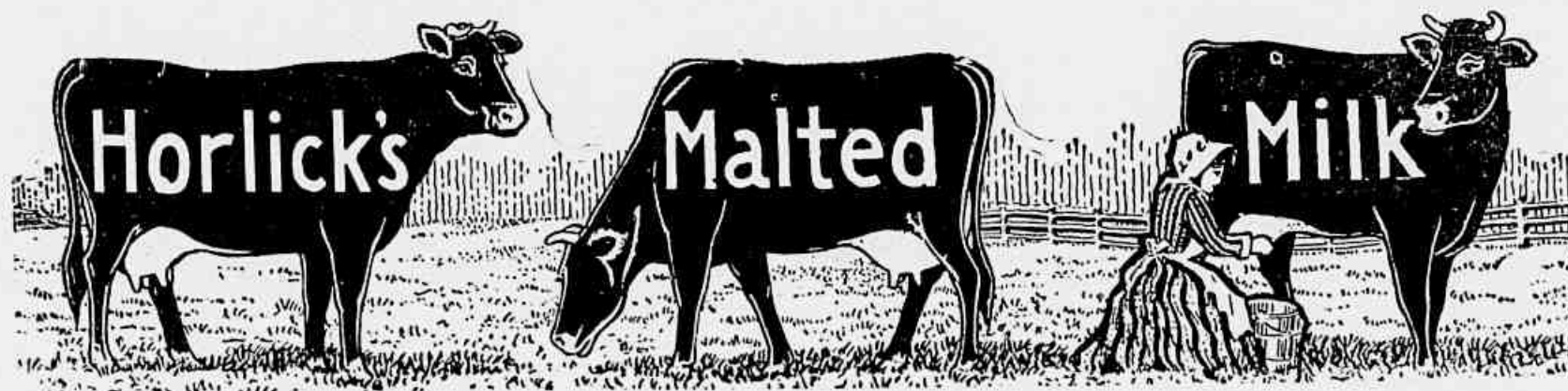
Para Mesa 10\$000

Rua Sete de Setembro

161

A salvação das crianças

LEITE MALTADO



UNICOS AGENTES PARA O BRASIL :

PAUL J. CHRISTOPH Cº

115, RUA DA QUITANDA — Rio de Janeiro — QUINTINO BOCAIUA, 44 — São Paulo



QUE ALEGRIA REINA EM UMA CASA ONDE HA BONBONS

DE **BHERING & C.^{IA}**!

113, RUA 7 DE SETEMBRO, 113

SABONETES

Garantidos, puros, exigir a marca

CUPC.

MARFIM
FOOT-BALL
MEMPHIS
DELTA

A' VENDA NAS PRINCIPAES CASAS

COMPANHIA USINA DE PRODUCTOS CHIMICOS

RUA SOARES N. 13

São Christovão

RIO DE JANEIRO



INVARIAVELMENTE ELEGANTES

são as nossas freguezas que por si mesmas
proclamam em toda a parte o fino gosto, a
novidade, a distinção, a modicidade das

CREAÇÕES DA MODA

DO

PARC ROYAL



REVISTA DA SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Anno XIX — N.º 3 — Rio de Janeiro, 23 de Fevereiro de 1918

Endereço Telegraphico: **REVISTA** — Telephone: 3.660, Norte
Redacção e Administração

PRAÇA GONÇALVES DIAS, 12 — Rio de Janeiro

Director — **C. MALHEIRO DIAS**

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 20\$000—Estrangeiro: 50 francos

Avulso Capital 400 réis — Estados 500 réis

Correspondencia dirigida a **ARTHUR BRANDÃO**, Director-Gerente



O UNIVERSO

Sobre uma folha aberta de papel de carta, com o bico da penna, marcae um ponto quasi invisivel. Em volta, traçae uma circumferencia que occupe toda a largura da folha. O ponto é a Terra. O circulo figurará o Sol, em proporção. Em outra folha de papel faça-se o mesmo. O ponto minuscuro é, agora, o Sol. Uma enorme esphera, representada por um circulo, que abrange toda a largura da folha de papel, é Canopus: uma simples estrella. Mas esta estrella está para o Sol na mesma proporção de grandeza em que o Sol está para a Terra. Abri agora um atlas celeste em qualquer das paginas que parecem representar uma nuvem de poeira. Cada ponto minuscuro dessa poeira é uma estrella como o Sol, como Canopus, ou ainda maior, milhares de vezes maior... Essa poeira de estrella representa um fragmento do mappa celeste. Fragmento infimo, porque se avalia em cem milhões o numero das estrellas visiveis através das lentes dos mais poderosos telescopios, e nessa pagina ha apenas umas tres mil... Só cem milhões de estrellas são visiveis porque os instrumentos opticos não podem ampliar o campo visual senão até ás estrellas de vinte e uma grandezas, e não permitem que se avistem mais do que dezeseite mil vezes mais estrellas do que as contempladas com a vista desarmada. Quem ousará pretender que as estrellas extremas, alcançadas pelos nossos telescopios, limitam o universo? Não vos perturbéis com a confusa visão mental dessa immensidade. A grandeza das estrellas, por enorme que seja, nada é em relação aos espaços formidaveis que as separam. A estrella mais proxima de nós, depois do Sol, a estrella Alpha da constellação do Centauro, fica a dez mil biliões de leguas de nós. Um trem rapido, caminhando com uma velocidade de cento e vinte kilometros á hora, gastaria trinta e oito milhões de annos para chegar da Terra á estrella Alpha. Arcturus está a trescentos e vinte e quatro mil biliões de kilometros

da Terra, movendo-se nos espaços á razão de dois mil seiscentos e quarenta milhões de kilometros por anno. Todavia, a sua posição parece a mesma que é ainda hoje nos mais antigos mappas celestes, que datam de vinte seculos. A estrella 1830 do catalogo de Groombridge scintilla a oitocentos mil biliões de kilometros das nossas pupillas... Estes são exemplos das distancias a que nos achamos das estrellas proximas, porque nos faltam totalmente os elementos para medir as distancias das estrellas longinquas. Aquella estrella que contemplaes no céu, não importa qual seja, e de que todas as outras parecem constituir o luminoso cortejo, fica tão longe de vós que, se por milagre, contra todas as leis da gravidade, pudesseis despenhar-vos sobre ella, como um projectil, em dois seculos não terieis vencido um fragmento perceptivel da distancia que vos separa da sua luz. Ha ainda um processo de tornar perceptivel aos nossos sentidos a noção do espaço formidavel. E' pela luz. Devido á sua colossal velocidade, a luz diminue de tal modo os algarismos por que se medem as distancias, que a immensidade se torna mais comprehensivel. A luz percorre o ether á razão de trescentos e trinta mil kilometros por segundo, gastando um pouco mais de oito minutos para chegar do Sol á Terra. Assim, a imagem que contemplamos do astro solar é a imagem de oito minutos antes da nossa contemplação. Veriamos ainda o sol quando, cinco minutos antes, elle se houvesse pulverisado em algum choque formidavel com outro astro gigante. Para alcançar a Terra, a luz da mais proxima estrella gasta quatro annos e quatro mezes, e trinta e seis annos é o tempo do percurso da luz da Estrella Polar até ao nosso humilde e microscopico planeta: poeira invisivel nos espaços. Ha estrellas que avistamos como ellas eram ha seculos pois que só agora a luz que nesse tempo longinquo emanavam attinge a atmospha terrestre. O mesmo phenomeno acontece-

ria inversamente, se a Terra fosse perceptivel á visão dos habitantes estellares. Imaginemos o inadmissivel de serem povoadas as estrellas que constituem o Cruzeiro do Sul e de estarem os seus habitantes dotados de aparelhos telescopicos com milhões de vezes o alcance dos nossos. Qual seria o espectáculo que os seus astrónomos contemplariam?... Entre as formas terrestres ainda convulsionadas e tremulas ainda de qualquer grande crise geologica, elles veriam sobre uma imminencia um ente vivo, que estende os quatro membros, que experimenta pôr-se de pé, cambaleando, e ergue na face bestial os olhos attonitos e obscuros. Então o astrónomo comprehenderia que mais uma consciencia accordava da fauna universal e que, no pincaro da montanha escavada, no limiar de uma caverna, um animal se habituava a pensar... Quer dizer: neste momento, o astrónomo vê-nos como nós eramos nas edades primarias, e só de agora a milhares de annos lhe será possivel contemplar-nos como nós somos actualmente. Depois de encararmos a immensidade perturbadora, encaremos o tempo.

Ha quantos seculos existe a Terra? Depois que a massa gazosa mundial se desagregou do equador da nebulosa solar, quantos biliões de seculos decorreram? Não se sabe. Suppõe-se que para a segunda phase — a mais curta — da sua transformação, para passar do estado liquido ao estado solido, foram necessarios trescentos e cincoenta milhões de annos... Quem sois vós, quem somos nós perante estas visões formidaveis? Que valôr teem as nossas paixões e o que significam as nossas ambições? Uma vez que encaramos estas realidades gigantescas, que importancia podemos ligar ao olhar rancozoso de um pygmeu inimigo e ás injurias exhaladas por um verme humano? O que são os nossos odios? O que são as nossas miserias?



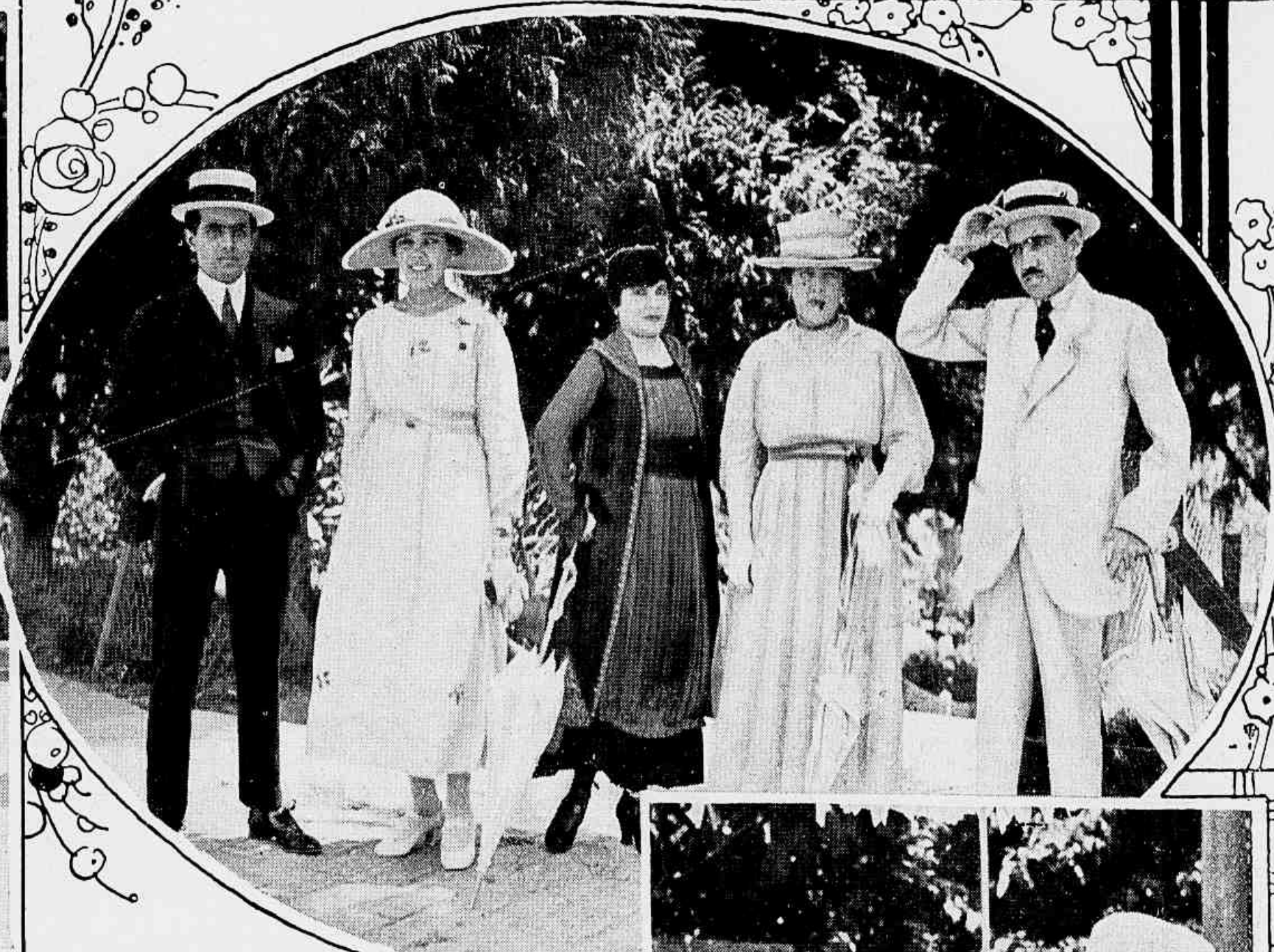
Petropolis - Mansão

estival da Elegancia



O passeio matinal.

A estação elegante de Petropolis está no auge do esplendor e da animação. A princesa das cidades serranas abriga, a estas horas, todo o «smart-set» carioca. Os passeios a cavallo, os torneios de tennis no «Tennis-Club», os bailes, as par-



tidas de bridge, os concertos na Praça D. Afonso ocupam todas as horas dessa sociedade distinta, fugida aos calôres estagnantes do Rio. São alguns dos aspectos flagrantés da Petropolis estival que reunimos nestas paginas.



Na Praça D. Afonso.



Petropolis.
Depois da Missa
das 11 horas.



Noticias e Commentarios

Rumo á terra

Alguns algarismos exemplificam com a sua eloquencia incomparavel a espantosa intensificação da riqueza agricola brasileira. Em 1914, anno em que teve inicio a guerra, o Brasil exportava 4 toneladas de feijão, representando o valôr de réis 4.000\$000. Em 1917, a exportação de feijão attingiu 93.428 toneladas, no valôr de 40.582:000\$000 réis.

Em 1914 exportavamos 3 toneladas de arroz, no valor de 1:000\$000 réis. Em 1917 exportámos 42.590 toneladas, no valor de 22.925:000\$000 réis.

As formidaveis possibilidades agricolas do Brasil só agora principiam a entrevêr-se. Não levará muitos annos que a cultura dos cereaes — trigo, milho, centeio, cevada, aveia, feijão e arroz — produza um valôr exportavel muito superior ao do café. O Estado de S. Paulo, attendendo aos ensinamentos do congresso cerealifero do Paraná, vae iniciar e estimular a cultura do trigo. Isto significa, a avaliar pelo que succedeu com a intensificação da cultura dos outros cereaes no exemplar Estado, que o nosso «deficit» de trigo será extincto em meia duzia de annos.

O gigante caminha agora a largos passos para a prosperidade. A cegueira daquelles que ainda se temem da industria agricola, e advogam a concentração dos imigrantes nos litoraes, ha de ser dissipada em breve tempo, mas quando fôr tarde para aquellas das colonias estrangeiras que não tenham ingressado nessa obra fecunda e productiva da cultura do solo.

O tiro dos bororós

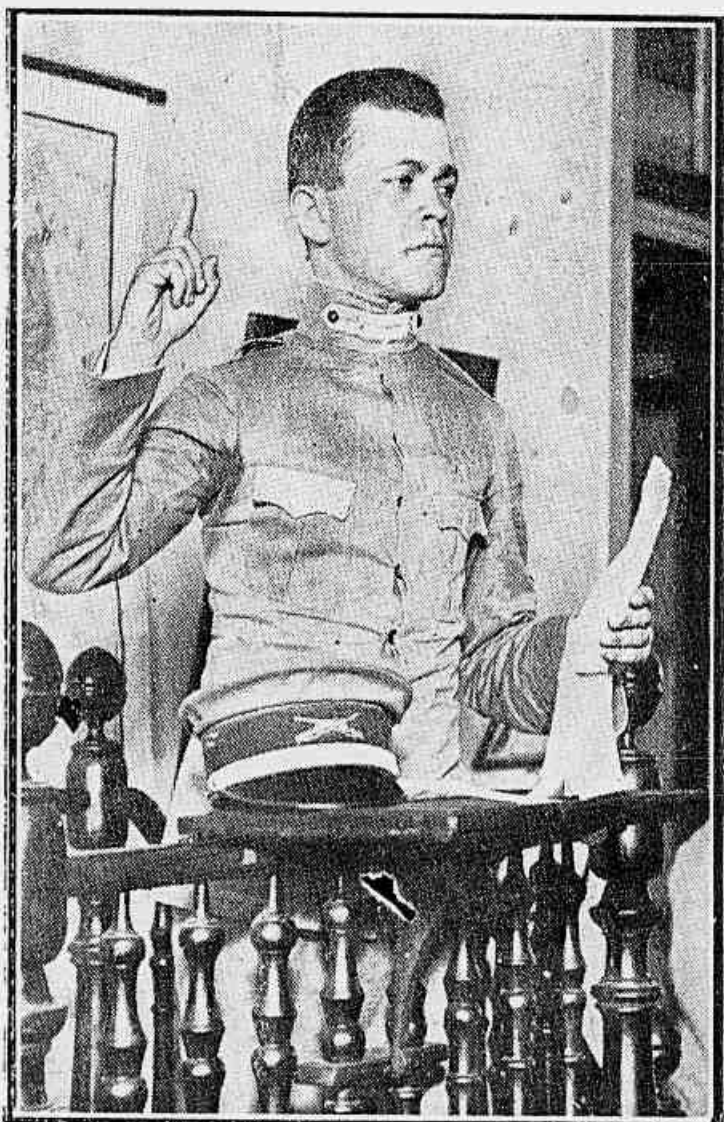
O coronel Rondon consultou o Ministerio da Guerra sobre o aproveitamento dos indios bororós para a constituição de um tiro inicial, formado de quinhentos dos mais bellos exemplares da forte raça aborigene, escolhidos entre os de mais magestosa estatura (1,™ 80 de altura, em média!) e que seria o nucleo central de uma futura e possivel divisão de guerreiros das selvas mattogrossenses, á qual ficaria confiada a defesa dos sertões brasileiros.

O sr. ministro da Guerra agradeceu o alvitre e declarou aguardar oportunidade para utilizar-se dos serviços guerreiros dos gigantes bororós. Presumivelmente, terá admittido a hypothese dos perigos que podem advir de armar com carabinas de guerra os bellicosos selvícolas, improvisando no sertão uma potencia militar. Quinhentas carabinas, com limitado muniamento, não constituem, todavia, um arsenal aterrorisador. A hypothese de tal perigo não basta para invalidar a proposta do novo Anchieta positivista. O indio concorreu salientemente com a sua colla-

boração guerreira para a defesa do Brasil nos primeiros periodos coloniaes.

Os serviços que em muitas circumstancias elles prestaram aos donatarios, governadores, capitães-mores e generaes portugueses tornam-os credores da gratidão nacional. São muitos os heroes indigenas que, á semelhança de Tybiriçá, ajudaram os nossos antepassados na sua ingente tarefa colonisadora, nem devemos esquecer que Washington encontrou nos chetes dos Pelles Vermelhas os mais valorosos auxiliares na lucta mantida com a Inglaterra para a independencia dos Estados-Unidos.

Na presente guerra européa, viram-se a França e a Inglaterra utilizar os guer-



O soldado da Brigada Policial, Aristoteles Belizario Couto, auctor da conferencia «A cooperação do soldado na propaganda de alistamento.»

reiros hindús, arabes e senegalezes em combate contra os exercitos allemães.

Não deixaria de ser uma nota pittoresca e bem nacional a inclusão no exercito de um batalhão de gigantes bororós, adequadamente uniformizados, e que representaria a força ainda parcialmente indomavel das selvas centraes, incorporada na defesa da Patria.

Monologo de um Hamlet moderno

Apoio a cabeça nas mãos. Os meus dedos apalpm os ossos do meu craneo: a orbita, a depressão das temporas, a maxilla. O meu craneo... Um craneo semelhante aos outros craneos! Nunca tinha pensado nesta semelhança entre mim e todos os outros... Vejo, através de um pouco de sombra, os meus ossos, a minha ossada branca. Reconheço em mim pro-

prio o meu eterno fantasma de poeira, o meu esqueleto, como reconhecemos uma pessoa. Apalpo o monstro branco que existe em mim... Os meus sonhos de grandeza desmoronam-se perante esta constatação terrivel, que me mostra igual a todos os outros, aos que existem e aos que existiram... Quantos foram os que antes de mim passaram, como sombras transitorias pela terra, com o esqueleto vestido de carne corruptivel? Se a humanidade data de cem mil annos — o que parece muito abaixo da verdade — e como sobre a terra vivem um bilião e meio de seres humanos, que se renovam todos os trinta annos, em média, isso perfaz quatro mil e quinhentos biliões de craneos reduzidos a poeira desde que o homem existe...

A Derrocada

Está por fazer a historia do film nacional que, com tão grande successo, um dos nossos cinemas exhibiu na téla esta semana. O publico tem falsamente attribuido á iniciativa da Companhia Brasil Cinematographica a execução desse cine-drama, que constitue a primeira tentativa de real valor para a criação da industria cinematographica nacional. A Companhia teve apenas o merito de adquirir o film, de apresental-o ao publico e de ganhar com as suas exhibições alguns contos de réis.

E' á perseverança, ao talento e aos sacrificios de Teixeira Leite Filho que exclusivamente devemos essa magnifica interpretação cinematographica de um drama sertanejo. O escriptor das «Manhãs de Sol», resolvendo com uma audacia digna de incondicional admiração transportar para o film o seu vigoroso conto «Derrocada», reuniu os interpretes necessarios, constituiu uma «troupe» de actores, transportou-se com ella a uma fazenda de seu pae, no Estado do Rio, e ahi, no sertão fluminense, na região conhecida por Valle de Sant'Anna, municipio de Vassouras e Iguassú, ensaiou, desenrolou e fez fixar pela objectiva, auxiliado pela pericia technica dos irmãos Botelhos, a acção amorosa e tragica do seu esplendido conto.

Foram alguns dias de trabalho arduo e dispendiosissimo, com o sacrificio de tres alqueires de matta incendiada para as grandes scenas finaes do drama. E acabada a tarefa, tão formosamente levada a termo, entra em scena a Companhia Brasil Cinematographica, adquirindo o film por menos do seu custo. Todos os applausos devem ir, intactos, para o escriptor de «Manhãs de Sol» e para os seus dedicados auxiliares, que nos deram o primeiro dos grandes films nacionaes.

Ecô do Carnaval

OS BAILES.



No "Club S. Christovam."



No "Club dos Choreophilos"

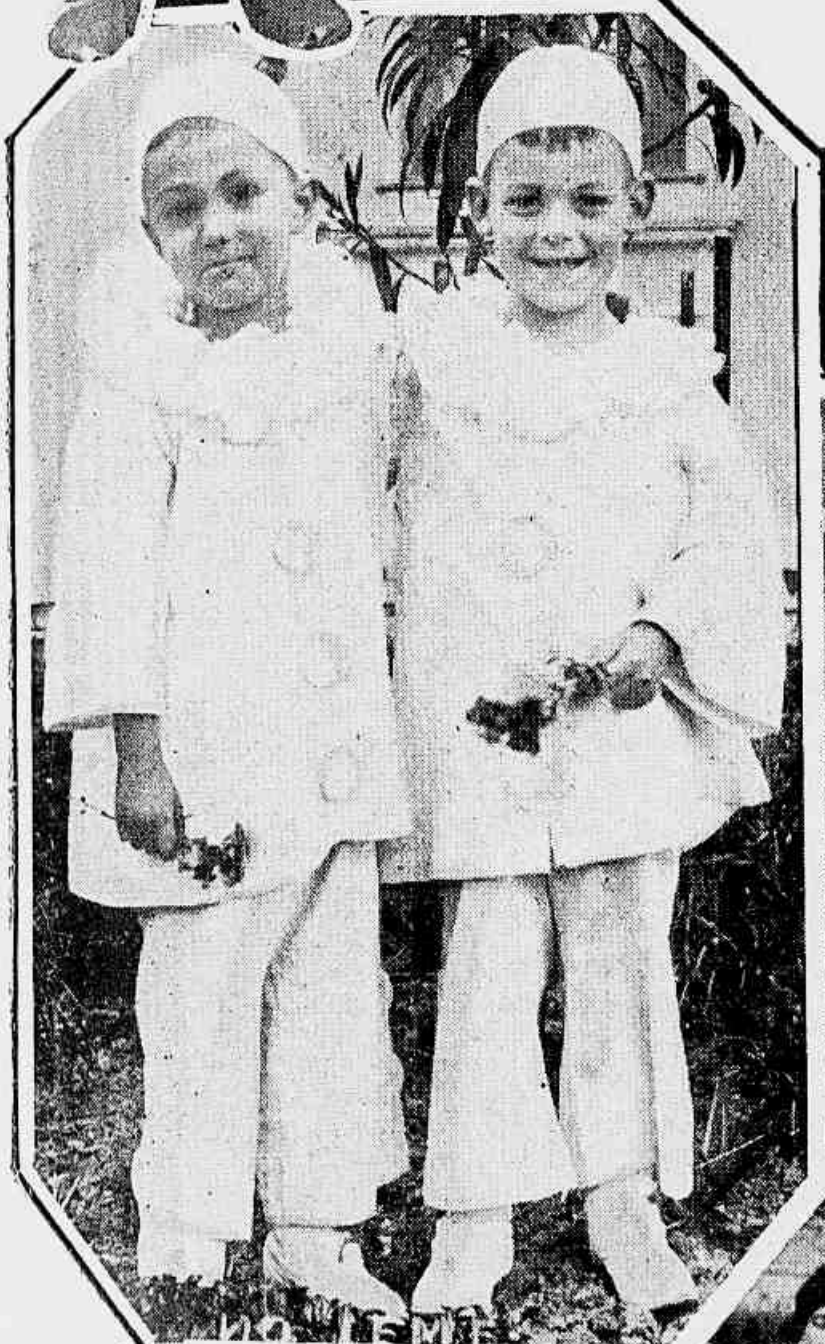
Os Bailes Infantis do Carnaval.



NO RECREIO



NO RECREIO



NO LEM

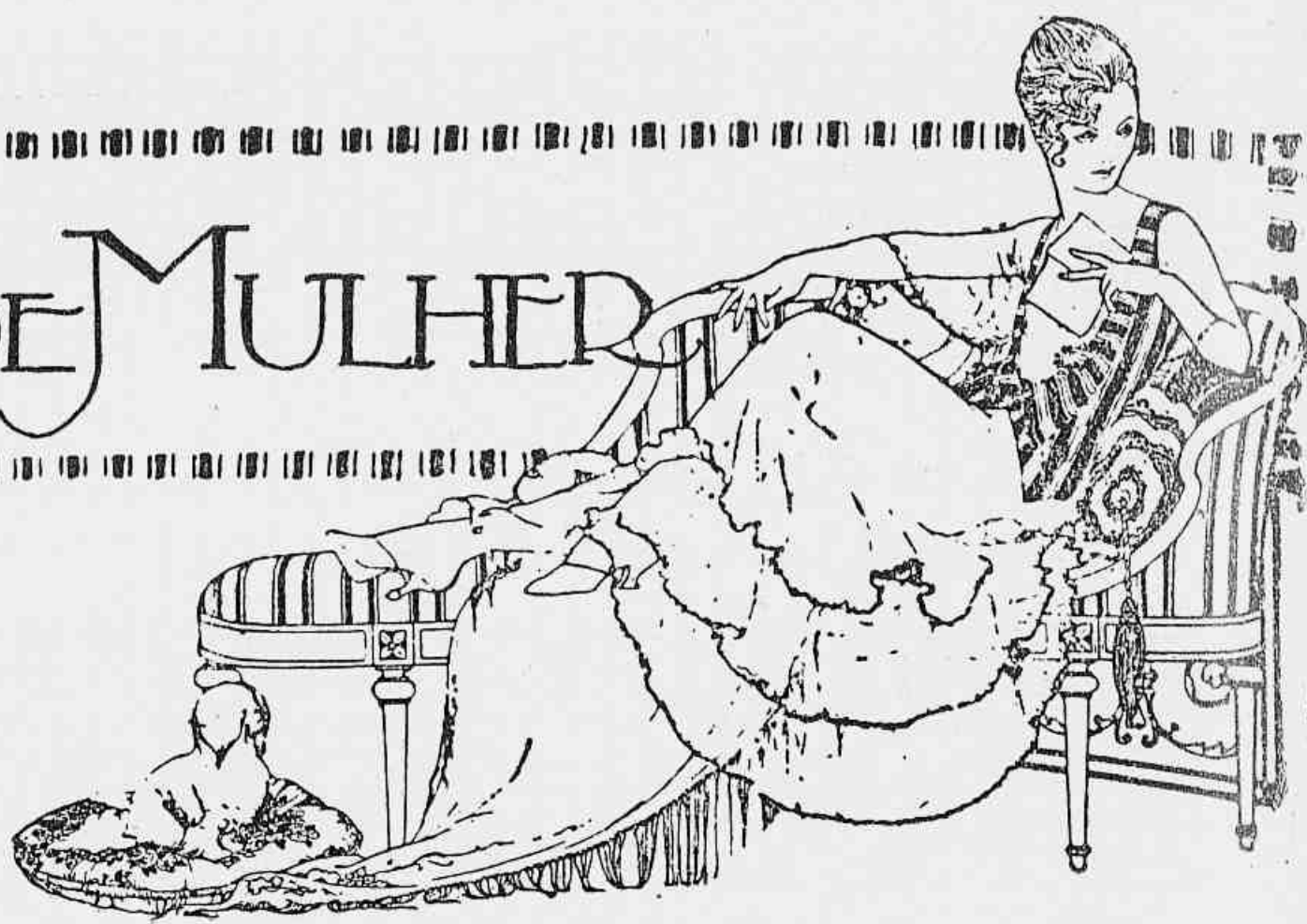


NO "REPUBLICA"



NO RECREIO

CARTAS DE MULHER



Tenho ouvido, diversas vezes, a estrangeiros, commentarios de legitima estranheza sobre a falta de conforto e de belleza do lar brasileiro. Esses estrangeiros referem-se á casa das grandes cidades do litoral, pois nem mesmo conhecem a habitação da roça e das pequenas cidades do interior. E' forçoso dar razão a esses reparos. A nossa casa, geralmente cercada de um jardim, e embora na quasi totalidade destituida de qualquer encanto architectonico, representa, porém, aos olhos do europeu, condemnado a viver na promiscuidade dos grandes predios e a contentar-se com a residencia de um andar, um lar ideal. Se a edificação do Rio fosse confiada obrigatoriamente ao architecto e se a nossa Escola de Bellas Artes preparasse annualmente um grupo de artistas constructores, bem orientados, com um sentimento esthetico desenvolvido, a capital do Brasil, até aos seus bairros mais remotos, seria uma das mais maravilhosas cidades do mundo. Tal como é, e apesar de tantos dos seus defeitos, a nossa casa de habitação, quando vista exteriormente, é fascinadora. Mas se entraes nella a decepção que vos espera é deploravel. Exceptuadas as residencias da classe mais rica e culta, viajada na Europa, educada nos habitos de luxo creados por uma civilização multi-secular, o lar da classe media apparece-nos destituido de qualquer belleza. O nosso mobiliario é pavoroso. Os adornos são inestheticos. Não ha nelles a menor noção do conforto e é debalde que procurareis fixar o olhar num detalhe atrahente que revele uma intuição artistica. A moldura exterior é encantadora, porque o nosso jardim se enfeita luxuosamente com a exuberante flora tropical, mas o interior é desprovido de tudo o que possa revellar um gosto educado.

Por essa falta não deve apenas culpar-se a familia brasileira. Uma simples inspecção aos estabelecimentos de moveis e decoração domestica é instructiva. Um casal de medianos recursos, que não possa adquirir nas casas de grande luxo e de dispendiosa categoria o seu mobiliario, acha-se privado de imprimir ao seu lar um aspecto, senão artistico, pelo menos agradavel á vista.

A decoração domestica é uma arte, cultivada nos paizes de adiantada civilização com um apuro e uma paixão inegalaveis, constituindo, em suas applicações praticas, uma industria poderosa e das mais lucrativas. Ha, mais, nos Estados Unidos e na Europa, revistas que se occupam exclusivamente da decoração domestica, e onde se encontram ao alcance de toda a gente modelos e suggestões de toda a especie, applicaveis aos vários aposentos de um lar. O talento dos artistas decoradores europeus não se applicou, apenas, em produzir os bellos interiores de luxo, em conformidade com as novas

concepções estheticas, mas em collocar ao alcance das pequenas bolsas a possibilidade accessivel do conforto e da belleza. Faltanos ainda, no Rio, um grande estabelecimento que fosse para a decoração e mobiliario domestico o que é o «Parc Royal» para o vestuario, e onde se encontrassem reunidos, desde a mobilia aos tapetes e aos cortinados, todos os objectos e utensilios necessarios á organização de um lar.

Só um estabelecimento dessa ordem poderia desempenhar a tarefa de guiador e vulgarizador do bom gosto, creando modelos de mobílias em que elle predominasse, promovendo concursos entre os nossos artistas para a execução de typos de mobílias adequadas á familia brasileira de pequenas posses, facilitando a sua aquisição em prestações mensaes, contribuindo, enfim, para introduzir a belleza e o conforto nas nossas casas e impedir que o bom gosto seja privilegio exclusivo das classes abastadas.

Só recentemente começaram a ser introduzidos ou fabricados pela industria nacional modelos artisticos de papeis para forrar as paredes dos aposentos, e que vieram, enfim, substituir os horrendos modelos archaicos de que nos utilisavamos. O cretonne, que os artistas decoradores inglezes enobreceram, é ainda parcamente usado na decoração do nosso lar, e isso apesar de tão admiravelmente prestar-se ao nosso clima e representar, pelo seu preço relativamente modico, o mais artistico dos estofos para cortinas, reposteiros e mobiliario, com a vantagem de poder harmonisar-se com a decoração mural, reproduzindo-se no papel das paredes o seu desenho ou motivo ornamental.

O movel laccado de branco, de «gris», ou de outra côr neutra, ou ainda em vermelho, azul e verde pallido, deveria occupar no nosso mobiliario um lugar de destaque, em substituição do movel envernizado, absolutamente fóra de moda.

A industria europeia, procurando por todos os meios tornar accessivel a belleza ás classes menos favorecidas da fortuna, produziu intensamente as reproducções de quadros celebres, de gravuras, de porcelanas e crystaes artisticos com que é possível completar a ornamentação dos aposentos sem os horrendos attentados contra a belleza a que antigamente tinham de resignar-se os lares burguezes.

Assim como a mulher brasileira aprendeu a vestir-se com a graça, a belleza e

o requinte da europeia, desenvolvendo com os unicos exemplos do jornal de modas e do cinematographo o seu instincto innato do bom gosto, do mesmo modo seria praticamente possível e facil improvisar e desenvolver o bom gosto no adorno domestico, se para esse assumpto a imprensa chamasse as attentões, tomando para si a iniciativa de um movimento tendente a introduzir novos methodos no arranjo e na decoração das nossas casas.

Não é a primeira vez que este assumpto serve de pretexto a estas minhas pallidas cartas, mas o meu prestigio é nenhum para lançar a excommunhão aos moveis que a nossa industria fabrica e para generalisar o sentimento de desprezo por esses modelos antiquados ou pessimamente escolhidos na chamada e calumniada «arte nova» entre o peor que ella produziu para uso dos pobres e dos remediados.

Sem museus onde se conservem os modelos dos grandes estylos, sem escolas industriaes onde se eduquem as novas gerações de operarios na convivencia com as concepções da esthetica moderna, sem uma imprensa que se occupe da nobre missão de cultivar o gosto dos seus leitores, é impossivel influir salutarmente no sentido de se obter no povo brasileiro o culto esthetico do lar.

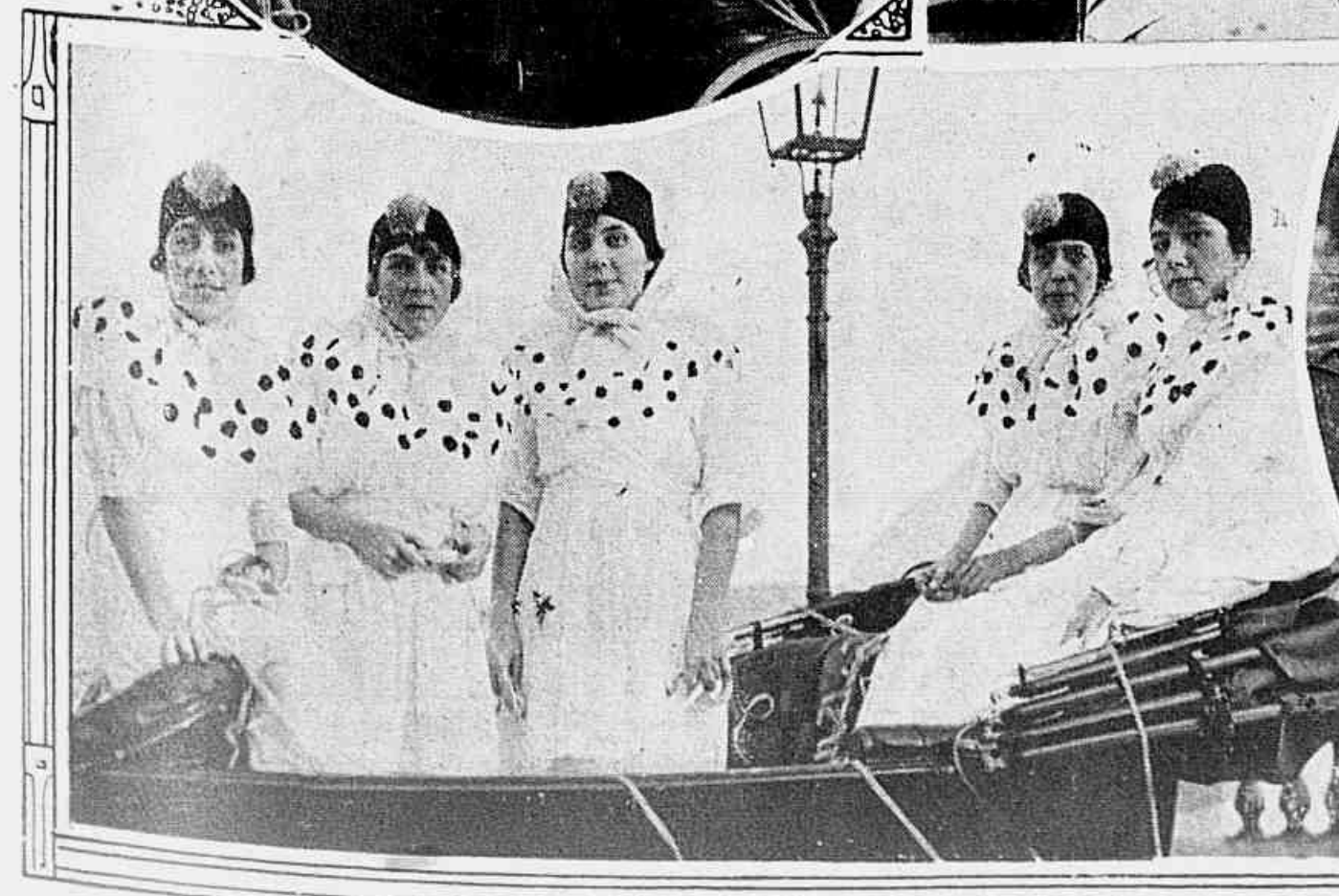
E' tão sensivel no Rio a falta de tudo quanto se torna necessario para compor o adorno moderno de um lar, que chega a constituir um prodigio de perseverança e de esforço a ornamentação de alguns raros interiores do Rio, como o de D. Stella Wilson, na Avenida Atlantica, que é uma obra-prima de arte a mais requintada e moderna.

A série dos lares luxuosos do Rio daria assumpto aos nossos chronistas mundanos para um volume em que a arte de escrever podia applicar-se no descriptivo de bellos e elegantes ambientes, que nos distrahissem do monotono archivo dos mesmos nomes na assistencia das festas do nosso microscopico «high-life».

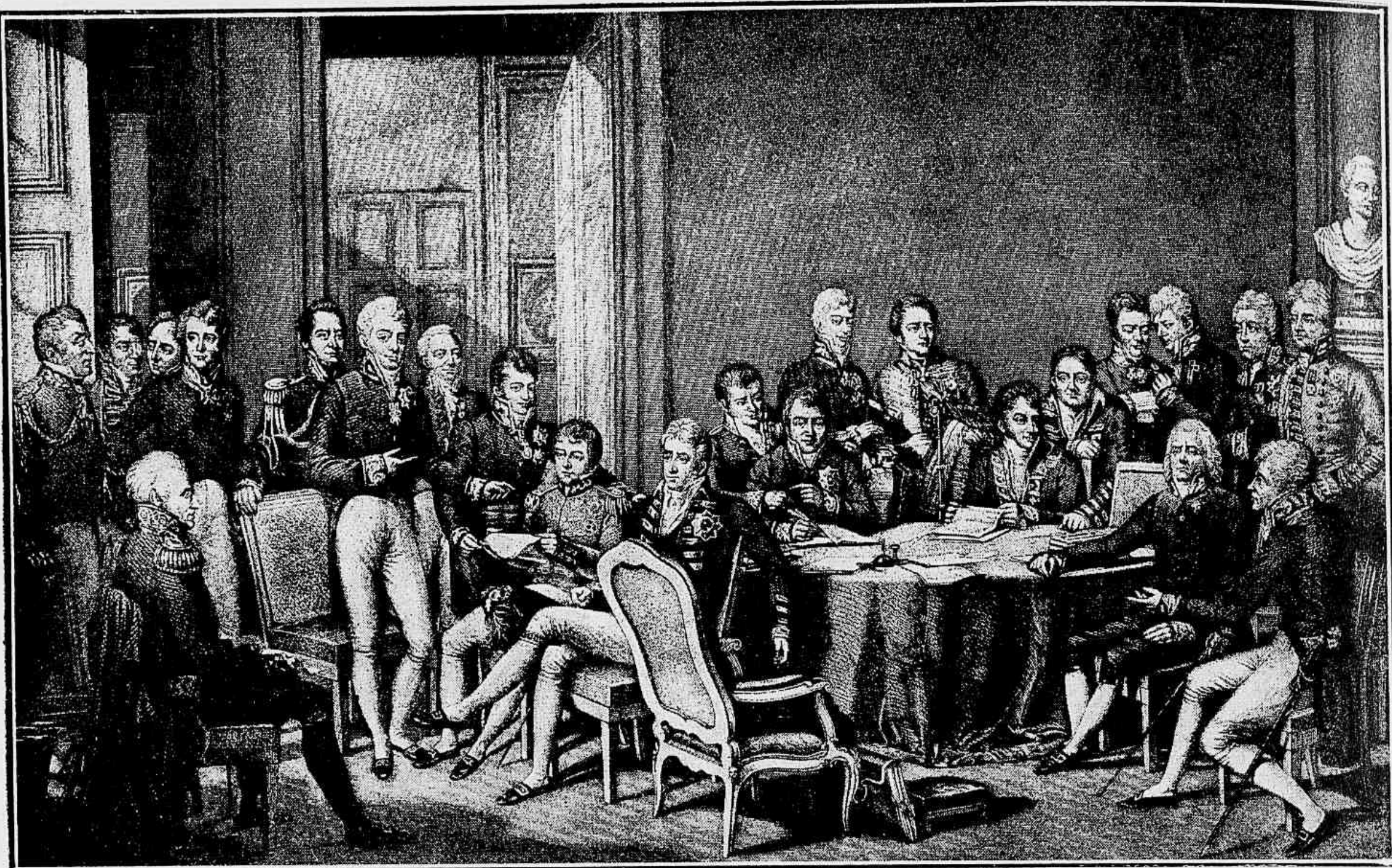
E' pena que as gerações vindouras fiquem privadas de saber como viviam as grandes damas do Rio no principio do seculo XX, pois que nenhum jornalista se deu ainda ao trabalho de descrever os interiores mais representativos da nossa casa — o que serviria para attenuar o crime de lesa-arte do nosso lar burguez.

IRACEMA

Ecos do Carnaval



O Congresso de Vienna



O famoso Congresso de Vienna, em que estiveram representadas todas as potencias da Europa, reuniu-se em 1814, por iniciativa do Principe de Meterninck, o celebre chancelier austriaco, para reformar o mappa da Europa após a queda de Napoleão. O Congresso propunha-se a implantar a paz permanente na Europa; mas, desprezando as aspirações nacionaes dos Balkans, deixou intactas as causas de futuras conflagrações, que acabaram por determinar a tormidavel guerra actual, justamente um seculo depois da reunião do Congresso. O rei Nicolau do Montenegro, referindo-se á guerra que convulsiona a Europa, teve esta phrase conceituosa: «Esta terrivel guerra dura ha um seculo. Esperemos que ella represente a derradeira revolta das nações opprimidas pela injustiça do Congresso de Vienna».

Nossos costumes

A Companhia dos Telephones solicitou da Associação da Imprensa que os jornaes fizessem sentir ao publico a malevola injustiça de maltratar as telephonistas, dirigindo-lhes as mais graves injurias como castigo de presumiveis desleixos. Em verdade, é um habito que não se justifica e que só revela grosseira educação. Ha na estação central dos telephones uma repartição de reclamações, incumbida de attender ás queixas do publico e proceder em conformidade com a sua procedencia, applicando castigos que vão até á demissão da accusada. Insultar uma inofensiva moça, que ganha a sua vida com um pesado trabalho, é uma maldade e uma covardia. Ha uma quasi uniformidade de opiniões sobre o serviço telephonico. O publico considera-o pessimo. Quem experimentou o de outras cidades da America e da Europa é mais indulgente e limita-se a considerá-lo defeituoso. Mas podia mesmo ser pessimo. Isso não serve de desculpa ás injurias gritadas pelo telephone ás modestas e laboriosas funcionarias da Companhia. Não é justo que sejam as moças brasileiras as victimas da indignação do publico contra uma Companhia estrangeira.



O sr. conde de Agrolongo com o uniforme do Tiro 5. (Photographia tirada no dia do seu anniversario, que passou no dia 14 deste mez).

Um sorriso para tudo

Entre os livros de mais deliciosa leitura

ra, que se registram na bibliographia nos ultimos tres annos, figura o desse subtil e requintado artista que é Alvaro Moreyra: "*Um sorriso para tudo*". Cada uma das suas paginas, escripta num estylo que parece fluente mas que é o resultado harmoniosamente obtido por um meticuloso ourives da forma escripta, contém um conceito penetrante, uma idéa insinuante, uma opinião inédita, como perfumes guardados em pequenas urnas de crystal lapidado.

Alvaro Moreyra nunca é banal no que diz e no modo por que o diz. A segunda edição de "*Um sorriso para tudo*" revela da parte do publico que adquire livros um seguro instincto de bom gosto. Os seus sorrisos são, ás vezes, amargos e crueis, porque o seu humorismo é todo intellectual e analytico. Não fazem rir os seus sorrisos; mas, o que é infinitamente melhor, fazem pensar. É vae senão tão raro um artista que nos inspire e provoque a reflexão!

Seria preciso invocar Alphonse Karr para obter um vago paralelo literario para a obra subtil, insinuante e tão finamente burilada de Alvaro Moreyra, mas a originalidade da sua arte repelle quaesquer confrontos. Elle pode reivindicar a honra de ser *alguem*.

NOTÍCIAS E COMMENTÁRIOS

As bodas de ouro de uma escriptora portugueza

Viuva do poeta brasileiro Gonçalves Crespo, a illustre auctora da «Vida do Duque de Palmella» occupa nas lettras portuguezas um salientissimo logar, correspondente ao que D. Julia Lopes conquistou nas lettras brasileiras. Filha de uma familia illustre, tendo sempre mantido, através de uma longa existencia consagrada aos trabalhos intellectuaes, as mais estreitas relações de convivencia na alta sociedade de Lisboa, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho é tambem uma das escriptoras mais estimadas e conhecidas no Brasil. Por isso repercutiu sympathicamente no Rio a iniciativa de um grupo de admiradores, á frente dos quaes se acham a distinctissima poetisa D. Branca de Gonta Collaço, filha de Thomaz Ribeiro e esposa de Jorge Collaço, e o jornalista brasileiro Dr. José Antonio de Freitas, correspondente do «Jornal do Commercio» em Lisboa, de prestar uma homenagem á grande escriptora por occasião das suas bodas de ouro literarias, offerecendo-lhe uma symbolica penna de ouro e um cofre artistico contendo uma mensagem assignada pelos seus admiradores e pelos seus collegas de Portugal e Brasil. A essa homenagem se estão associando os mais consagrados homens de lettras brasileiros, devendo ser aberta uma subscrição destinada a custear as despesas dos brindes que serão offerecidos á auctora das «Cartas a uma noiva».

Para quantos conhecem o culto de affeição pelo Brasil que se celebra permanentemente no salão literario da rua de Santa Catharina, em Lisboa, onde a nobre escriptora recebe as mais eminentes personalidades literarias, sociaes e politicas, a lembrança de se associar o Brasil a essa homenagem é felicissima, porque nos permite significar á illustre senhora que a estima e veneração de que a cercam em Portugal se prolonga entre nós.

A parte que á Colonia Portugueza do Brasil toca nessa homenagem é das mais importantes e imperativas, pois lhe é dado o ensejo de honrar a Patria na pessoa de uma das suas mais illustres mulheres.

Lenine

Foram inumeraveis os jornalistas que, em todos os paizes, e não só no Brasil, se precipitaram a acusar Lenine de vendido á Allemanha, de instrumento allemão, de traidor da Patria, despejando sobre elle os mais aviltantes insultos.

Ora, a verdade é que até agora não ha vestigio de que Lenine seja, de facto, um agente de Berlim. A sua apavorante obra de dissolução e de anarchia está na logica das suas idéas, na sequencia da sua doutrina. Podemos consideral-o um perigo social, mas não temos o direito, por

ora, de consideral-o um Judas. Não foi elle quem ateou a Revolução Russa, e essa revolução, antes mesmo do seu apparecimento em Petrogrado, era já caracterisadamente pacifista. A revolução foi feita contra a guerra: contra a guerra ateadada pelo imperialismo russo. Por isso mesmo Kerensky, que prégava a guerra, foi destituído, e Lenine, que prégava a paz, foi apoiado pelas multidões proletarias.

O decreto da desmobilisação russa deu ainda motivo para que recrudescessem os



O artista portuguez Correia Dias, fantasiado de vaqueiro do norte do Brasil, no baile dos Artistas.

insultos a Lenine, e para que os nossos jornalistas insistissem em denominar-o um vil instrumento da Allemanha. E, todavia, rompendo as negociações de paz, recusando-se a assignar o tratado do militarismo prussiano, onde avultavam as clausulas das annexações, embora disfarçadas, Lenine provou não ser um agente da Allemanha, pois que lhe subtrahiu, com o mallogro das negociações de Brest-Litovsk, todas as esperanças de legalisar o esbulho e de poder apresentar aos alliados, como factos consumados, as refor-

mas do mappa do oriente europeu.

Lenine só tinha um meio de conciliar o seu pacifismo com a recusa de assignar o tratado de paz. Era considerar a Russia fóra da guerra. Desmobilizando o espectro de exercito que ainda vagueava nas frentes de batalha, Lenine tirou á Allemanha os pretextos para negociar a paz e arrancou-lhe a mascara, desvendando-lhe os projectos cupidos de conquista.

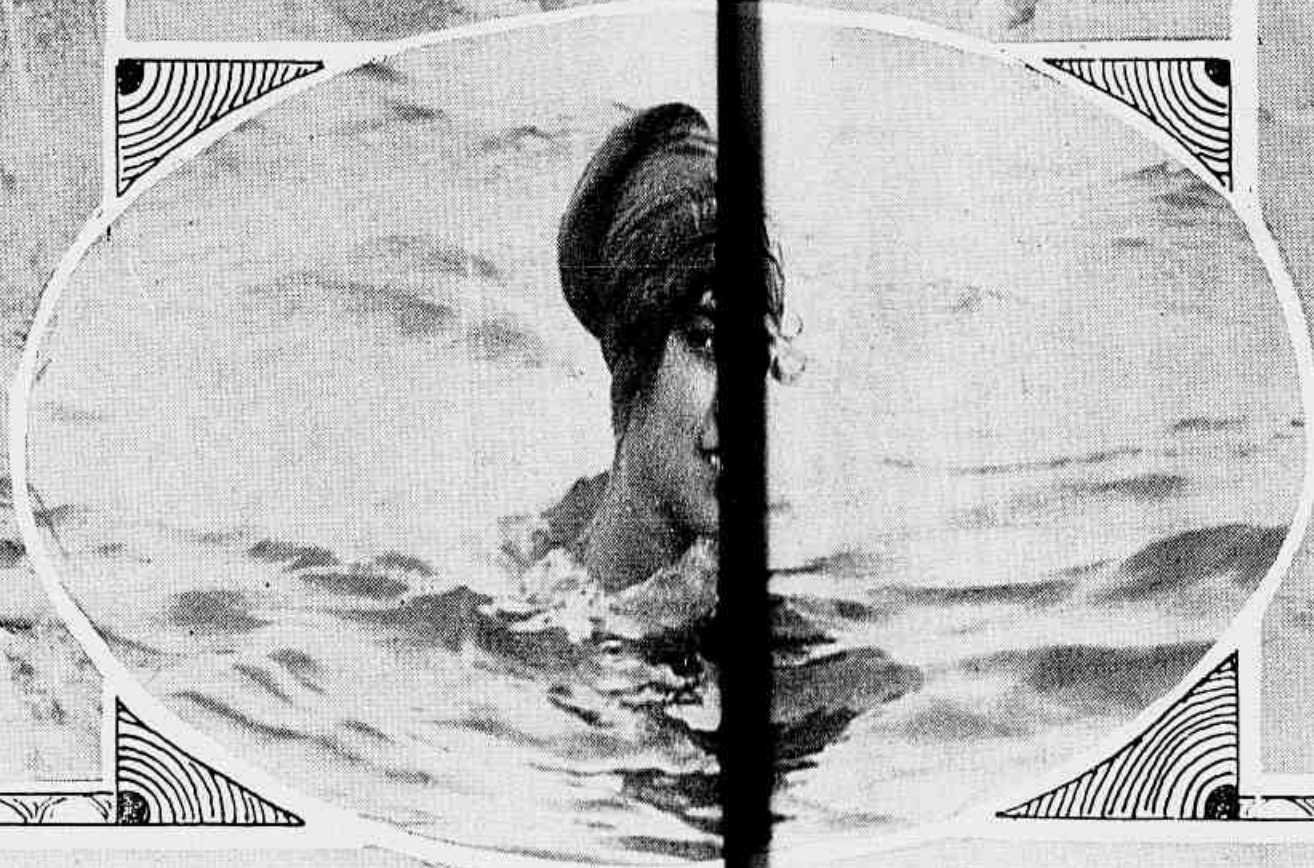
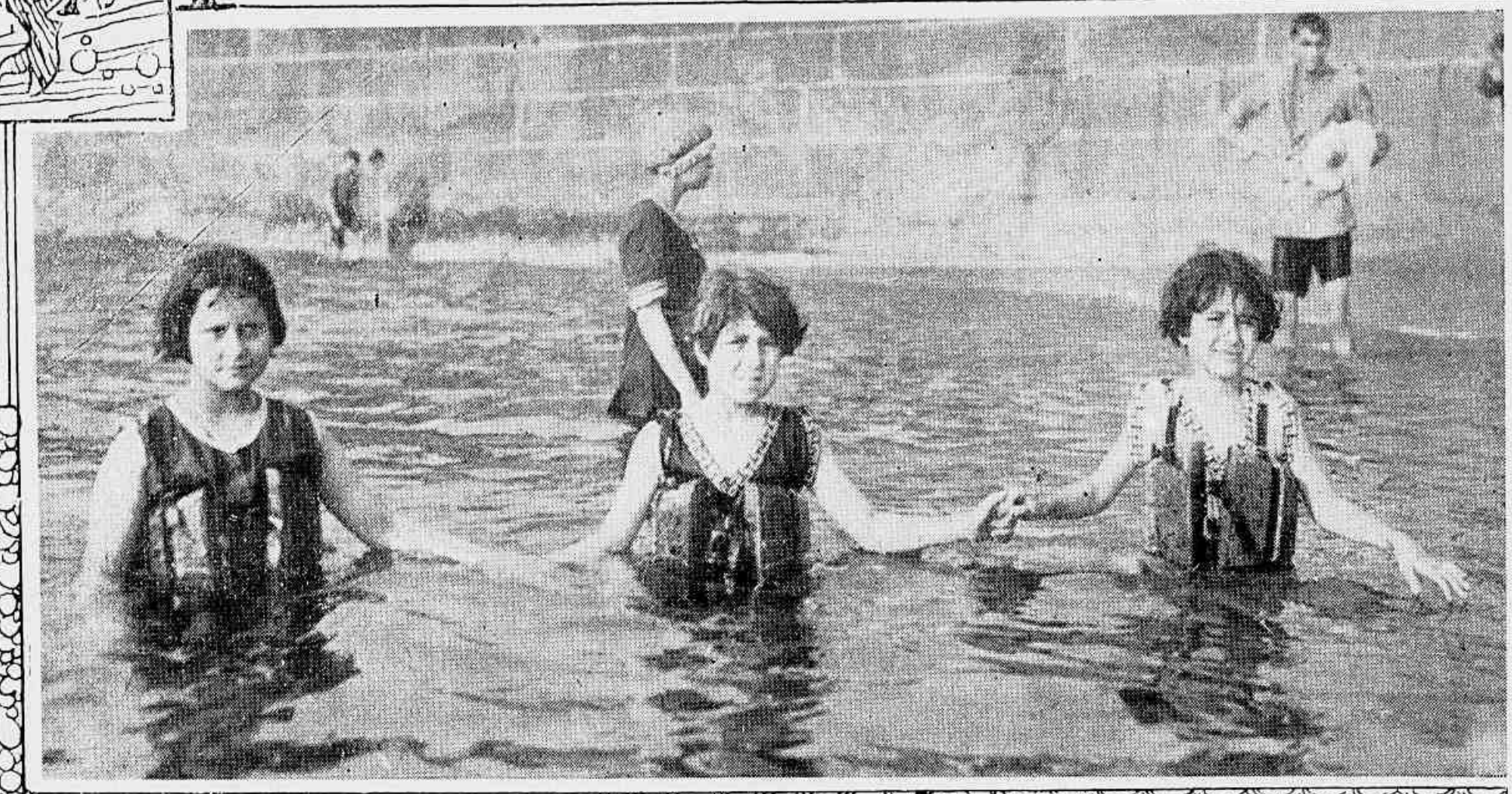
O regimen presidencialista

em Portugal

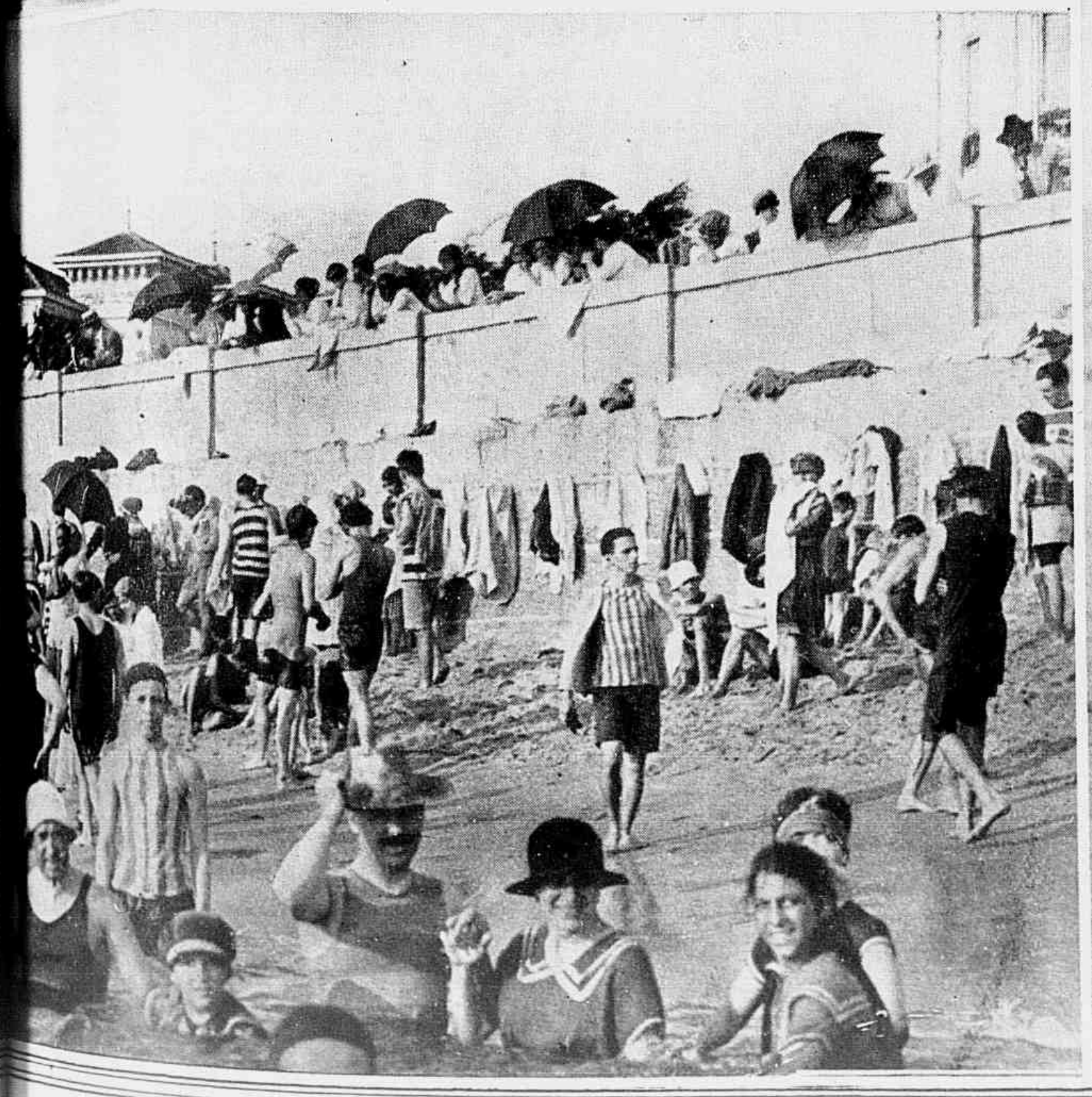
Os telegrammas expedidos de Lisboa trazem-nos a noticia de que o governo revolucionario do sr. Sidonio Paes adoptou o systema presidencialista, vigente no Brasil, para a nova Constituição da Republica Portugueza. Será, assim, pela primeira vez que uma nação da Europa adopta o systema presidencialista americano, pondo de parte o parlamentarismo tradicional, de origem ingleza. Não ha meio de illudir a verdade, que se impõe, de que essa suggestão partiu do Brasil, que deste modo influe, uma vez mais, nos destinos politicos de Portugal. O parlamentarismo republicano fallira de uma maneira estrondosa. Aspirando a corrigir e sanear os vicios que haviam degenerado o principio parlamentar executado pela Monarchia, a Republica corrompeu-o e desprestigiou-o até aos ultimos limites, creando a necessidade de uma revolução para pôr termo aos seus desmandos. Já quando, em 1911, as Camaras discutiram o projecto da Constituição, appareceram defensores do systema presidencialista, entre os quaes avultava o sr. José Barbosa, que apresentou um projecto de Constituição modelada pelo nosso, advogando vehementemente nas Constituintes e na imprensa as vantagens desse systema, que daria continuidade e solidez aos governos, a quem competia uma ardua tarefa de reformas e de administração. Sete annos depois, feitas as provas do viciado parlamentarismo republicano, que enthronisou a demagogia no poder, o exemplo do Brasil mostrou aos homens do governo portuguez as vantagens de um systema garantidor da auctoridade e da ordem.

E' interessante recordar que o primeiro projecto de Constituição da monarchia liberal portugueza foi redigido no Brasil pelo Imperador D. Pedro. E', pois, pela segunda vez que o Brasil intervem com a suggestão do seu exemplo na constituição politica da antiga metropole. Por via da influencia que o Brasil exerce em Portugal, a constituição americana de Washington, votada em 1789, faz o seu apparecimento na Europa, no preciso momento em que os Estados-Unidos interveem, tambem pela primeira vez, nos destinos politicos da Europa, combatendo ao lado dos alliados.

Aspectos do Rio.



O banho no Flamengo.



Cos do Boulevard

CORRESPONDENCIAS DE PARIS

por PAULO DE GARDENIA

O leilão La Jeunesse

Os objectos artisticos, as gravatas — mesmo as gravatas — e a admiravel collecção de bengalas de Ernest La Jeunesse vão ser, dentro de alguns dias, dispersados n'um leilão.

Ernest La Jeunesse! Quantas evocações de bohemia, de espirito *boulevardier*, de intelligencia, de *laisser-allier* este nome evoca...

Houve um momento em que La Jeunesse foi perfeitamente notavel — notabilidade ephemera de *affiche* que o vento leva...

Foi ha um seculo, isto é: foi apenas antes da guerra. Paris, n'essa epoca, já tão remota, era sceptico, bebia absintho, ouvia com prazer as canções galantes de Montmartre lia o amoralismo esthetico de Pierre Louys e de Claude Farrère e, ebrio de ether e de opio perfumado, lançava diariamente, nas aras de Aphrodite, offrendas colossaes... Que mundo de elegancia, de arte, de belleza, de prazer e de delirio!... E como passou depressa!...

Contam as chronicas de *avant-guerre*, já quasi tão longinquoas como as de Froissart, que naquelles tempos, o Sr. André de Fouquières — o Daniel Salomon do *Lys-Rouge* — hoje discretamente *embusqué* n'um posto de capitão de rectaguarda, era o despotico e terrivel rei das elegancias parisienses. Ernest La Jeunesse tambem teve a sua legenda de elegancia — uma elegancia muito delle, *négligée* e, ao mesmo tempo, um pouco *hautaine*.

A sua historia, romantica como a de todos estes eternos adolescentes que são os artistas e os poetas, é a mesma de todos nós. Aos vinte annos, armado de dois retratos, como dois amuletos, — o de Anatole France e o de Maurice Barrès — partiu de Nantes, sua terra natal, a ver Paris, a cidade que o deslumbrava.

As grandes cidades exercem so-

bre o espirito dos homens intelligentes, que nascem na provincia, a mesma influencia do iman sobre o ferro. De longe, desde creanças, pensamos nellas, amamol-as antes de as conhecermos; é a obsessão, é o desejo continuo, aguçado dia a dia pela leitura, pelas imagens, pelos echos que nos chegam, de longe, prestigiados pelas legendas como o canto fascinador de uma sereia: *Vem a mim, oh! meu amado!*... E é impossivel resistir... A gente sabe, muitas vezes, que vae soffrer; presente que a lucta será enorme; que ha espinhos e venenos, dores e obstaculos nos caminhos. Mas, apesar de tudo, partimos... Oh! attracção eterna das cidades eternas, insaciaveis e exigentes com as mulheres e as divindades!...

La Jeunesse pobre, só, moço, com talento, veio para Paris. A sua vida, nos primeiros tempos, foi o assalto. Depois, a Fama, rendida como namorada, veio lentamente entrando-lhe em casa. Então, para bem recebê-la, elle começou, com requintes de artista e carinhos de amante, a encher o seu *appartement* de raridades, de *bibelots*, de preciosidades artisticas.

Uma dia era uma estatueta em porcellana chinesa do seculo XIX, dos Uing; uma miniatura em marfim, do Renascimento; kimonos japonezes, de seda, de Yeddo, do bairro velho; a ceramica heraldica da Edade-Media; capacetes de bronze, dourados a fogo, do Cambodge; esmaltes de Munich; pergaminhos medievos de Weimar; encadernações primitivas dos livreiros de Dax, a curiosidade, o primor, a raridade de objectos antigos e estheticos. E — verdadeiramente nababesca — uma collecção de bengalas, magnifica, maior do que a de Eduardo VII, incomparavelmente superior á de André de Fouquières — 217 bengalas de todas as epocas, de todos os feitios e de todas as especies. Havia os grossos bengalões da Revolução e do primeiro

Imperio, com cabeças de dragões e nymphas em bronze e em marfim. como castões; as finas *badianes* de junco das Indias e de bambú do Sudão; os *unicornios* carissimos de 1830; as bengalas de ebanho, das madeiras exoticas da America, de castões de ouro e de prata; as bengalas de couro, da Australia e das espinhas dos grandes peixes do Baltico... Era a mania de La Jeunesse. Os jornaes, espantados, commentam e interrogam o motivo desta exuberancia de bengalas *chez La Jeunesse*, sobretudo porque elle sempre andou sem bengala — esquecidos de que sempre guardamos e escondemos aos olhos estranhos aquillo que mais amamos...

Mas — e aqui está a *nota pessoal* do character e do temperamento de La Jeunesse — ao lado desta avalanche de objectos artisticos, alguns verdadeiramente preciosos, em sua casa existiam sómente: UMA CAMA E DUAS CADEIRAS!! Um leito de ferro, de estudante, e duas cadeiras — uma para elle, e a outra, naturalmente, para uma das Musas, quando se dava ao prazer de conversar com ellas, n'aquelles momentos em que, tão diabolicamente epigrammatico, fazia a sombra de Heredia confessar: *Je suis celui qui met en fuite les idées...*

São estes objectos que irão ser postos à venda em breve, ás duas horas da tarde, no *Hotel des Ventes* da Rua Drouot. E talvez a collecção de bengalas de La Jeunesse atinja alguns milhares de francos — um pouco mais do que em vida lhe deram todos os seus livros...

Passy, 8 de Dezembro de 1917.

PAULO DE GARDENIA

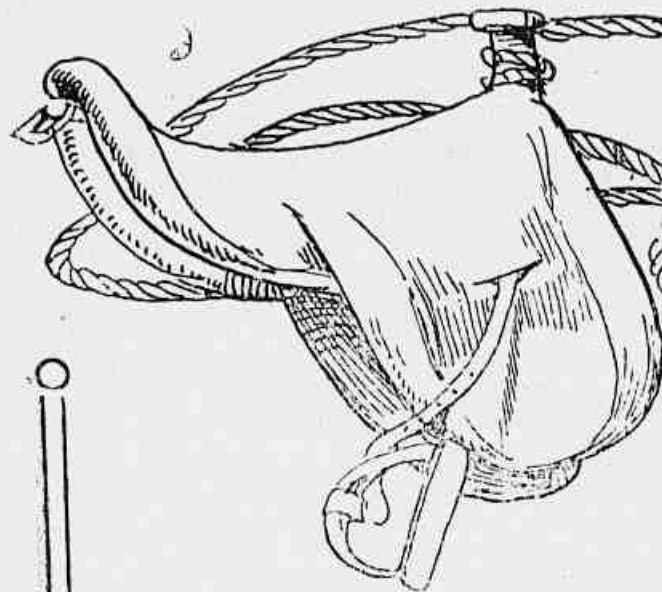




BAILE DOS ARTISTAS no "Phenix".

O baile realizado no "Phenix", em segunda-feira de carnaval, por iniciativa dos artistas, foi o primeiro ensaio do nosso baile de «quat'zarts». Ao contrario do que muitos previam, o baile do "Phenix" foi, essencialmente, caracterisadamente, o baile dos artistas, em que se expandiram a *verve* e a fantasia de muitos dos nossos mais festejados cultores das quatro artes, pintores, esculptores, literatos e musicos. Fixamos nesta pagina dois aspectos do alegre e primeiro dos «quat'zarts» cariocas. A' esquerda, em silhueta, vê-se o pintor Helios Seelinger, de luctador romano, e á direita o caricaturista Calixto, de Pharaó. O ultimo grupo reúne alguns dos mais populares artistas do Rio.





Noite de Sexta-feira

Naquelle recanto abrigado, entre as «mangueiras» de pedra e as casas de architectura agreste dos Pampas, erguia-se o galpão nos esteios de bom cerne, sustentando a sua cobertura de «santa-fé» inda meio esverdeado, colhido antes do inverno ali nas nascentes do Baulado-Preto, de cujas alagadiças parece sahir todo esse frio humido, que enche as «canhadas», e faz os grandes ruminantes silenciosas e felpudos subirem passivamente as encostas. Sob o galpão de chão batido e alto pé direito, de cujas paredes «barreadas» pendiam em ordem nos seus logares os «laços» de vinte e cinco braças enrolados com capricho em «rodilhas», os «soveos» de trançado grosseiro, «conjunctas», embarnaes, todo um arsenal das lides campesinas; sob o galpão o «capataz» estava sentado num cepo ao pé do fogo. Era inda o mesmo rustico fogão «gaúcho», mais proximo da fogueira, ao lado do qual vinham confraternizar as gerações sulinas; a cuja beira formou-se o typo sobrio do «guasca», a cuja beira nos longos serões ao passar o «mate» de mão em mão foram bebendo a seiva igualitaria e turbulenta das cavalheirescas democracias sul-americanas.

No fogo quasi apagado chiava uma chaleira e distanciados, acorados nos baixos bancos de «corticeira», os «peões» olharam para a vasta planicie, que se ia diluindo nos longes do horisonte e que o sol no occaso revestia da tristeza desse entardecer de inverno. A espaços por entre algumas «quinchas» afastadas ouviam-se sibilar as rajadas frigiditas do sudoeste, o «minuano» enregelador. Um «piá» entrou sobraçando um feixe de ramas de «nhanduvá» e foi dispondo a lenha no fogão lenta, cuidadosamente, enquanto ia de vez em vez soprando, com as bochechas infladas e os olhinhos semi-cerrados, as velhas brazas do borralho; em breve a chamma despertou, cresceu, adelgaçou a flamulasinha azulada, e foi se avermelhando, rubra e viva nos galhos seccos de boa lenha. Lá fóra no ceu limpido e sereno ia feita a noite, noite de estrellas e de luar.

— Noite bonita, murmurou o indio Affonso apertando mais os olhos selvagens, que as palpebras cahidas velavam a meio.

— Noite de geada, accrescentou o negro Benedicto, e no lusco-fusco do ambiente apenas realçavam no seu rosto os dentes muitos brancos sempre sorrindo no verniz lustroso das maçãs salientes, que o fogo proximo avivava.

— Vai ser de se tirar «lechiguana».

O «capataz» levantou-se e ordenou ao «piá»:

— Amanhã ao sahir do sol ensilhe o «bragado» velho e vá levar o «collorado» lá no «bolicho» do Esteves, que é para seu Anisio.

Quando o «capataz» retirou-se aconselhou o indio ao pequeno:

— O' Jango, «vancê» podia aproveitar o luar; a lua está clara e «vancê» pode bandear o passo e ir dormir no rancho da sua tia. Faz p'ra mais de mez que «vancê» não toma a benção da «veia». E' caminho e adeanta serviço.

O Jango agradou-se da ideia e começou a dispor os arreios.

— Vou pedir a «seu» Tirso, disse pensativo quasi para si.

— Hoje é a primeira sexta-feira de Agosto, lembrou o negro enquanto ia enchendo a «cuia» de herva nova.

— Dia de assombração. Dizem que os «lobishomes» nestes dias sahem por esses descampados a cruzar campo naquelle trotesinho, no mais, como um cachorro preto, grande.

— E ha gentes que se viram em «lobishomes» e são «malevolos»..., acresentou o Chico-Pedro, achegando-se mais para o fogo e virando as mãos de palma para o calor.

— Qual!... sentenciou o indio.

«Elles não fazem mal aos viventes, vão passando o seu caminho. Só se «vancê» matar um e «le» respingar o sangue delle, então é «vancê» que vira «lobishome»!

Um cachorro deitado, quasi enrolado sobre o borralho, mexeu-se e rosnou; o «piá» parou de arranjar os arreios e veio para perto ouvir, muito interessado.

— Naquelle tempo, começou o Benedicto, nós trabalhávamos na Estancia Velha. Uma noite de verão, era sexta-feira, nós todos dormiamos fóra, nos arreios, par baixo dos «umbús»; o Joca tinha ido ali para traz da «mangueira», voltou de vagarsinho e me acordou:

— Benedicto, disse elle, ali na porteira da mangueira tem um «mão pellada», vamos tirar o couro do bicho. O «mão-pellada» estava lá «sentadinho» entre as duas «tronqueiras», na noite escura. Eh pucha! nos «agachamos» de facão no bicho; era talho daqui, talho dali, o ferro «relava» nas pedras que sahia faisca.. Em cima mesmo do vulto preto nós «riscava o taio» e quando se via o facão batia nas pedras. Ahi foi que nós vimos que era «lobishome». Ferro nem bala não entram no corpo delle...

Fez-se um silencio geral e o «piá», a quem o negro passára o «mate» principiado, começou a encher a «cuia» para a roda.

— Então não vais mais fallar ao capataz? perguntou o Chico-Pedro.

— Que... retrucou o «piásinho», Domingo eu tiro licença, assim já aproveito para mudar roupa.

Os tres entreolharam-se quasi rindo, rostos abrazados pelo calor aconchegante do fogão naquelle noite de inverno; mas no fundo daquellas almas destemidas, affeitas ás rudes lides da «campanha», inda ficára um vago respeito pela longingua lenda do «lobishome» a trotar pelos descampados ás deshoras das sextas-feiras.

Q. MILTON

ODE

(NO ANNIVERSARIO DA BATALHA INDECISA DE ITUZAINGO)

Destas coxilhas, ao luar, a infinda
Graça e a extensão povoam-se de alarmas:
Nestes campos historicos, ainda
Retumba o trom das armas

Despertando nas covas esquecidas,
Dos heroicos varões a cohorte avança,
E das reabertas boccas das feridas
Saem hymnos de esperança.

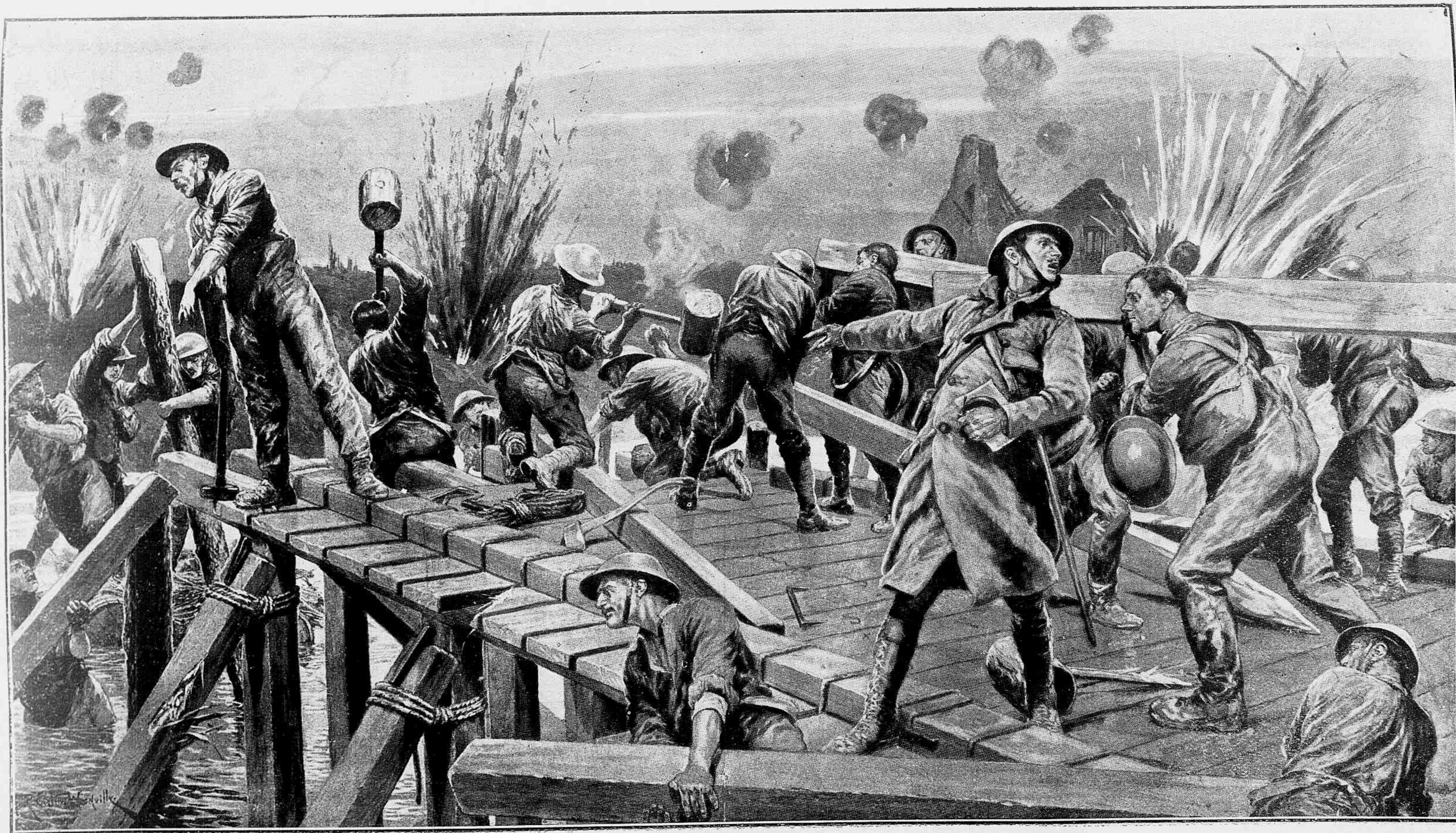
Vibrem hymnos, e, em côro prolongado,
Da grande patria unida a gloria eterna
Celebrando, recordem o passado
A' geração moderna.

Ressurja o velho ideal do chão da lide
E á virtude enrijando, forte e pura,
Os sonhos do presente consolide
Em grandeza futura.

Destas coxilhas, sob o sol, a infinda
Graça e a extensão povoam-se de alarmas:
Nestes campos historicos, ainda
Retumba o trom das armas.

Povo dos Pampas, valoroso povo,
Retoma o teu, de outrora, márcio aspeito,
— Seja a bravura antiga o escudo novo
Que te defenda o peito!

LEAL DE SOUZA



As memórias

DE

D. JOÃO

Frederico era um cultor fervoroso da amizade, um fanático do trato expansivo. Estas circumstancias, bem patentes e manifestas, contrastavam com o odio, com a antipathia que Frederico demonstrara sempre para com o escriptor D. João do Valle, o respeitavel auctor da *Philosophia da amizade*.

Essa antipathia era terminante, inexoravel, chegando a ser o odio mais irreductivel; pude comproval-o mais de uma vez, e dahi minha estranheza ao receber a visita de Frederico, e expressar-me este seu desejo de que o ajudasse na tarefa de procurar a maneira de reparar, publicamente, o aborrecimento com que sempre envolvera o nome e a memoria de D. João do Valle.

Ante tal manifestação, julguei que Frederico estivesse perturbado por uma momentanea superexcitação sentimental, ou que alardeasse a mais refinada ironia.

Fosse o que fosse, respondi-lhe com um gesto de indiferença, emquanto esboçava um sorriso cheio de scepticismo.

Em vista de minha attitude, Frederico retrucou decidida e veementemente:

— Não escarneças. Falo-te com toda a sinceridade. Preciso satisfazer uma divida de honra, uma divida sagrada que tenho para com D. João do Valle, para com esse homem cuja bondade não tinha limites, para com esse homem a respeito do qual meu pae morreu absolutamente equivocado.

A cada palavra de Frederico augmentava cada vez mais minha curiosidade e meu assombro.

— Ouve e comprehenderás — disse-me meu amigo, emquanto sentava-se e tirava do bolso interno do casaco uma profusão de papeis — Rogerio, o filho do editor da *Philosophia da amizade*, viu-me esta manhã, e indo resolutamente a meu encontro communicou-me que, na procura de originaes feita em casa de D. João, haviam encontrado uma correspondencia em que se achava intercalada uma especie de "Diario,, intimo, no qual existiam algumas paginas que faziam referencias a meus paes.

Perguntei avidamente a Rogerio se pensava em editar esse "Diario,, ao que me respondeu que o genero preoccupa aos francezes, mas que aqui, em Hespanha, não havia en-

trado ainda; que o editor que lançasse alguma cousa parecida com a correspondencia de Flaubert, com as cartas de Musset, de Lamartine ou de Merimée, demonstraria sêr um perfeito perdulario.

Diante de taes explicações, perguntei a Rogerio se queria facilitar-me essa correspondencia ou "Diario,, intimo de D. João do Valle, manifestando-me elle que a tinha a meu dispôr.

Acceitei o offerecimento, e daquelle mesmo logar fui com Rogerio buscar tão interessantes papeis.

Comprehenderás perfeitamente que, uma vez na posse das alludidas cartas, não pude resistir á tentação que me aguçava, obrigando-me a lê-las em seguida, e assim o fiz, anciando por saber que era o que dizia D. João a respeito de meus paes, assim como por conhecer bem claramente o coração do homem a quem todos tinham por um genio, e eu aprendera a considerar como um perverso.

— E então? — insinuei.

— E então! Vaes saber-o. Ah! tens os manuscriptos. Ouve — replicou emquanto punha em ordem os papeis — Ouve, que vou lêr-te a synthese desse «Diario» — e leu assim:

«1875 — 4 de agosto. — Decisiva impressão, a de hoje! Maria é uma creatura ideal. Sinto-me feliz ante a perspectiva de sua amizade. Como é bella! Tem quinze annos justos. Levo-lhe dous de vantagem. Bem. Isto me dá sobre ella uma certa superioridade. Sinto uma alegria immensa, pensando que talvez possa ser minha noiva. Sinto-me tão cheio de satisfação que não posso deixar de communicar-a a meu amigo, a meu excellente amigo Frederico. Vou procural-o. Viva a vida!»

«3 de setembro. — Estou contente com meu procedimento. Fiz apresentação de Frederico á divina Maria. A impressão que meu amigo causou foi profunda. Não escapou a meus olhos, e muito menos a meu coração. Foi julgado altamente sympathico. Não podia deixar de ser assim, porque Frederico é um rapaz agradabilissimo. Em compensação, Maria não causou grande impressão a meu amigo, pois Frederico me falou sobre ella indifferentemente, quasi com desprezo. Sinto-o e celebro-o a um tempo.»

«5 de Outubro. — Passei umas

horas deliciosas com Maria e Frederico. Ao sahir de casa de minha adorada, Frederico deu-me o braço, acompanhando-me até á minha casa. Andavamos apressadamente. Frederico falava eloquentemente sobre mil diversos assumptos, seguindo minhas inclinações de philosopho incipiente. Como estava expressivo e sentimental! Parecia declamar ás estrellas, antes que falar commigo. Dizia: — «Sim, sim. Sinto-me saturado de talento e de energia. Sou quasi um desconhecido; mas não importa. Ha de vir, ha de vir a riqueza, e a fama, e a felicidade. Havemos de ser fortes; havemos de ser ousados, para que a fortuna nos acaricie. *Fortuna audaces...*» — Eu vagava tambem pelas amplidões da chimera: via meu nome espalhado pela apregoadora fama das lettras de fôrma; meu retrato, enchendo as primeiras paginas dos periodicos, impunha ao mundo inteiro minha personalidade. Era considerado e acariciado por principes e potentados, e Maria, minha adorada, partilhava commigo desse diluvio de gloria fecunda. Mas, subito, desci do setimo céu. Foi uma quéda terrivel! Frederico falava em voz alta, monologando, e dizia assim: — «Maria! Maria da minh'alma, serás quem ha de levar-me á realização de meus sonhos de gloria e de riqueza. Maria Minha Maria!...» — Em minha estupefacção julguei por momentos que Frederico delirava, e tive de fazel-o repetir o nome que pronunciara. Então, exprimiu-se assim: — «Que queres, rapaz! Meu sincero amigo! Irmão de minh'alma! Que queres? Não posso occultar-te minha ineffavel felicidade. Ouve. Essa creatura adoravel, que me fizeste conhecer por minha fortuna, ama-me apaixonadamente: ella mesma m'o confessou.» Ainda agora, ao traçar estas impressões, sinto que as fontes me latejam, que o cerebro me salta, que minha existencia se acaba. Não posso mais! Não posso mais!»

«30 de Outubro. — Como é cruel meu destino! Vêr-me collocado entre minha amada e meu melhor amigo! Elles se amam com delirio, e eu experimento a dolorosa voluptuosidade de comprovar isso a cada instante. Os paes de Maria oppõem-se a essas relações, e eu, cousa incrível! cousa inaudita! sou quem serve de intermediario!

Quanto sacrificio! A dôr me vae tornando insensivel! Maria soffre tambem cruelmente, mas não é por mim; é pela rude opposição que seus paes lhe movem, seus paes que alimentam o proposito de casal-a commigo. Sempre que fico a sós com ella, não faz mais do que chorar, e entre soluços e soluços dar-me incumbencias para Frederico. Deus meu! Deus meu!»

«7 de Dezembro. — Os paes de Maria, ante o temor de que a infeliz succumbisse ao peso de sua desgraça, deram o consentimento para o casamento com Frederico.»

«1876 — 2 de Janeiro. — Consummatum est! Teve logar hoje o casamento... Fui um dos que assistiram á cerimonia... Um quinteto executava a marcha nupcial, enquanto os noivos atravessavam radiantes por entre convidados... A nave do Oratorio retumbava, num clamor de alegria... Duas lagrimas atraçoaram-me... Não posso continuar... O pranto nubla-me os olhos...»

«1903 — 8 de Março. — Desde que vivo em plena Natureza, entregue a meus estudos e a gozar a emoção que produz o enternecimento lyrico, um só desejo me tortura: Ver Maria e Frederico.»

«15 de Março. — Decidi-me afinal. Visitei meus antigos amigos. Julguei encontral-os felizes, venturosos, gozando as commodidades que sua posição lhes permite. Julguei encontrar um lar feliz. Que desencanto! Que desillusão! Maria estava joven e bella, na plenitude da belleza que a maternidade dá. Recebeu-me sorridente, mas seus olhos não puderam dissimular uma profunda tristeza. Frederico não estava em casa. Fôra, com alguns amigos, para uma viagem de recreio. Conheci o filho de Maria: Frederiquinho. Quando a mãe me apresentou, disse-lhe que me quizesse e respeitasse como se fosse seu proprio pae. Frederiquinho olhou-me carrancudo e desappareceu. Maria fez-me uma supplica. Implorou-me, com os olhos em lagrimas, que eu tratasse de attrahir para o lar o marido, invocando nossa antiga amizade, e tambem o carinho que ella sempre sentira por mim. Essa confissão feita sincera e espontaneamente encheu me de ventura, e fui em procura de Frederico.»

«30 de Março. — E' indigno. Minha entrevista com Frederico foi inteiramente infructifera. Chegou até a suppor que as minhas supplicas eram interessadas! Quão pouco comprehende a pureza de minhas intenções e de meus actos! Estou desolado, desesperado. Não voltarei atraz do meu empenho. Frederico voltará á razão, ou bem pouca é minha força.

Hei de esforçar-me por prendel-o áquelle lar que constituiu, embora arrebatando á minh'alma o sonho que me enchia as noites da mocidade,

Que importa o que de mim suppõe? Tem, acaso, elle o direito de insultar com suas infames suspeitas aquella santa creatura que

é a mãe de seu filho, e eu, que sou seu amigo?

Ah! como é horrivel o mundo! Como são mal julgados as acções nobres e sinceras, mas que, justamente por isso, pela sua raridade, pelo que de extranho encerram, não pôdem ser percebidas claramente por quem não as comprehende!»

«14 de Abril. — Primavera! A musa da gente sensivel, a boa fada dos enfermos. Que contraste!

uma attitudo meditativa, como se visse desfilar num kaleidoscopio factos e cousas que lhe resuscitavam todo um passado, tão equivoco até então para elle.

*

Reinou um longo silencio, até que Frederico o quebrou com estas palavras:

— Comprehendes agora, meu amigo, a sinceridade de meu pedido?



Estupefacto, julguei, por instantes, que Frederico delirava.

Com a chegada da primavera, coincide a partida de Frederico para o outro mundo. Pobre amigo! Deus o tenha comsigo! Agora renascerão a paz e a tranquillidade nesse lar desventurado. Vou para o campo, para a intima communhão da Natureza, terminar meu livro predilecto: a *Philosophia da amizade*»

*

Frederico, que lia, deixou cahir os amarellentos papeis, e ficou em

— Sim, rapaz, comprehendo perfeitamente. A reparação deve ser publica e cumprida.

— Assim a desejo.

— Pois, olha: edita esse «Diario» intimo, e espalha-o profusamente. Reune todos esses papeis sob o titulo de *Memorias de D. João do Valle*, e tu mesmo escreverás um prologo.

(Do hesp., de

PEDRO FERRER GIBERT)



Se o Mundo Fosse

Os jornaes do front

«Le Rire aux Eclats» é um dos mais antigos e espi-rituosos jornaes das trincheiras, escripto no fundo dos abri-

gos, cujo bom humor é realmente apre- ciado pelos civis.

«Le Rire aux Eclats», pois, nem per- gunta quando acabará a guerra. Affirma, em virtude da força do habito, que em 1936 o confictio ainda du- rará.

Apresentamo's a descripção antecipa- da dos acontecimen- tos que, segundo elle, se desenrolarão nessa epocha longinqua.

«Navarre acaba de abater na região de Verdun seu 143.º avião allemão. Sua cruz de guerra tem actualmente 108 pal- mos. Acaba de ser feita a lista recapitu- lativa do numero de prisioneiros dados pela agencia Wolff, desde o começo da guerra: eleva-se a tres bilhões e 420 milhões de sol- dados. A classe das creanças nascidas no primeiro anno da guer- ra chega á frente da batalha. Um neutro, de regresso de Ber- lim, nota que a revo- lução vae rebentar na Allemanha, por causa da carestia dos viveres e da falta de pão.

A moda feminina continúa a tender cada vez mais para os vestidos curtos. O ul- timo modelo de ves- tidos da casa Paquin, grande modista pa- risiense, é uma en- cantadora gola que cobre apenas o pescoço.

Um novo canhão de 920, do qual se esperam grandes resultados, acaba de ser experimentado na Creusot. A doença de garganta do imperador Guilherme II tem feito progressos inquietadores. A censura auctoriza-nos hoje a dizer que a posição de Herrenstadt, no Rheno, foi tomada pelo 3.º batalhão de mulheres voluntarias. A coronela foi, durante a acção, le-

vemente ferida no seio direito. O senhor Julien Ribony, deputado de Lyon, per- guntou ao governo se elle se havia preoc- cupado com o modo pelo qual os solda- dos, habituados ha vinte annos com a vida de trincheiras, receberiam eventual- mente a ordem de volta para os lares. O ministro respondeu que seu stoicismo admiravel e sua alta abnegação estariam ainda uma vez á altura das circumstan- cias. E' este o espirito e a coragem sor- ridente do soldado da França. O vi-

ergue ás margens do Neva, em frente ao Palacio de inverno, que foi até bem pouco residencia dos czares.

E' uma larga historia tragica a dessa fortaleza.

Dentro de suas muralhas, Pedro o «Grande» fez torturar até á morte seu filho Alexis.

Mais tarde foi ali encerrada a princeza Tarakanova; e conta-se que em uma inun- dação se encheu de agua o nicho que ser- via de carcere á princeza, e que os ratos fugiram do perigo, trepando pelo corpo da infeliz prisioneira.

Ali tambem Ca- tharina II mandou en- terrar vivos todos que se permittiram criticar o assassinio de seu esposo.

E não só outr'ora; rcentemente nessa fortaleza mais de um prisioneiro politico tem sido martyrisado.

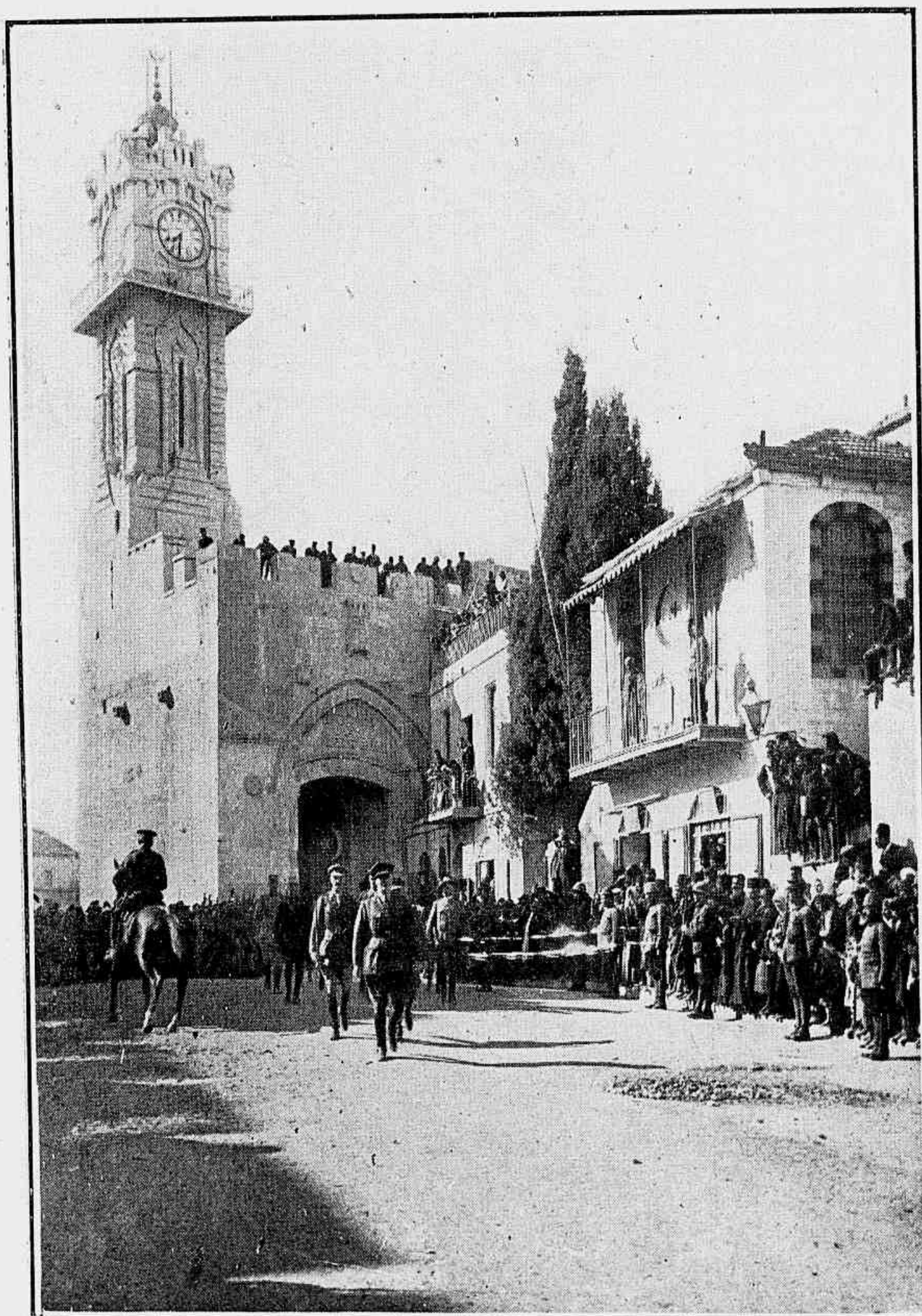
O revolucionario Karakozoff foi força- do a estar sem dormir dias e dias; depois, quando o somno o dominava, os guardas golpeavam-n'o brutal- mente. Quando o le- varam ao patibulo ia já meio morto.

O principe Kropo- tkin esteve preso em S. Pedro e S. Pau- lo alguns annos, até 1870.

As muralhas e a porta de sua prisão foram cuidadosamen- te acolchoadas, para que na cella reinas- se um silencio abso- luto e impenetravel.

A tortura infligida ao notavel sociologo era assim accrescida com o isolamento per- feito e soturno do res- to do mundo; e diffi- cilmente se concebe o poder de resistencia de um cerebro capaz de manter a sua in-

tegridade em tão apavorante situação. Por felicidade de Kropotkin, a Socie- dade Geographica da Russia conseguiu que lhe permittissem continuar escrevendo uma obra que havia iniciado; mas a permis- são era limitada a umas tantas horas, e os carcereiros tiravam-lhe a penna e a tinta pelo meio da tarde. De qualquer modo, graças a essa occupação de seu espirito, poudo o principe escapar á lou- cura.



A ENTRADA DO GENERAL INGLEZ ALLENBY EM JERUSALEM

(Photographia official).

gesimo inverno de guerra que começa não altera sua resolução nem seu bom humor.»

E isso é admiravel!

Castello tragico

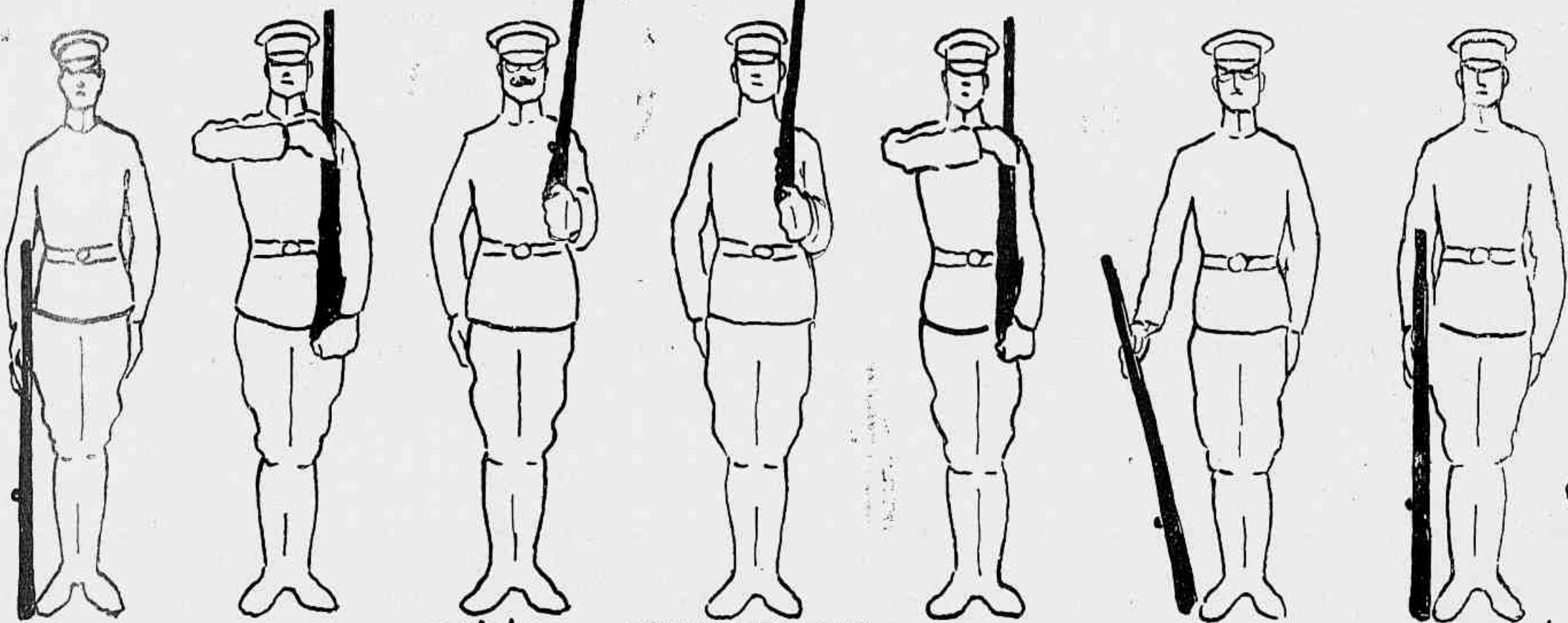
A fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, em Petrogrado, de que tanto se ha falado por motivo dos graves acontecimentos da Rus- sia, é uma enorme molle de pedra que se

tegridade em tão apavorante situação.

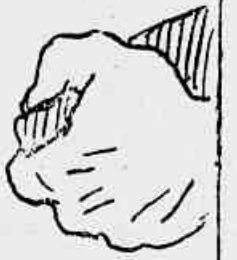
Por felicidade de Kropotkin, a Socie- dade Geographica da Russia conseguiu que lhe permittissem continuar escrevendo uma obra que havia iniciado; mas a permis- são era limitada a umas tantas horas, e os carcereiros tiravam-lhe a penna e a tinta pelo meio da tarde. De qualquer modo, graças a essa occupação de seu espirito, poudo o principe escapar á lou- cura.

TERCEIRA PORÇÃO

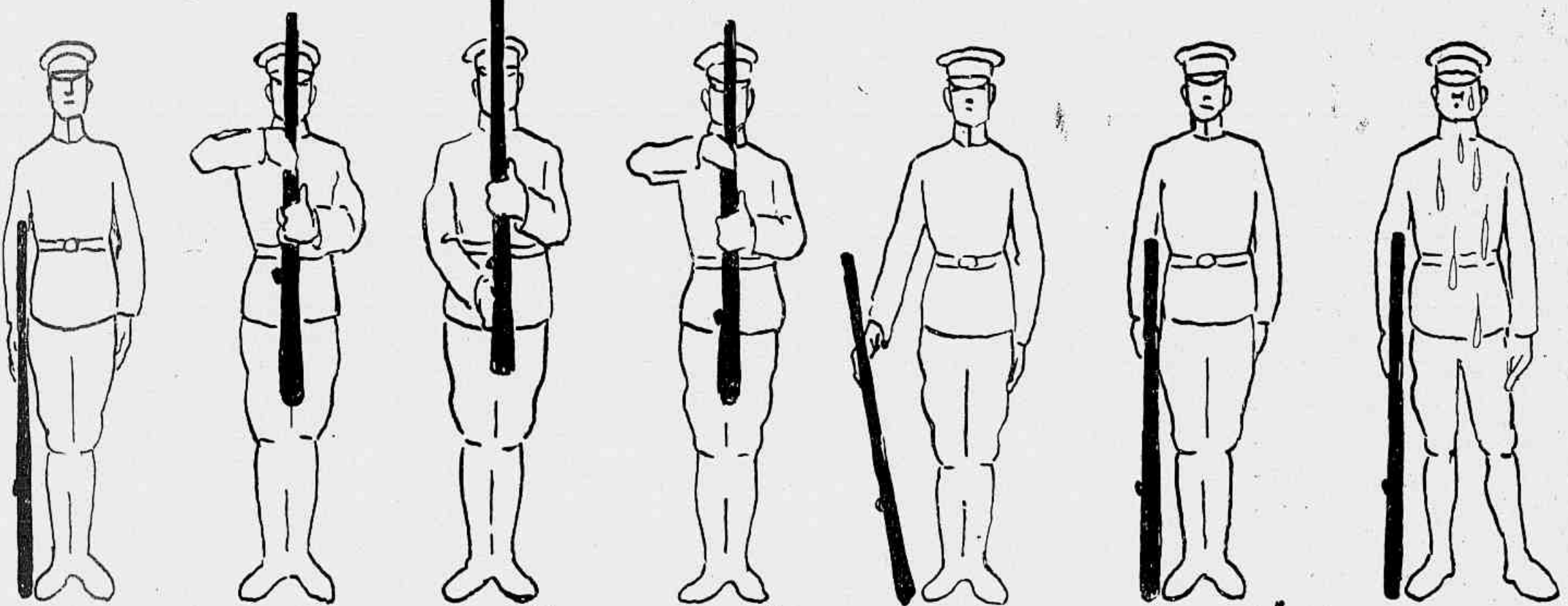
DE RUDIMENTOS MARCIAES PARA OS NOVATOS DAS LINHAS DE TIRO.



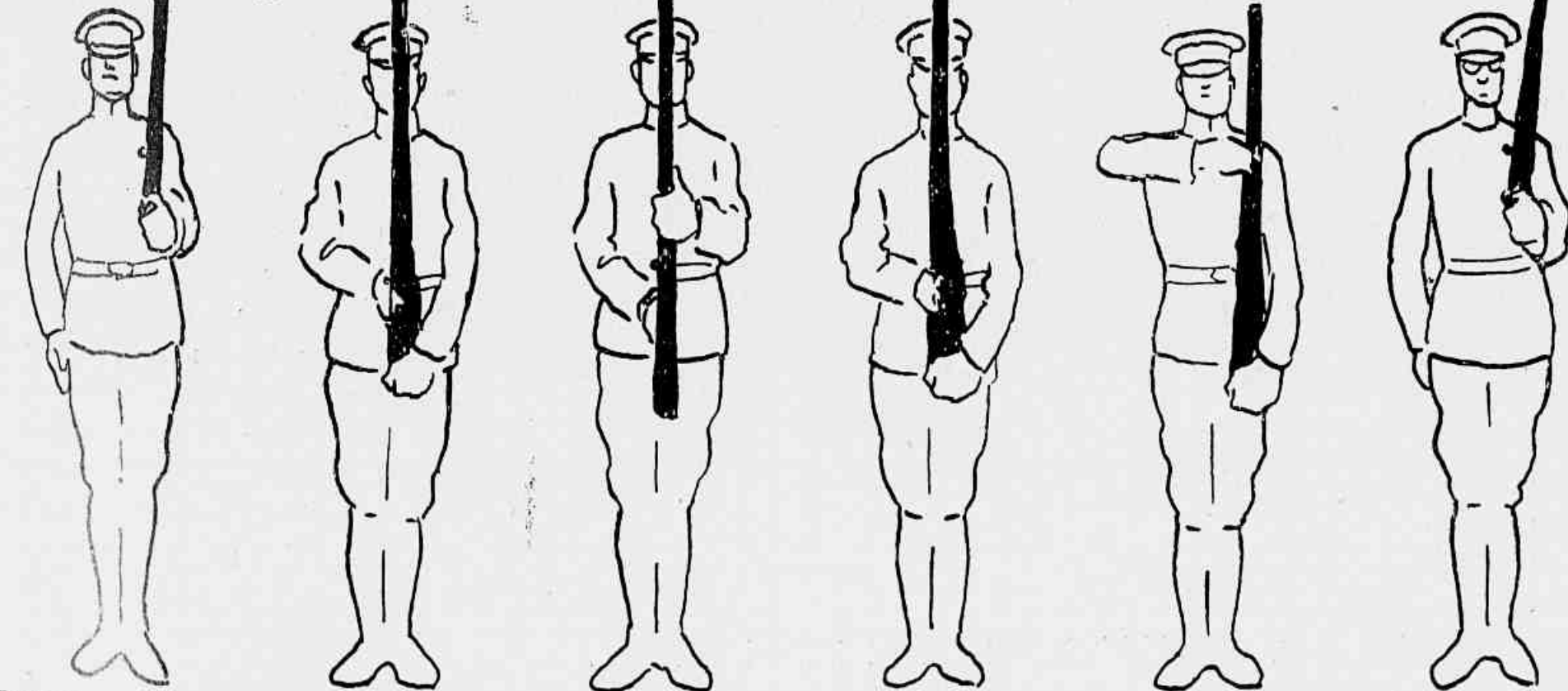
A MÃO NA CORONHA



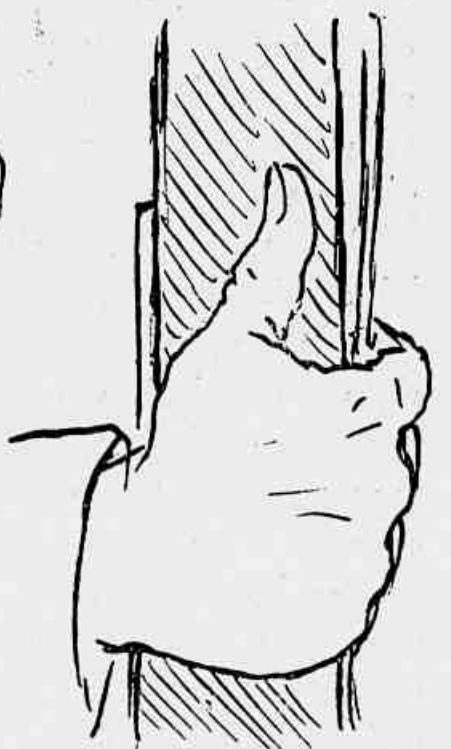
HOMBRAR ARMAS: - UM — DOIS! DESCANÇAR ARMAS: UM: — DOIS — — TREZ!



APRESENTAR ARMAS! UM DOIS! DESCANÇAR ARMAS — — — — — DESCANÇAR!

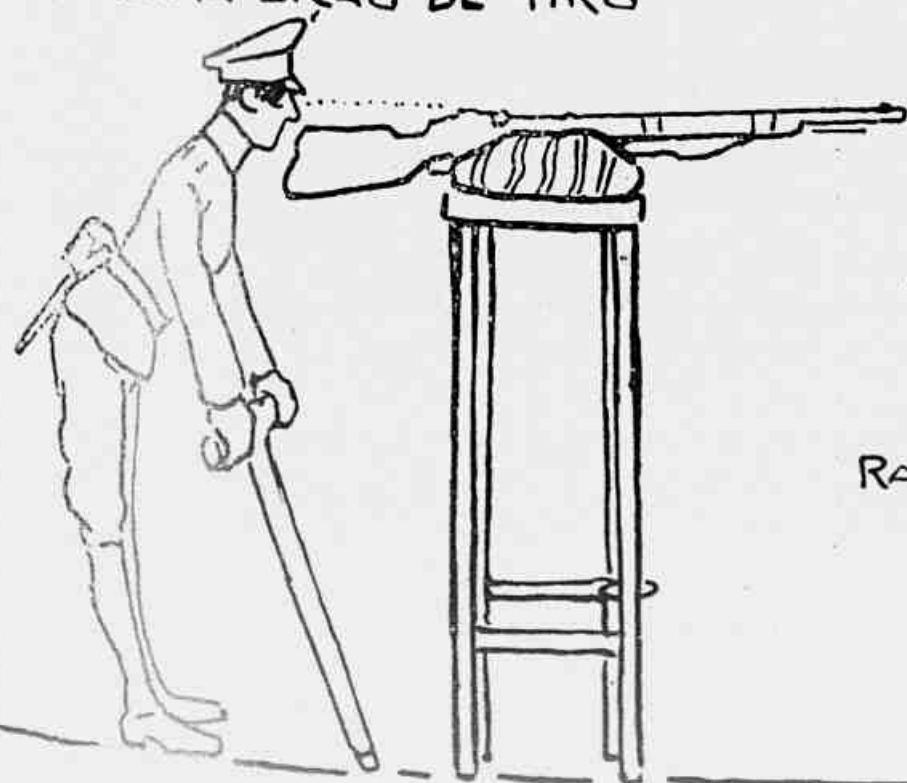


APRESENTAR ARMAS — UM — DOIS! HOMBRAR ARMAS! —



A MÃO PERTO DA ALÇA DE MIRA

PRIMEIRA LIÇÃO DE TIRO



MASSA DE MIRA

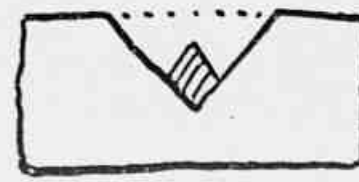
RAINURA DA ALÇA DE MIRA



TIRO CERTO



TIRO ERRADO (ALTO)



TIRO ERRADO (BAIXO)



TIROS ERRADOS BAIXO, ALTO E DE BANDA.



AO ELEITORADO DO DISTRICTO FEDERAL

Aceitando a honrosa indicação de meu nome para candidato a deputado federal pelo 1º districto, feita pelo Centro Republicano, assim como por influentes chefes politicos dos districtos municipaes de Sant'Anna, Sacramento, Gavea, Santo Antonio e Santa Thereza, não posso deixar de manifestar, nesta ligeira exposição que aos meus amigos e eleitores faço, todo o meu reconhecimento á elevada prova de consideração que me foi dada pelo digno Presidente da Alliança Republicana, o eminente Sr. Dr. Paulo de Frontin, incluindo meu nome entre os candidatos recommendaveis por aquella pujante agremiação politica no pleito de 1 de Março proximo. Tivesse sido em outros tempos, não me atreveria a disputar esta pretensão. Republicano de coração, grande admirador desta democratica forma de governo, educado num meio onde o dilema sempre foi «tudo pela Republica», phrase esta que sempre acompanhou o abnegado propagandista e republicano historico Rodolpho Miranda, em quem desde a minha meninice pude observar o seu desinteressado amor pela forma de governo da qual tinha sido um dos mais ardentes propagandistas, não podia eu, sem grande pesar, deixar de constatar que o pleito eleitoral, entregue como estava nas mãos de alguns chefes, na maioria das vezes sem escrupulos, era dominado pelo vicio e pela fraude em seus multiplos e variados aspectos.

Agora, porém, que uma lei patriotica procurou assegurar a verdade do voto, sinto-me animado a concorrer ao pleito, e a não recusar meu apoio nesta cruzada moralizadora que ora se forma, afim de que realmente o Congresso seja composto dos verdadeiros eleitos do povo e que como tal reflectam suas justas aspirações, suas verdadeiras vontades.

Os beneficos effeitos desta lei já começam a se fazer sentir. Tenhamos em vista o movimento promovido pelo Centro de Commercio e Industria em torno de sua representação no Congresso Federal.

Qual não tem sido até hoje o sacrificio destas classes, já por lhes faltar um guia, uma sentinella avançada no Parlamento, que, orientando o legislador, apontasse a melhor rota a seguir, sem desprezar os seus dignos e justos interesses?

A má politica muito tem contribuido para o retardamento de medidas de caracter nacional — seja pela morosidade no encaminhamento das leis que lhes di-

zem respeito, seja pelo desvirtuamento que lhes imprimem na maioria das vezes do verdadeiro fim almejado.

E' preciso que nos compenetrems de que o Brasil, paiz novo, de recursos imensos, jámais sahirá da mediocre posição em que se encontra, se os poderes publicos dentro dos limites de suas attribuições não concorrerem com o auxilio efficaz de suas poderosas forças em cooperação com o esforço privado.

Nestas condições temos um sem numero de industrias, verdadeiras fontes de riqueza nacional, no mais completo abandono algumas, incompletas em seus fins outras, e isto unicamente por não terem encontrado por parte do legislador o au-

legitimos e nobres interesses. Attendendo á grave situação do momento que atravessamos e que sómente um mão patriota não comprehenderá, não desejo me estender em promessas ou propôr medidas que talvez servissem para reclamo, mas que na realidade seriam inoportunas. Pugnarei, porém, pelas medidas que mais de perto digam respeito ao operariado, como sejam as attinentes ao barateamento da vida, procurando impedir a aggravação de impostos sobre os generos de primeira necessidade, assim como apoiarei decididamente o programma da Alliança Republicana no que diz respeito ao desenvolvimento e melhora-mento das vias de comunicação do Districto Federal, na zona rural, auxiliando o desenvolvimento da pequena lavoura de modo a poder este municipio concorrer ao nosso mercado com o que produzir em melhores condições que os Estados proximos, e quanto se proponha a elevar politicamente o Districto Federal pela formação de um grande partido, cuja missão maior seja reclamar para a nossa terra a collaboração a que a Capital da Republica tem direito na alta administração do paiz e especialmente no governo municipal.

Um outro assumpto da maior revelancia é o que diz respeito á infancia abandonada e delinquente, para o qual a nossa legislação ainda não procurou remediar os erros diariamente apontados: para elle, se fôr eleito, apresentarei medidas a meu ver de grande necessidade.

Como patriota e conhecendo o salutar beneficio que á formação de uma raça viril traz o desenvolvimento physico de sua mocidade, procurarei dentro das attribuições legisla-



DR. OCTAVIO DA ROCHA MIRANDA

xilio indispensavel a seu desenvolvimento.

Como industrial, conhecendo os inconvenientes de algumas leis, impossiveis ás vezes de serem executadas em relação a determinados impostos e na maioria das vezes por demais onerosas ao commercio e á industria, forças indispensaveis ao desenvolvimento economico e á prosperidade da Nação, estarei sempre vigilante, procurando harmonizar os legitimos interesses da Fazenda Nacional com os dessas classes, certo de que assim estarei cumprindo o meu dever de Brasileiro sem prejuizo dos interesses da cidade do Rio de Janeiro, da qual serei dedicado representante, e onde o commercio e a industria têm no Brasil os maiores, mais

tivas impulsionar a pratica dos sports, que tão admiraveis resultados produziram na Inglaterra, onde os seus magnificos exercitos puderam rapidamente ser constituídos graças á tenacidade e frequencia com que cultivam os variados ramos do sport.

Como carioca, espero do eleitorado do Districto Federal o mandato de seu representante, que desempenharei, se me fôr conferido, com esforçada dedicação aos interesses das nossas classes productoras, do operariado e do commercio e industria, e com a assiduidade que me é habitual no cumprimento de meus deveres.

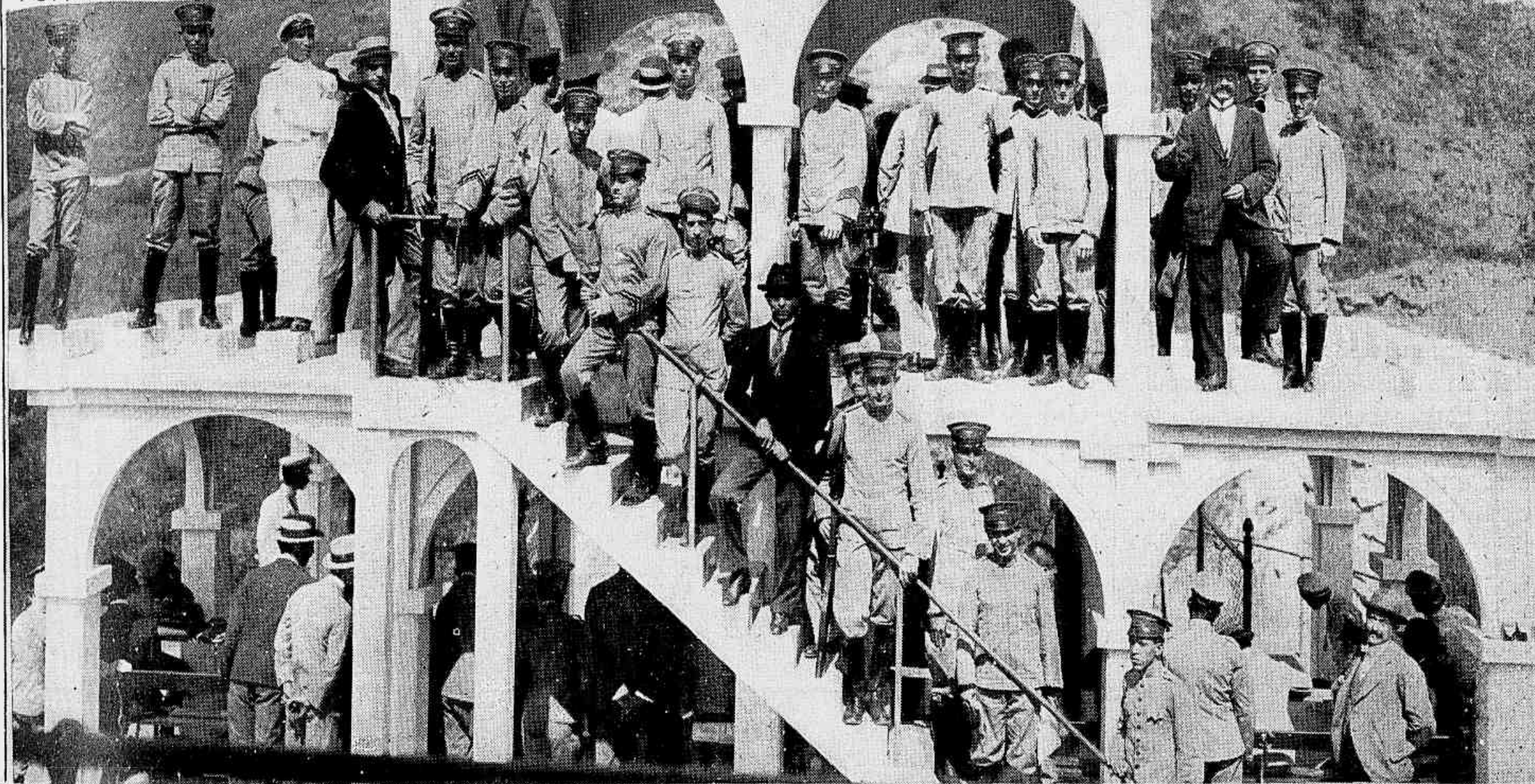
OCTAVIO DA ROCHA MIRANDA
Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1918.

O campeonato de fuzil de guerra do Tiro 7

Grupo de concorrentes no Stand da Quinta da Boa-Vista



o campeão
Fernando Vigarano.



Echos do Carnaval

(Para o caricaturista Fritz)

Fritz amigo, conheço
a extranha perturbação
que esse Pierrot travesso
foi te pôr no coração...

Andas triste e tão mudado
que chego a pensar até
que o teu unico cuidado
é pensar naquella pé...

Naquelle pé e naquella
bocca cheirando a jasmim,
tão feiticeira e tão bella
que um seu «não» nos lem-
bra um «sim»...

E aquella voz!... Que delicia
o seu doce timbre tem!
Voz de amor, voz de caricia,
voz que encanta e que faz
bem...

Pobre Fritz... E o mysterio
a te encher a alma de dor...
Eras alegre, e hoje és serio
qual grave Commendador...

Esse Pierrot mysterioso
talvez não saiba, talvez,
que pode fazer ditoso
quem assim tão triste fez...

BELMIRO BRAGA

Mais uma prophecia

Mais uma!

Talvez não seja a ultima... São tantas
e taes as prophecias que visam explicar
de qualquer modo o proximo ou remoto

sabor: o novo propheta assevera que a
liberdade voltará a fulgir no Velho Con-
tinento precisamente na data em que
commemoramos nossa emancipação po-
litica.

Os inglezes têm, com justa razão, na
mais alta conta o generalis-
simo Douglas Haig; d'ahi a
razão de haverem sido to-
madas as letras do grande
vulto inglez para signaes ca-
balisticos.

Assim, indicando-se cada
letra do nome de Haig pelo
numero de ordem que tem
no alfabeto, chegamos
á seguinte conclusão:

H — 8.^a letra

A — 1.^a »

I — 9.^a »

G — 7.^a »

Portanto, nada mais facil
do que ser encontrado o
numero 8197.

Mas — isso só mesmo os
prophetas poderiam desco-
brir — o numero 8197 deve
ser invertido, transforman-

do-se em 7918, ou seja 7-9-18, isto é,
7 de setembro de 1918.

Quer dizer que, na altura em que
estamos, já devemos andar pelo começo
do fim...

do fim da guerra, que já existe um volume
em que vêm enfeixadas as mais interes-
santes.

A que anda agora a correr a Inglaterra
tem, todavia, para o Brasil, um grato



Alois («chauffeur»), Ottomar e Victoria, gentis filhinhos do sr. A. Fabian, que, no Carnaval, resolveram mostrar como se pode andar de automovel sem machucar ninguém e despertando sorrisos de admiração



A SEGUNDA-FEIRA

O ar quente da tarde está a pedir-nos uma fugida para a montanha ou para as praias. Corcovado, as Paineiras, o Sylvestre, a Tijuca, a Urca, o Pão d'Assucar deviam estar repletos, mesmo porque, se duas centenas de «encantadores» subiram para as estações d'estio, outras duas continuam aqui em baixo, agarradas ao Rio, que adoram e não desejam abandonar, nem por tres curtos meses. Aliás, esta maravilhosa cidade verde offerece todas as delicias de um verão suave aos que não a deixam nestes dias de sol dourado. Para isto, basta saber temperar as horas, entre os passeios dos logares apraziveis, sob as arvores, e as tardes amenas de Copacabana ou Flamengo, não esquecendo a Boa-Vista, que é sempre deliciosa. Mas, em verdade, os que aqui se fixam o fazem, sobretudo, pela Avenida, seu maior encanto neste paradisiaco meio de muito maiores encantos. E a Avenida, hoje, vale por duas horas de estufa — o George Wallsh, das quatro ás cinco, e o chá, das cinco ás seis...

Depois do cinema, o Alvear.

A sahida de um cinema é um espectáculo sufficientemente ridiculo. Fóra, se encurva um crescente de basbaques, os que esperam, certos, quase todos, de que de alguém, que venha de dentro, tenha sempre a caricia de um sorriso, uma promessa a desfolhar-se em labios de rosa. Os que sahem trazem um ar intrigado de despeito e raiva.

Dous passos adeante, é a casa de chá. Entram. Ha a plethora. Os mais apressados conseguem um lugar numa das rareantes mezas. Os demais resolvem ficar á espera, resmoninhando contra os que se apressam. Também é ridiculo.

Nós, que não fomos ao George Wallsh, já nos achamos sentados. Eramos os mesmos de sempre, quatro.

— Olegario queixa-se de uma perfidia... Ingenuidade!

— Mas é horrivel!

— Elle que faça o indifferente...

E Carlos D'Utra citou o conselho de Paulo Barreto, o escriptor eminente.

— Ou a gente se torna de uma total indifferença, ou tem de sahir correndo pelas ruas, a chorar a dôr das calumnias e infamias desses inimigos sem nobresa nem generosidade... O verdadeiro é ficar indifferente.

— Mas os inimigos de Olegario, invejosos do acolhimento que as senhoras dão aos seus lindos versos, esquecem que o poeta vive, principalmente, do encanto de um lar feliz.

— Não esqueça V. que essas perfi-

dias nascem, em geral, depois de uma ceia, com champagne, no Palace-Club...

Ricardo Isaías, porém, corta o dialogo:

— E' notavel o prazer com que VV, perdem palavras... Será o Olegario a unica victima dessas infelizes companhas? Serão dous, tres? São todos os que parecem felizes a esses energumenos. Ninguém ignora isto. Pelo menos, os honestos não ignoram este aspecto da diffamação. E, segundo me parece, nós não estamos no mundo para sermos julgados por todos, mas, apenas, pelos que tenham o direito de julgar — direito, aliás, ingratisimo e quase nunca utilizado pelos que se acham na sua posse.

«Qual o homem de talento que não haja merecido desses magnatas a alcunha de imbecil? Qual o que, tendo escripto uma obra illustre, não tenha sido accusado de plagio ou de ignorante da lingua? Qual o «gentleman» que não tenha sido tratado, pelo menos, de d. João?

— Já viu, um de VV., politico honesto? literato de indiscutivel merito? homem de sociedade de moralidade inatacavel?

— E não esqueçam que, muitas vezes, a predilecção desses amoraes consiste em dizer mal da honestidade das senhoras mais dignas e até das donzellas mais irreprehensíveis...

— Chega a ser ingenuidade perderem-se palavras neste assumpto. O defeito do Olegario é notavel — favoreceram-no as Musas com um éstro admiravel e a sua bôa estrella deu-lhe conforto social e um excellent quarto de banho. Que mais querem para que o injuriem? Já é sufficiente desafôro a sua bôa intelligencia, o uso de banhos, a correcção da toilette, a certeza do pão-nosso de cada dia... Deixasse elle de fazer versos, não tivesse em casa alguns casacos cintados, morasse numa alcôva de pensão barata ou vivesse das mordidellas nos amigos e, talvez, lhe dessem algum talento, uma certa moralidade e até mesmo todas as possibilidades de um grande futuro, quando mais não fosse ao menos enquanto lhe durassem as privações e as amarguras da vida má e incerta...

«O invejoso, meus caros, tem o seu lado bom, no immenso ridiculo das suas raivas. Aproveitem-no por este unico lado. Tirem d'elle o riso que lhes possa dar e não esqueçam que ainda maior ridiculo é chorar as lagrimas que elle desejou e preparou.

«E sinto muito ter-lhes tomado um pouco do encanto que deviam sentir gosando a belleza desta hora. Muito maior interesse deve dar-lhes a graça da senhorinha Carlota Soares, que alli está sor-

vendo um sorvete de morangos; e a formosura excelsa da sra. Anna Braga, tão lirial naquelle vestido de voile e valenciannas...

As mezas do chá estavam tomadas por uma sociedade brilhante. A condessa de Leopoldina, que descera de Petropolis por dous dias, vestia uma toilette de linon azul; ao lado, o conde. Juntas, as sras. Roberto Trompowsky Junior e Corrêa Dutra. Outro grupo gentil, a sra. Clotilde Rio Branco e sua filha Helena. Em outras mezas, a sra. Nazareth Guimarães e filhas, a sra. Dagmar Vieira Romeiro, a sra. e senhorinhas Arlindo Leoni, a sra. Ildefonso Dutra, as senhorinhas Odette e Olga Teixeira Portugal, Olga Laffayete Pereira, Schilling, Ewbank da Camara, Sylvia Velloso, Noemy Ferraz e Helena Bordallos, a sra. Sampaio Araújo, a senhorinha Glorinha de Frontin, as sras. Cunha Vasco e Freitas Lima.

Vimos, também, alguns cavalheiros distinctos — Alberto Eça de Queiroz, o visconde da Ponte Ferreira, o dr. Arthur Magioli, o dr. Raul de Faria, o escriptor Veiga Lima e o jornalista Tolomei Junior, o promotor Fontainha, o deputado Ranulpho Bocayúva, o senador Rivadavia, o poeta Hermes Fontes, o escriptor Gustavo Barroso.

Carlos D'Utra queixa-se amargamente do calor. Um calor tremendo.

— O calor, neste estio, faz-se excepção. Os dias têm corrido agradaveis e alguns até bem frescos...

— E ha prenuncios d'outros melhores.

— Como?

— Visto que Martin Gil e o nosso Observatorio annunciam grande canicula.

Mas o D'Utra convida para a debandada. O Flamengo deve estar ideal. E sahimos.

No taxi, instantes após, numa corrida para as praias frescas e lindas, ainda lamentamos não nos ter sido possivel demorar mais alguns momentos na luxuosa estufa da Avenida.

MARQUÊS DE DENIS

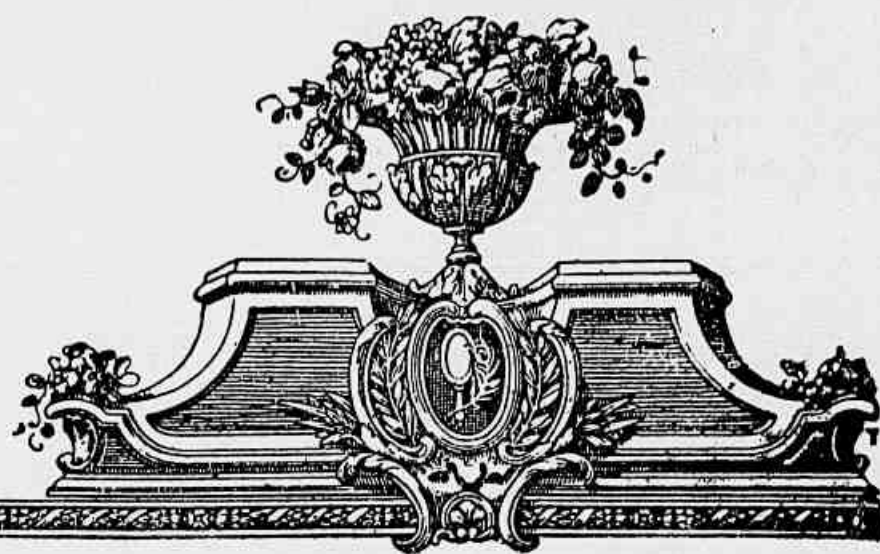
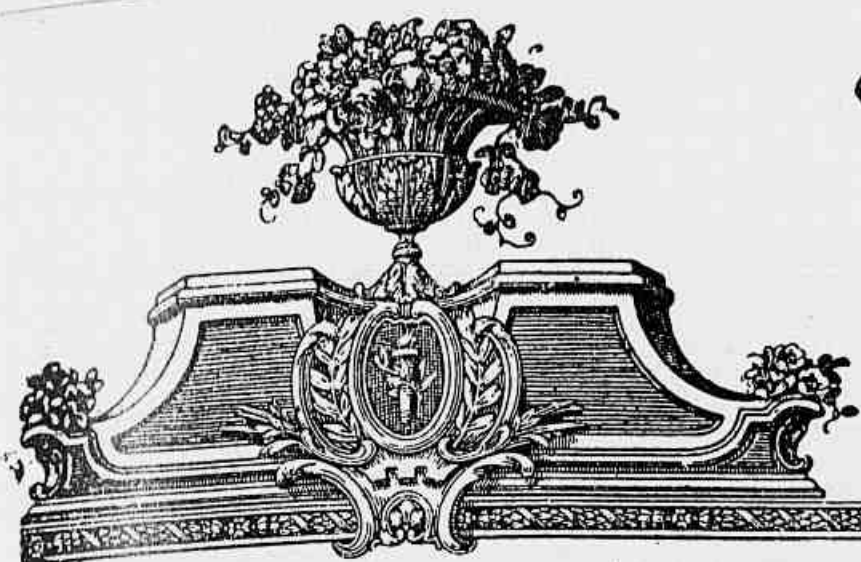
NOTICIARIO ELEGANTE

Anniversarios

HOJE — a sra. Josefa de Azeredo Coutinho; a senhorinha Amandina de Oliveira Cruz; o dr. Carlos Gross.

AMANHÃ — a sra. Bastos Netto; a senhorinha Lavinia de Sousa Pitanga; o dr. Lourival Souto; o dr. Bulhões de Carvalho; o sr. Carlos Drago.

SEGUNDA — a sra. Flora Nobrega Beltrão, mãe do nosso illustre collega Heitor Beltrão; a generala José Eusebio; a sra. Stella Rocha



e Silva; a senhorinha Ruth Gomes de Mattos; a senhorinha Helena Gomes de Mattos; o dr. Cesar Galvão.

TERÇA — o almirante Gustavo Garnier; a sra. Nascimento Silva; a senhorinha Maria Lavinia Pires; o dr. Ernesto Lassance Cunha; o dr. Miguel Daltro dos Santos; o inspector escolar Mendes Vianna; o sr. Waldir de Niemeyer.

QUARTA — o illustre jurista, professor Esmeraldino Bandeira, ex-ministro d'Estado; o almirante Lopes Rodrigues; o deputado Torquato Moreira; o dr. João Lopes de Carvalho.

QUINTA — a senhorinha Anna Paulo Ribeiro; o deputado Octacilio de Camará; o commandante Henrique Cavalcanti; a menina Isabel, filha do commandante Mame-de Wanderley.

SEXTA — a senhorinha Christina de Almeida; o academico Camillo Maranhão; o sr. José de Matto; Silva; a senhorinha Lucilia Campista.

A formosa senhorinha Maria da Gloria Teixeira offereceu, no dia 9, uma encantadora recepção ás suas relações no palacete de Conde de Bomfim, por motivo de seu anniversario.

Dr. Wenceslau Braz

Terça-feira, occorre a data natalicia do chefe do Estado. Merecedor da estima e da confiança publicas, o exmo. sr. dr. Wenceslau Braz receberá, nesse dia, um sem numero de homenagens dos seus concidadãos. A' frente de um governo honesto e patriota — governo que marcará aureo periodo na historia nacional — s. ex. tem sido o verdadeiro expoente dessas energias despendidas em proveito da nação. Conduzindo-se com reflexão absoluta, senhor, nos minimos detalhes, de quanto se tem feito em seu nome, a sua obra governamental accusa um caracter integro e sereno. Dentro do actual estado de cousas, em que o Brasil apparece dignificado no trabalho restaurador da Civilização, a sua figura apresenta-se nos cercada dos mais nobres titulos, pela intelligencia e firmeza com que defendeu os direitos da nossa soberania e os interesses dos povos cultos.

O noticiario tem a honra de enviar-lhe, respeitosamente, os seus melhores votos.

Coelho Netto

Festejou, quarta-feira, seu anni-

versario natalicio o escriptor Coelho Netto. Aureolado por extraordinario prestigio, seu nome é dos que mais nobilitam as letras lusitanas. Traduzido, em muitos de seus esplendidos livros, para alguns idiomas, a sua obra é das mais lidas e estimadas. Ninguém ha que não o leia, ninguém perdeu nunca a deliciosa impressão que as suas paginas deixam em quem o lê. Auctor de mais de sessenta volumes de prosa — romance, conto, novella e theatro — abordou com a mesma felicidade e o mesmo fulgôr e successo esses varios difficeis generos de arte. Fez conferencias brilhantes e representou nobremente sua terra natal no parlamento. Este seu anniversa-

sua obra é exemplo constante de energia, de intelligencia.

Casamentos

— a senhorinha Marieta de Simas Enéas e o sr. Francisco Albano Magalhães.

Noivados

— a senhorinha Maria Hortencia de Proença e o sr. Ernani Doyle da Silva;

— a senhorinha Alcidia Pinto Brandão e o sr. Romero Corrêa Viegas.

Os que viajam...

Dr. Lauro Müller — por S. Paulo, regressou de sua excursão a Santa Catharina esse illustre politico e ex-ministro da Republica. Essa viagem representou para s. ex. moti-

vo de multiplas homenagens ao seu raro valor de estadista e ás suas grandes qualidades de patriota. No pequeno e prospero Estado de seu nascimento e em S. Paulo — de onde vêm as vozes do futuro — essas homenagens tiveram um cunho de especial significação politica.

Quer em Florianopolis, quer na terra illustre do futuro e ex-presidente da Republica, s. ex. recebeu inequivocas provas de apreço e confiança.

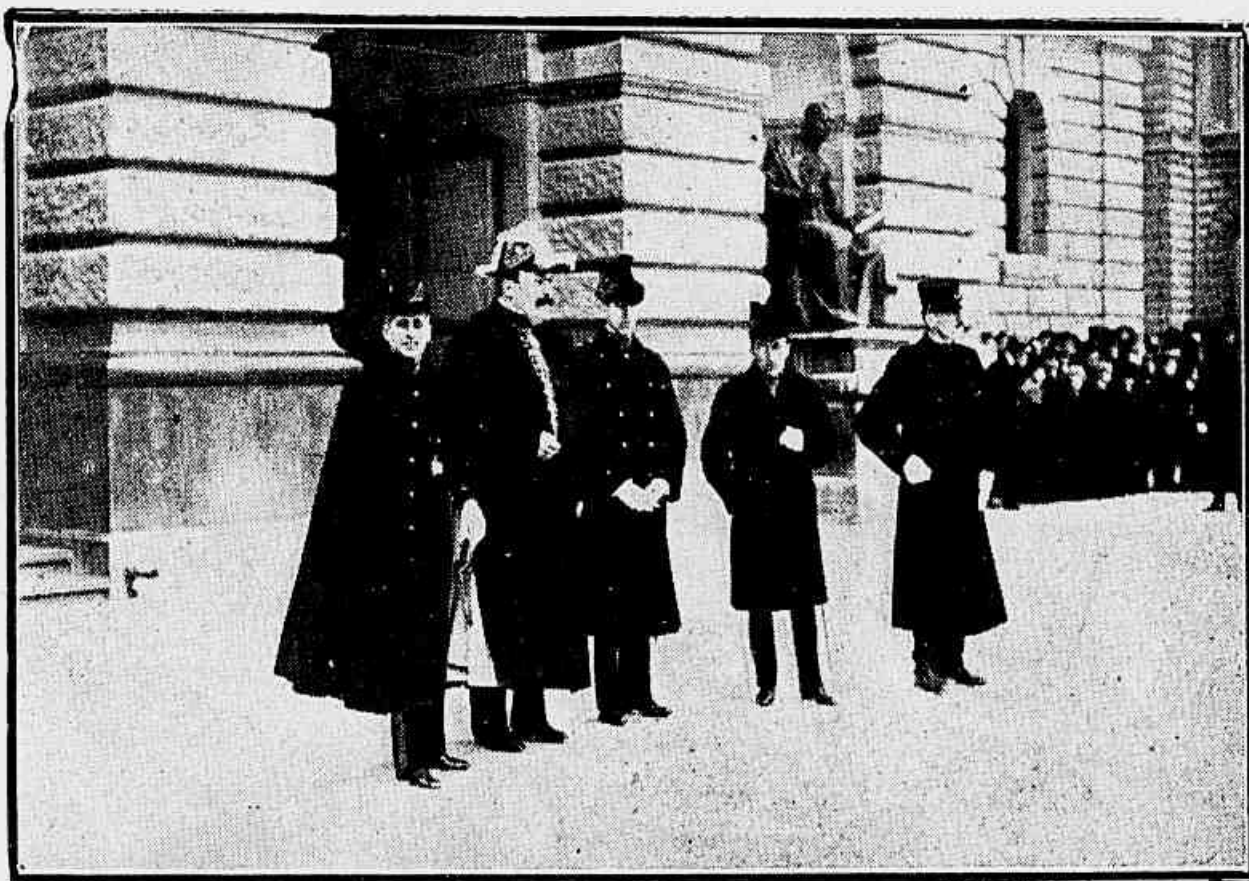
Aqui, no seu regresso, a gare da Central encheu-se de individualidades prestigiosas. Essas deferencias para o ex-chancellor brasileiro demonstram o seu prestigio e dão logar a justos prognosticos sobre o futuro governo nacional, que, parece, não prescindirá de seus grandes meritos.

Dr. Luiz Piza Sobrinho — acha-se aqui, a serviços de sua profissão de advogado, este nosso distincto e talentoso collega paulistano. Muito relacionado em nosso meio, onde conta innumerados admiradores de suas formosas qualidades espirituas e mundanas, o dr. Piza tem sido cercado de gentilezas.

Ecos do Carnaval

EM THEREZOPOLIS — Durante os tres dias de carnaval, o Hotel Hygino hospedou um alegre bando da *jeunesse dorée*, que promoveu na formosa cidade serrana uma festa alegrissima e quasi ininterrupta, que só acabou na madrugada de quarta-feira. O hotel foi illuminado profusamente e o salão de leitura, contiguo ao bar, transformado em sala de baile. Na elegante assistencia vimos as senhorinhas Diva Caldeira, Heloisa Cavalcanti,

A REVISTA NA SUISSA

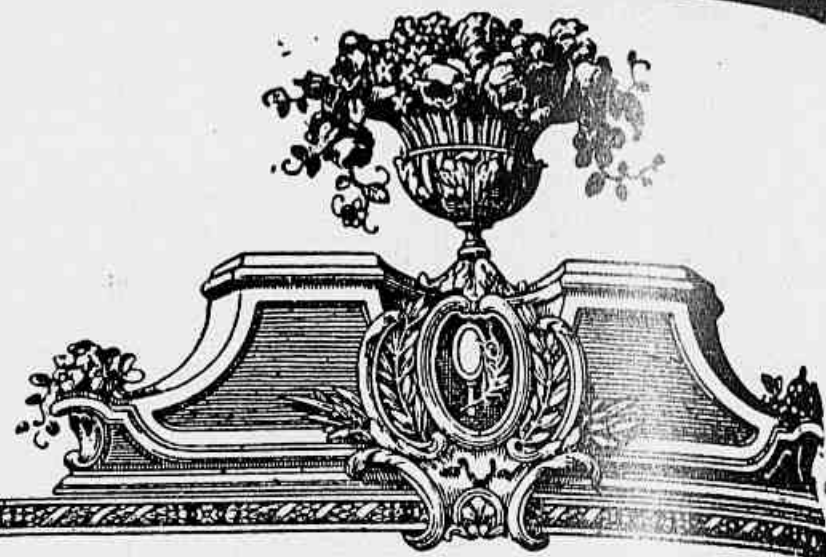
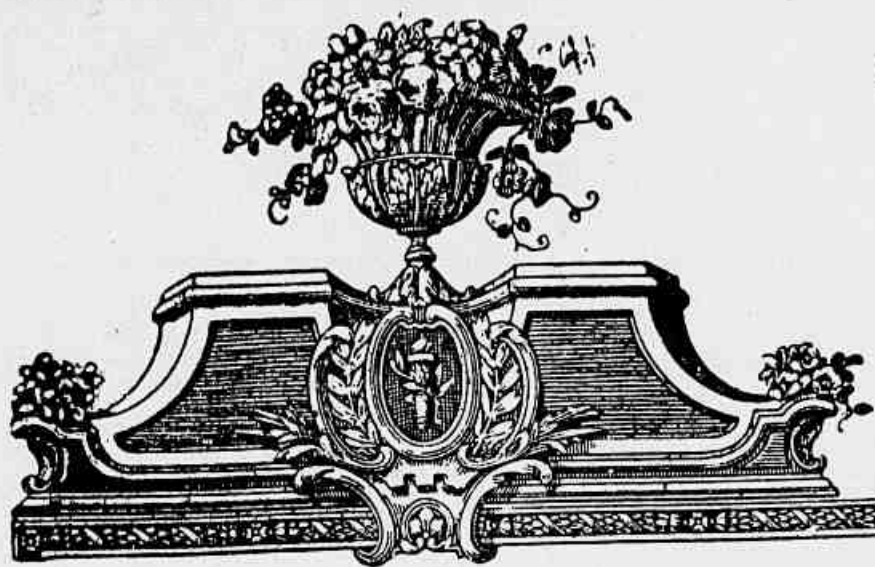


O ANNO-BOM EM BERNE

O sr. dr. Raul do Rio Branco, ministro plenipotenciario do Brasil na Suissa, acompanhado dos srs. dr. Leão Velloso Netto e Macedo Soares, primeiro e segundo secretarios da Legação, e do capitão de fragata Deoclecio de Campos, addido commercial á Legação, em Bundesplatz (praça da Confederação), sahindo do palacio do Governo Federal Suisso no dia 1º de Janeiro depois da recepção presidencial.

rio se passa num instante difficil e glorioso de sua vida politica. Excluido da chapa official de deputados pelo Maranhão, elle ali foi, norte acima, entre palmas e flôres, em busca de uma reparação da injustiça que lhes fizeram e de que a gloriosa terra de seu berço ha de sahir redimida.

A Igreja brasileira vê passar, amanhã, com especiaes homenagens, o dia natalicio de um de seus mais notaveis prelados — o arcebispo D. João Becker. Homem de rara e scintillante intelligencia, dono de admiravel cultura, esse principe romano gosa de instantes felicissimos na tribuna sacra, sobre ser escriptor de merito. Cercado das sympathias de quantos lhe ouvem a voz, fazendo um sacerdocio de excepcionaes virtudes de caracter e iniciativa — pode dizer-se que a



Celia Carvalho, Alice Rodrigues, Maria Mebielli, Yvonne Landsberg, Risoleta Passos Cardoso, Nenezita Galvão Bueno, Leah Hime, Margot e Violeta Menezes, Eloah Maia, Elmira Chagas Doria, Aracy Muniz Freire, Etelvina Coelho, Amalia Tavares, Catharina Cunha, Adelaide Santos Maia, Nazareth Souza Reis, Odette Claire, Indy Penden- ce, Eulyn Fordham, Anita Levy, Jessy Marx, Phyllis Hood, Natalia Veiga; Emilio Mello Cunha e se- nhora, João Mello Cunha e senho- ra, Humberto Tavares, Manoel Al- ves Caldeira, Netto, Manoel Potocki, Edgar Chagas Doria, Mario C. Ma- chado, etc.

Entre as mais lindas fantasias destacavam-se as das senhorinhas Diva Caldeira, Chagas Doria, Heloisa Cavalcanti, Margot e Violeta Menezes e Celia Car- valho.

Diplomaticas

O ministro Irarrazabal Za- ñartú offereceu, no palacete Guahy, domingo ultimo, um banquete a varias pessoas de suas relações e membros do corpo diplomatico. S. ex. foi prodigo em gentilezas para com os seus convidados.

— Foram veranejar em Pe- tropolis o ministro Irarrazabal e o secretario argentino Carlos Acuña.

Veranistas

para Petropolis — o senador Epitacio Pessoa e o comman- dante Henrique Fontenelli;

para Cambuquira — o sr. Eduardo Barbosa;

para Caxambu — o commen- dador Pereira de Souza e o coronel Maggi Salomão;

para Póços de Caldas — os srs. Raul Bezamat, Raul de Castro Mendes, ministro Enéas Galvão e João Alves de Maga- lhães;

de Cambuquira — o dr. Ruy Carneiro da Cunha;

de Caxambu — o dr. José Torres de Oliveira;

de Teresopolis — os srs. ba- rão de Casa Forte, Otto Praze- res, Alfredo Bernardes, Alberto de Oliveira Carneiro, Abel Castello Branco, Carlos Malheiro Dias e as sras. condessa Selda Potocka e Er- nesto Bernardes e senhorinhas He- loisa Cavalcanti e Diva Caldeira.

Oliveira, a formosa cidade mi- neira, cognominada *princesa d'oes- te*, está-se tornando um encantador centro de veranistas. Innumeras familias têm-se reunido nos seus confortaveis hoteis. Entre outros, acham-se alli o dr. Randolpho Cha- gas e familia, as senhorinhas Ay- que de Meira, a viuva Sinhasinha de Carvalho e senhorinha Judith de Carvalho, a sra. dr. Raul Ferreira Leite e a sra. viuva Augusto Cha- gas.

Os novos inspectores d'ensino

O sr. ministro Amaro Cavalcanti, prefeito municipal, nomeou ins- pectores escolares os srs. Paulo Maranhão, seu illustre secretario, e Antonio Cicero. Moços de talento e de cultura, senhores do prestigio moral exigido para a investidura dessa alta função publica, o acto de sua nomeação mereceu toda sympathia e elogio.

Duas quadras de

Olegario Marianno

Por que é que eu sendo bom, sincero e leal
Vivendo sem hostilizar ninguém,
Escuto tantas vezes dizer mal
De mim, quando dos mais só digo bem?

A REVISTA EM CAMBUQUIRA



Mme. Alfredo Cunha, Mlles. Julieta Gitirana, Tenorio de Albuquerque e Circundes de Carvalho

Aos homens que me odeiam, com certeza
De me acabar com a ultima illusão,
Tenho um sorriso amargo de tristeza
E um gesto de piedade e de perdão,

Carnet de Mlle. Laura

«Meu amigo:

Fiz-me o prazer de estar presen- te, segunda-feira, no palacete das Laranjeiras, *chez* Frontin. Muito embora a enfermidade subita de que foi accommetida a condessa, pudemos, dada mesmo a nenhuma gravidade — e felizmente — dessa indisposição de saúde da illustre ti- tular, passar, naquella maravilhosa casa, duas horas deliciosas. O ge- nio fidalgo do conde, o encanto de Maria Elisa Werneck e Glorinha

de Frontin criaram mil e um ado- ráveis motivos de alegria. Foram poucas as pessoas que estiveram, nesse dia feliz, no palacete das La- ranjeiras. A noticia de que a enfer- midade da condessa não lhe per- mitiria presidir á recepção — sem- pre tão concorrida e tao brilhante — encheu a casa de telegrammas, cartas e cartões de felicitações e bons-votos, mas alastou aquelle esplendido cortejo de elegancias que habitualmente alli comparece a 18 de fevereiro.

— devido ao luto que guarda a familia Franklin Sampaio, o casa- mento de Franklin, o joven *gentle- man*, e Zizi Adriano Quartim occorreu na maior intimidade, e sem galas, na residencia da illus- tre viuva Franklin Sampaio. Não tendo podido estar pre- sente, mandei flores aos noi- vos.

— vae ser uma curiosa e di- vertidissima reunião o pique- nique a ser levado a effeito na Westphalia. Um pique-nique... *aux-flambeaux*. A imagina- ção dos encantadores!

— não me foi possivel ir, domingo ultimo, ao palacete Gomes de Mattos, em Volun- tarios. A recepção de anniver- sario de Laura estaria indis- sima. Não me foi possivel ir, o que me deu grande pesar.

— o seu esquecimento do anniversario, dia 6, de Maria Ernestina Arthur Lobo e do baptisado da formosa Maria Luisa não tem desculpa. Lá estive. Fizeram uma festa ado- ravel.

...Esperamol-o, sabbado, pa- ra o jantar. Não receie o ruço. As tardes vão lindas.

Laura".

Recepções de anniversarios

no dia 16 — a sra. Olympia Ferreira Botelho e as senho- rinhas Josefina Sousa Martins e Cecilia Paulino da Silva;

no dia 18 — a sra. João Pedro Vieira, a senhorinha Gioconda Pereira de Sousa, e o casal Carlos Novaes, pelo natal da graciosa Guiomar.

M. de D.

A REVISTA EM S. PAULO



O caricaturista De Cavalcanti, o poeta Olegario Marianno e o director da «Vida Moderna», Simões Pinto.

UM FILM SENSACIONAL A RUSSIA TRAGICA no "Parisiense"



— Odeio o governo do Czar!
O tragico assassinio de meu pae,
nas unhas dos famigerados es-
birros policiaes, inspira-me a
sede do desforço!

E assim fallando ao irmão,
Hilda Barosky, primeiro premio
de violino do Conservatorio Im-
perial, chispava nos grandes
olhos negros a volupia infinita
de uma terrivel vingança.

Em uma grande festa dada
por um nobre russo para cele-
brar os esponsaes de seu filho,
adocendo o maestro regente,
Hilda fôra convidada para reger
a orchestra e, firme em seu pro-
posito, recusára tocar o DEUS

GUARDE O CZAR!

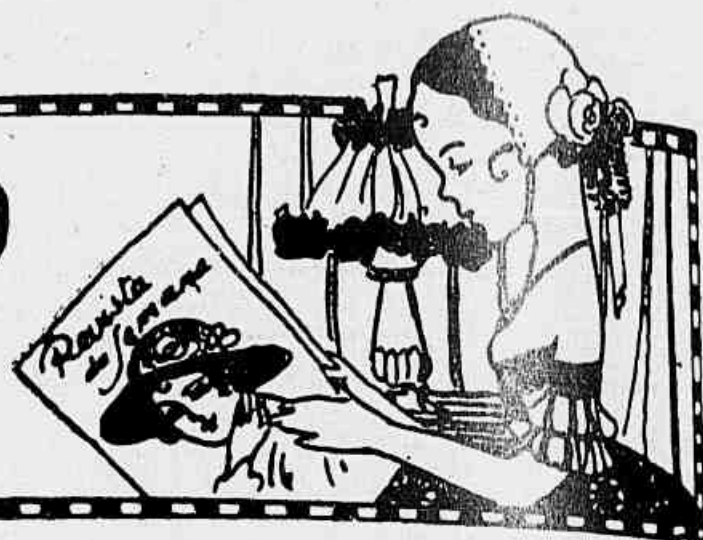
E' chicoteada em pleno salão

luxuoso por um conde, que é o
pae de seu namorado. Este
corre em favor da rapariga e,
preso, é mandado para os pos-
tos avançados da fronteira.

Com Hilda são deportadas cen-
tenas de corações jovens e bri-
lhantes estruturas em flor da me-
dia-classe moscovita. Os fogos do
amor illuminam-lhes os aciden-
tes e asperezas das estradas co-
bertas de neve e dão-lhes alen-
tos na rude prova que experi-
mentam. Mas surge sempre um
«Anio de Misericordia» na pun-
gente odysséa dos soffrimentos
dos oprimidos e descerra as
azas, como palio, por sobre
aquelles a quem o ardor estre-
ita e sublima.



Passatempo



ESPIRITO E SAL

Um pobre de espirito, escrevendo uma carta a um protector seu a pedir-lhe, por caridade, um par de calças velhas, rematava-a com estas palavras:

«E se V. Ex., meu nobre senhor, me valer com as calças, que humildemente lhe peço, ellas ser-lhe-ão entretencidas na corôa de louro das suas boas acções, que lhe está reservada no céu.»

A viscondessa: — Que magnifico cabello tem sua mulher! Deve ter muito cuidado com elle!

O conselheiro (distraindo): — Muito! Guarda-o todas as noites, cuidadosamente, numa gaveta do toucador.

— Com que então, sempre é verdade que te separaste de tua mulher?

— Pudera! Tratava-me como um cão.

— Que diabo! Batia-te muitas vezes?

— Não, homem. Queria que eu lhe fosse fiel!

Ha certas posições que podem ser obtidas á custa de um exercicio constante; outras, todavia, são irrealizaveis.

Assim, ninguém conseguirá fazer o que vae ser exposto.

Encosta-se uma cadeira á parede, ficando-se diante della com os pés juntos, distante da parede uns tres palmos apenas.

Curva-se o corpo para a frente até encostar a cabeça na parede; apanha-se a cadeira com as duas mãos, por um e outro lado. Levanta-se a cadeira.

Até ahi vae bem...

Mas quem será capaz de, sem impulso, tirar a cabeça da parede e ficar com o corpo direito?

Ninguém.

QUEBRA CABEÇAS

Homem e mulher o fazem; Dous homens podem fazel-o; Mas duas mulheres nunca; Vê lá se sabes dizel-o...

Uma redinha estendida,
De malhas que se não vêem.
E que dura toda a vida.
Nessa rêde de pescar,
Uns gritam para sahir.
Outros gritam para entrar.

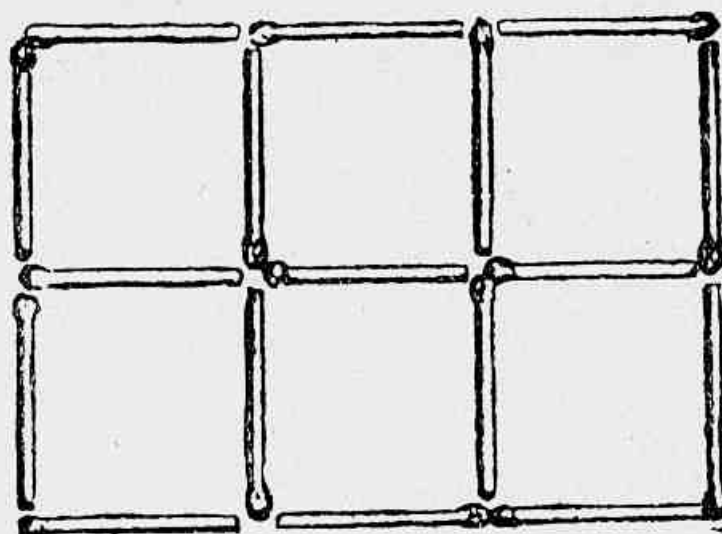
Dos enigmas que hoje offerecemos, o segundo é claro como agua:

não ha quem deixe de vêr nelle o casamento.

O primeiro, no emtanto, com grande subtileza, esconde a confissão.

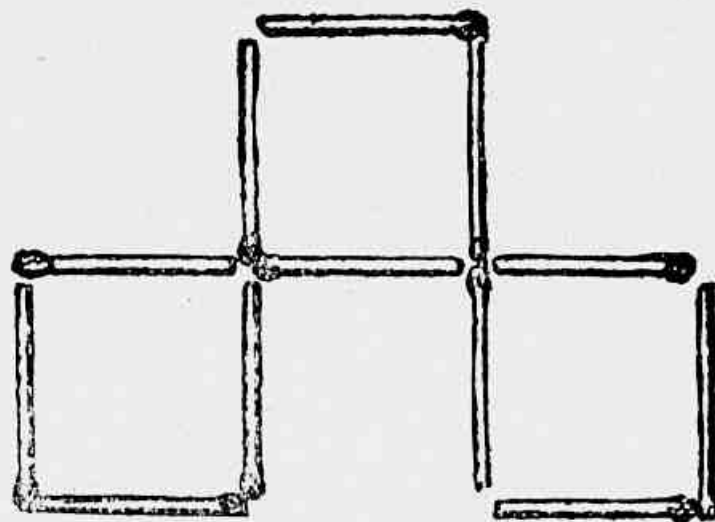
PACIENCIA

Colloquem-se sobre uma meza dezesete phosphoros, de maneira que formem seis quadradinhos eguaes, como se vê na primeira figura.



Tirem-se cinco phosphoros, por forma tal que fiquem tres quadradinhos unicamente.

Como se poderá obter a solução? Muito simplesmente: Tiram-se os dous phosphoros que formam cada um dos cantos superiores, e o phosphoro central do lado inferior; destarte, ficam tres quadradinhos



apenas, dos seis que eram, conforme a segunda figura mostra claramente.

COM OITO DEDOS

Com oito dedos apenas, pôde ser levantado um homem que estiver deitado sobre uma meza, com a barriga para cima, as pernas juntas e os braços ao longo do corpo!

Para isso, basta o seguinte: Ficam duas pessoas de um dos lados da mesa e duas de outro lado. Uma das pessoas que estejam ao lado direito da meza porá o dedo indicador da mão esquerda sob o hombro do deitado e o indicador da mão direita sob o quadril; a outra porá o indicador da mão esquerda também sob o quadril e o da direita sob a barriga da perna. As pessoas que estiverem do lado es-

querdo da meza procederão do mesmo modo. O que está deitado endurecerá, então, o corpo e, a um dado momento, aspiram todos fortemente o ar, com a bocca semi-aberta.

Nessa occasião é que devem todos ao mesmo tempo suspender o que está deitado. A experiencia é de resultado infallivel.

APOSTA CERTA

Tomam-se dous montes de cartas de jogar, sendo um maior que o outro; manda-se que uma pessoa qualquer ponha a mão sobre um delles, e não ha quem deixe de adivinhar, mesmo de costas, qual foi o monte de cartas tocado.

E' facil o *truc*.

Os dous grupos de cartas são formados da seguinte maneira: um por oito cartas quaesquer e outro pelos quatro oitos do baralho.

Feita a pergunta: «em que monte tenho a mão?», a resposta é clara:

— No monte de oito.

E a pessoa que houver apostado adivinhar não errará, porque estando formados os montes pela maneira que acabamos de indicar qualquer um delles será o monte de oito.

QUE DIA ERA?

Dous meninos, alumnos internos do mesmo collegio, faziam calculos sobre os dias que faltavam para o primeiro feriado, em que poderiam ir vêr suas familias.

— Que dia é hoje? — perguntou um delles.

— Se amanhã fosse hontem — respondeu o outro — hoje estaríamos tão perto do fim da semana como se hontem fosse amanhã.

O primeiro collegial ficou como se ouvisse fallar grego; mas o que é certo é que pela resposta do outro poude averiguar o dia em que estavam.

Que dia era?

Para não haver duvida alguma, é preciso que fique consignado que o sabbado é o ultimo dia da semana; e assim, o dia procurado é o proprio sabbado. E é claro, se attendermos ao seguinte raciocinio:

Se amanhã, domingo, fosse hontem, hoje seria segunda-feira, e ter-nos-íamos afastado do fim da semana 2 dias. Se hontem, sexta-feira, fosse amanhã, hoje seria quinta-feira, e estaríamos desviados do fim da semana 2 dias.

E' preciso notar que se houvessemos considerado o domingo como fim da semana, seria o domingo o dia procurado.

V. Ex^{cia} precisa comprar mobília?

VISITE OS

— Maiores —
Armazens de Moveis
— desta Capital —

E NÃO SE ARREPENDERÁ
GRANDE FABRICA



Magalhães Machado & C.

Rua dos Andradas ns. 19 e 21 —
— e Vasco da Gama ns. 22 e 24

BAIXOS DO HOTEL GLOBO

PHOTOGRAVURA

Executam-se CLICHÉS de qualquer especie com a maxima perfeição assim como gravuras em côres pelos mais modernos processos

FABIAN & C.

Rua do Rosario, 152 - 2.º

TELEPHONE Norte 2319 — Caixa 1671

= O REI DOS = DENTIFRICIOS



PÓ — ELIXIR — PASTA

Conserva os dentes — Desinfecta a bocca
VENDE-SE EM TODA PARTE



No anno passado, apesar de eu só ter 31 annos, aparentava mais de 45; usei durante um anno o Maravilhoso SEGREDO DAS NAIADES, e rejuvenesci, de forma que ninguém me dá mais de 18 annos.

O SEGREDO DAS NAIADES, sem magoar a cutis, extirpa com segurança todos os vestigios do envelhecimento, destroe por completo as rugas e combate a flatulencia da musculatura do rosto.

No Rio: *Casa Círio e Casa Paulino Gomes.*

Em Juiz de Fora: *Drogaria Americana.*

PREÇO 30\$000

Quando o Menino Chora,

Algo é que lhe Passa

O Xarope Calmante da Snra. Winslow foi introduzido em 1840 e desde então ficou sendo o remédio normal para as crianças durante o periodo da dentição.

Reprimindo a colica flatulenta e remediando os desarranjos no estomago e no ventre, calma a criança inquieta e desvelada, e permite um descanso á mãe afflicta.

Não contém opio, morfina nem nenhum dos seus derivados.

Não contém mesmo um atomo de narcotico.

Cada vidro vae acompanhado de instrucções completas para a sua administração. Não é genuino nenhum vidro que não leve o fac-simile da firma de Curtis and Perkins, Nova-York, no envolver exterior, assim :

Curtis & Perkins

Anglo-American Drug C. — Successores

ESCRITORIOS PRINCIPAES

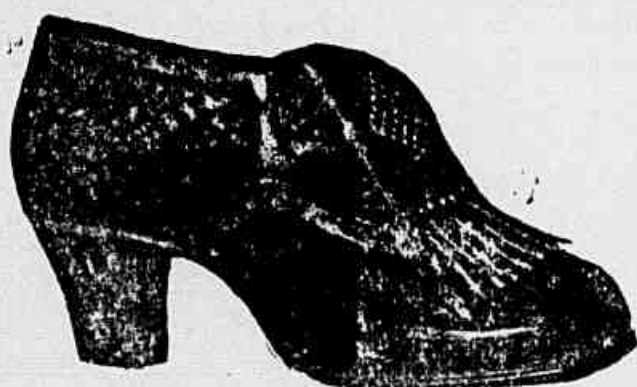
ANGLO-AMERICAN DRUG Co.

215-217 Fulton Street,

Nova York, E. U. A.

A' VENDA NAS PRINCIPAES PHARMACIAS

E DROGARIAS



Oh! que chic! ULTIMA NOVIDADE n'A BOTA FLUMINENSE



Elegantes e superiores sapatos de pellica preta envernizada ou kangurú amarello feito igual ao modelo acima de ns. 32 a 40, artigo fino para Senhora — 18\$ e 20\$.

14\$000 e 15\$000 o mesmo feitio salto baixo em pellica preta envernizada ou camurça branca de ns 27 a 33, para Mocinhas.

22\$ e 25\$000 superiores borzeguins em pellica envernizada com canos de casemira preta — artigo chic e duravel — que em qualquer casa custa 30\$000.

PELO CORREIO MAIS 2\$000 POR PAR.

◀ RUA MARECHAL FLORIANO N. 109 ▶

P

VENDE-SE

O POLO não é um artigo de luxo, mas sim um artigo de uso geral.

O POLO limpa todos os utensílios de Cozinha, facas, garfos, colheres, louças, apetrechos de cobre, aço, estanho, bronze, ferro, todos os objectos de metal em geral, aos quaes o POLO limpa da ferrugem e dá brilho.

E' pois um artigo de primeira necessidade. Deverá, pois, ser o producto mais barato, mais economico e MAIS POPULAR.

Companhia Usina de productos chimicos

Fabrica : Rua Soares, 13 -- S. Christovam -- RIO DE JANEIRO

O POLO de fita encarnada é, certamente, EGUAL ou SUPERIOR a qualquer similar estrangeiro.

Evitae as imitações de rotulagem de productos similares estrangeiros que se apresentam com FITA AZUL e PAPEL PRATEADO afim de illudir o publico e vender caro.

O

EM

Verdadeiras donas de casa :

Exigi o

L

TODA

POLO de
fita ENCAR-
NADA

O

A PARTE



“RHODINE”

(ACIDO ACETYLSALICYLICO)

“USINE DU RHONE”

TUBOS DE 20 COMPRIMIDOS DE 50 CENTGS.

Contra :

ENXAQUECAS

NEURALGIAS

GRIPPE

RHEUMATISMOS

ACÇÃO RAPIDA

Em todas as principaes Pharmacias e Drogarias

Agente exclusivo para o Brasil:

P. BISE

133 RUA DO ROSARIO

CAIXA 915



Olha para aquelle par de rachiticos. Porque não tomarão COMPOSTO RIBOTT para engordar e fortalecer-se?

Muitas pessoas magras, debeis e dyspepticas acham injustificavel seu pessimo estado de saúde, pois alimentam-se bem, não trabalham demais, e descansam o necessario. Acabam resignando-se áquillo, crendo que é essa a sua irremediavel sorte. Ignoram porém que são victimas de um estomago fraco, muitas vezes soffrendo de dyspepsia atonica ou nervosa, e que seus órgãos de assimilação e digestivos não permitem ao sangue tirar dos alimentos toda a nutrição de que tanto precisa seu organismo. Seus alimentos passam pela seu corpo como um liquido por um coador deixando escassamente a nutrição indispensavel para não morrerem de inanição. Para taes pessoas não ha nada como o COMPOSTO RIBOTT (phosphato-ferruginoso-organico) que é o tonico assimilativo e anti-dyspeptico mais effcaz de que dispõe a therapeutica moderna.

Com o auxilio do COMPOSTO RIBOTT o paciente fará com que os seus alimentos produzam forças e carnes com tal rapidez que ficará surprehendido. As pessoas debeis duplicam e mesmo triplicam suas energias e força de resistencia, e os magros ganham carnes solidas e massiças, muitas vezes constatando-se um augmento de 1 kilo e mais de pezo na primeira semana do tratamento. O COMPOSTO RIBOTT vende-se em todas as drogarias e boas pharmacias, e com toda a segurança na dos srs. Granado & C., Freire Guimarães & C., André de Oliveira, Orlando Rangel & C., Rodolpho Hess & C., Araujo Freitas & C., Victor Ruffier & C., P. de Araujo & C., V. Silva & C., Granado Filhos, J. Rodrigues & C., Carlos Cruz & C., Campos Heitor & C., Francisco Giffoni & C. Unico depositario, B. NIEVA—Caixa Postal 979—Rio de Janeiro

Mendes Pittoresca



A Fazenda de Santa Rita em Mendes, da qual temos publicado os mais pittorescos aspectos, é onde está installado o Grande Hotel Santa Rita que se tornou não só devido ao clima adoravel da região como pela curta distancia desta Capital, um dos logares preferidos pelos veranistas. Esta gravura representa o grande campo de horticultura donde se fornecem também os demais hoteis desta Capital pertencentes á Companhia dos Grandes Hoteis Centraes.

Jornal da Família



— N. 125 —
23 DE FEVEREIRO DE 1918

Modas, Costuras e bordados,
A vida no Lar, Receitas e
Conselhos práticos, Economia
Doméstica, Higiene de Bel-
— leza, Alimentação —

Últimos Modelos



N.º 1 — Vesti-
do em seda azul
pervenche, faixa
em seda brocha-
da azul e prata.
N.º 2 — Toilette
em gaze: côr de
cinza claro bor-
dada com contas
de aço, cachos
de uvas. N.º 3 —
Tunica de fou-
lard branco com
desenhos cereja,

saia e faixa
de seda ce-
reja. N.º 4 —
Vestido em linon
côr de rosa palido
e azul vivo. Chapeu
de palha azul vivo,
flores côr de rosa
claro. N.º 5 — Vesti-
do em crépon de al-
gôdão lilaz guarne-
cido com viezes de
veludo roxo, chapeu
de veludo roxo com
roseta de seda lilaz.



Moda Infantil



- N.º 1 — Garçonnet em fustão branco, punhos e golla em bordado branco.
 N.º 2 — Vestido em linho azul, blusa em linon branco.
 N.º 3 — Garçonnet em panno bege, golla e punhos em seda branca.
 N.º 4 — Roupa á marinheira em linho branco, bordada de azul marinha.



OS LEGUMES CRÚS

(SEGUNDO O DR. BOURGET)

"Os legumes crús (saladas, rabanetes, pepinos, etc.) são de digestão mais difficil que os legumes cozidos, e os que soffrem de más digestões gastro-intestinaes farão bem em se abster delle; mas para o homem normal o legume fresco e crú é de um bom effeito na nutrição geral.

Podemos fixar as mesmas regras para as fructas, que representam um papel importante n'uma boa nutrição.

As fructas que se comem de preferencia crúas são: as uvas os pecegos, as peras tenras, os morangos, as laranjas, emquanto que é preferivel comer cozidas as maçãs, as peras duras, as ameixas e os damascos.

Mas ahi ainda a regra não é absoluta e é só para os organismos delicados ou doentes.

As minhas pesquisas sobre a digestão estomacal provaram-me que as fructas introduzidas no estomago ao

mesmo tempo que a carne retardam notavelmente a digestão d'esta ultima; porisso eu aconselho sempre a não comerem fructas (ou muito poucas) nas refeições em que se come carne, e de as reservar para as refeições da manhã ou da noite, em que a carne é excluida.

A fructa deve ser considerada como uma bebida, e como tal o seu lugar está marcado entre as refeições, quero dizer: de manhã das 10 ás 11 horas, e de tarde entre as 4 e 6 horas, e á noite ao deitar".

Depois da banana e das tamaras a uva é uma das fructas mais nutritivas por causa da grande quantidade de assucar (glucose) que ella contem.

Menu de jantar

SOPA DE ERVILHAS.

PEIXE ASSADO.

ALCACHOFRAS RECHEIADAS

COSTELETAS DE CARNEIRO.

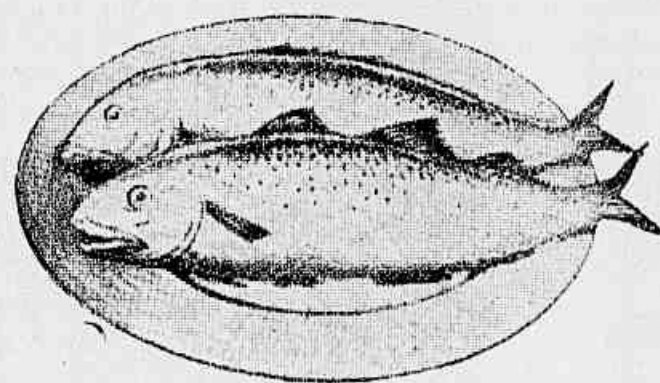
SALADA DE ALFACE

MAÇAS ASSADAS.

QUEIJO.

Peixe assado

Depois do peixe bem escamado e lavado, põe-se de molho algumas horas antes de assar em sumo de limão, tendo sido antes salgado da seguinte maneira: soca-se com sal, rodellas de



cebola, salsa, cebola verde, alho, pimenta e uma folha de louro e com isso esfrega-se bem por dentro e por fóra o peixe.

Põe-se para assar n'uma frigideira no molho em que está e com um pouco de azeite, tendo o cuidado de regal-o de vez em quando com o molho.

Alcachofras recheiadas

Depois das alcachofras cozidas em agua e sal tiram-se os centros e enchem-se com um recheio feito da seguinte maneira:

Um pouco de presunto e carne de vitella ou de frango passados na rachina com salsa e cebola verde; põe-se para refogar em manteiga com cebola, tomates e pimenta; engrossa-se com uma chicara de leite e farinha de trigo. Põe-se este cheio dentro das alcachofras, cobrindo-as com queijo e pão ralados.

Vão ao forno em taboleiro com molho de manteiga.

A MODA QUE PASSA
E A MODA QUE FICA

A Moda evolue lentamente, mas continuamente, e o segredo da verdadeira elegancia consiste em saber escolher o vestido e o chapéu que poderão ainda parecer bonitos seis meses mais tarde, porque são harmoniosos. Algumas senhoras, muito bem vestidas, parecem estar sempre vestidas da mesma maneira, porque, tendo escolhido o genero que lhes fica bem, ellas adaptam a Moda ao seu physico, em lugar de experimentarem modificar este segundo as exigencias da Moda.

Os feltros com as copas muito altas á moda Americana assim como as joques e canotiers amarrados com fitas de duas faces ou com duas fitas diferentes, estão fóra da Moda. As toques drapées, tomaram o lugar das boinas.

Em geral os chapéus continuam a ser bem enterrados e pouco guarne-cidos.

Os tecidos flexiveis conservaram a sua voga.

A tunica continua a agradar muito, porque se presta á mistura de dois tecidos ou de dois tons diferentes, como manda a moda actual.

Em seda flexivel brocada, bordada ou em simples cassa pousadas sobre saias de tèm unido, estas longas camisas tem muito chic e fazem vestidos muito praticos.

Os cintos continuarão a não ser ajustados e de tecidos moles, apesar de uma tentativa para os tornar mais justos; mas elles estão a maior parte das vezes no seu lugar normal, e, sem estar desenhada, a cintura fica assim mais flexivel que com um cinto muito alto ou muito baixo de mais.

Uma experiencia para dotar as bluzas e os vestidos com golas altas não foi bem succedida e, salvos os casos em que o pescoço accuse muito indiscretamente a idade e se ache bem com uma gola alta que o dissimule um pouco, os vestidos sem gola continuam a agradar cada vez mais.

Em summa, se a moda se tem modificado pouco ultimamente, a extrema flexibilidade e a apparente simplicidade que a caracterisavam têm se accentuado mais.

E' uma questão de tacto, actualmente, n'este tempo em que tanta gente soffre e chora, experimentar seguir a moda e ficar elegante guardando uma nota discreta e sobria em todos os detalhes da toilette.

Conselhos ás mulheres para a guerra

A união geral dos professores de Turim acaba de publicar um decalogo de guerra para uso das mulheres.

Elle contem preceitos cheios de sabedoria e de oportunidade do qual todas as mulheres dos paizes em guerra pôdem tirar proveito proprio:

1.º — Não tagareles. Guarda para ti as noticias que sabes, as tuas impressões e apprehensões.

2.º — Não oiças os alarmistas, semeadores do desanimo e da covardia; impõe-lhes o silencio.

3.º — Sê moderada nas tuas despesas. Nem larguezas imprudentes, nem economias sordidas. Que tudo, mesmo a nota das tuas despesas diarias, tenha aos teus olhos, n'este momento, a sua importancia politica.

4.º — Anima a industria nacional e renuncia aos productos estrangeiros, mesmo que te pareçam melhores e mais baratos.

5.º — Não consideres o afastamento d'aquelles que te são caros e que estão na frente como um abandono. Está com elles em pensamento a cada instante, como elles estão contigo, principalmente na hora do perigo, e faz tudo o que depender de ti para os substituir nas suas occupações.

6.º — Não te queixes do desconforto, das difficuldades e das privações provenientes da guerra. Pensa nos que morrem pela patria e as lamentações cessarão nos teus labios.

7.º — Multiplica a tua actividade, em tua casa como fóra d'ella, para te tornares util a tua patria pelo trabalho das tuas mãos, o ardor do teu coração e a clareza da tua intelligencia.

8.º — Manifesta dia por dia, hora por hora, na tua propria casa a coragem que o homem mostra no campo de batalha. Esclarece os ignorantes, sustenta os fracos, consola os que soffrem, transmite a tua confiança aos outros.

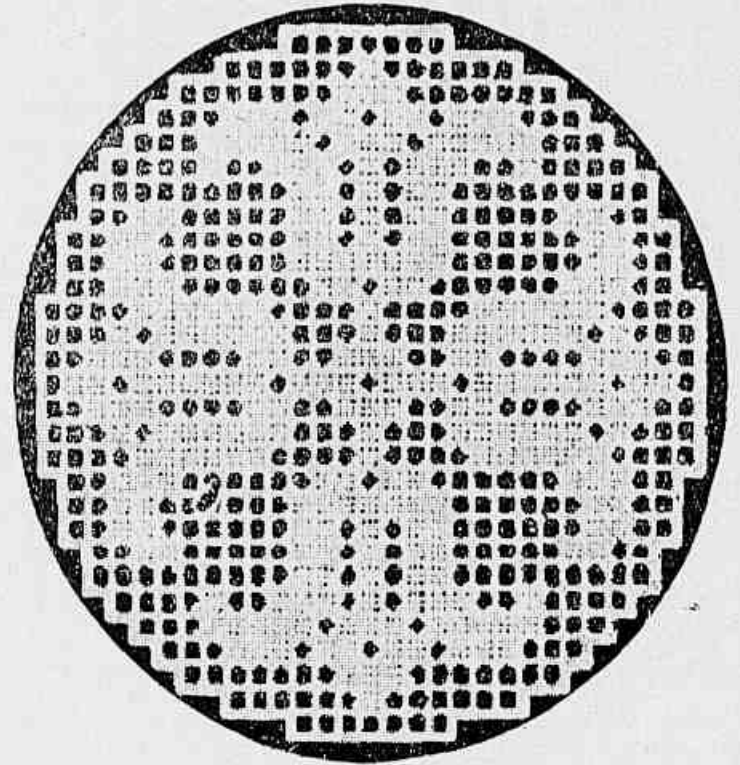
9.º — Por mais longa que seja a provação espera a victoria com força e paciencia.

10.º — Se fôres ferida nas tuas mais caras affeições, soffre nobremente, afim de que as tuas lagrimas sejam dignas do morto heroico que choras.

O mundo recompensa mais vezes a apparencia do merito do que o proprio merito.

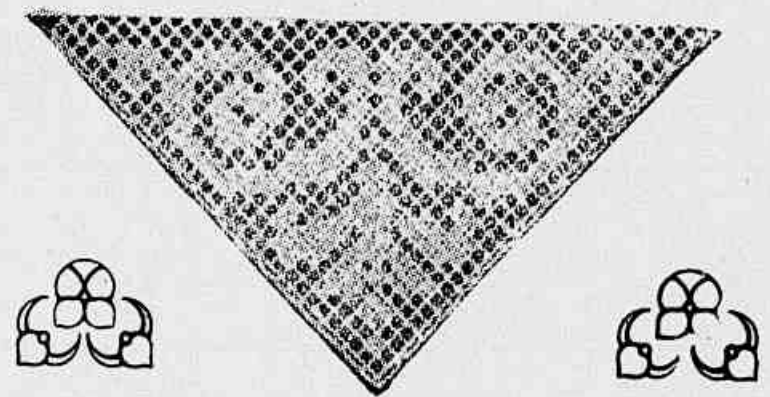
O homem sem paciencia é uma lampada sem azeite

MODELOS DE FILET



O filet mais usado hoje é o que tem os desenhos feitos só com a linha passada.

Esses modelos que damos, sendo fei-



tos em rede de quadrado largo, ficam bem para applicações em cortinas, toa-lhas, almofadas e, em rede fina, para vestidos.

O trabalho feminino nas usinas

Que ideia fazeis das mulheres que vão trabalhar nas usinas?

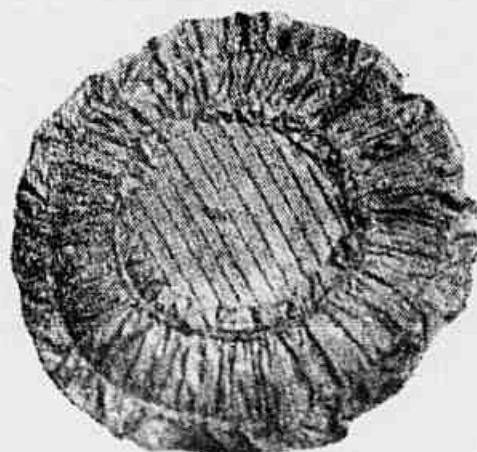
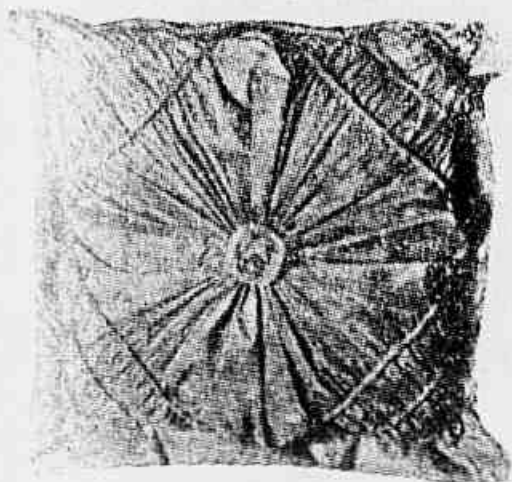
Não acrediteis que são unicamente attrahidas pela ambição do ganho. Evidentemente, as necessidades da vida cada dia mais caras (brigam a procurar um salari) que lhes permita educar os filhos com segurança.

Elles têm ainda outro fim: o de vir em auxilio dos caros maridos; de lhes mandar, todas as semanas pela maior parte, pacotes que são esperados, recebidos com infinito reconhecimento. Por uma commovente mudança de papeis e responsabilidades, a mulher n'este momento é a protectora de seu marido. Trabalhando em estabelecimentos onde arrisca a saude ou ás vezes a vida, ella o faz com todo o seu coração e como que com uma extrema ternura em cooperar na defeza d'aquelle que lhe é tão caro como a Patria.

O trabalho reparador, o trabalho moralisador, regrado e vigiado, adaptado a todas estas circumstancias, não deve ser atacado, mesmo com intenções de previdencia, no seu caracter e na sua grandeza, pois que a despeito dos promotores da solução prohibitiva, todas as variedades do labor feminino, mesmo as menos fatigantes, se arriscariam a ser attingidas por uma sentença intransigente e por uma lei d'interdicção.

A ausencia diminue as pequenas paixões e augmenta as grandes, como o vento apaga as velas e accende o fogo.

ALMO-
FADAS



Os dois modelos que damos de almofadas pôdem ser feitos em qualquer tecido, mas ficam mais bonitas em nobreza de um só tom.

"Sexuol" (Homœo-pathico)

Debilitação geral, esgotamento nervoso, cachexia organica, neurasthenia, fraqueza sexual, inapetencia generica e impotencia precoce.
Preparação opotherapica, baseada nos trabalhos de Brown-Séquard. — Homœopathia em tablettes.

Preço: 10\$000

Pharmacia Homœopatha **"INDIANA"**

RUA DA QUITANDA N. 17—RIO DE JANEIRO
Em S. Paulo: Messias & Coelho—R. Quintino Bocayuva, 18

Pyorrhéa

Clinica especial do Dr. Rufino Motta,
especialista e descobridor do especifico.

CONSULTORIO:

RUA DO THEATRO, 3 — 1.º andar
RIO DE JANEIRO

JUSTA GRATIDÃO!



Francisco de Paula e Silva
RIO PARDO (MINAS)

Illmo. Sr. Pharmaceutico João da Silva Silveira.

E' com immenso prazer que escrevo a V. S. communicando o facto extraordinario de minha cura, sem a menor diêta, de diversos incommodos syphiliticos, realisada graças ao vosso preparado ELIXIR DE NOGUEIRA, SALSA, CAROBA e GUAYACO, do qual usei alguns vidros, já tendo sem resultado algum usado outros medicamentos.

O que aqui exponho é a expressão da verdade, como provo com as testemunhas abaixo assignadas. Não faço estas linhas como meio de lisonja a V. S. e sim como prova de minha justa gratidão.

Rogo a V. S. publicar este atestado que faço a bem da humanidade soffredora, que muitas vezes padece por não encontrar um amigo que aconselho, ou por não ter uma feliz inspiração.

O que posso garantir é que o FLIXIR DE NOGUEIRA, SALSA, CAROBA e GUAYACO produz optimos resultados em todas as molestias de fundo syphilitico, curando-as finalmente.

Cidade do Rio Pardo (Estado de Minas Geraes)
25 de Julho de 1908.

FRANCISCO DE PAULA SILVA (artista.)

Testemunhas: José Christiano da Silveira, professor publico. — Candido Ramos Pereira, negociante. Firma reconhecida.

Vende-se em todo o Brasil, Republica Argentina — Uruguay — Paraguay — Bolivia — Perú — Chile, etc.

Invicta

A melhor tintura
para os Cabellos
• Guitry—Rio •



SELMA — Para o tratamento dos pontos pretos no nariz siga as instruções da pag. 8 do prospecto que acompanha os meus preparados: aplicações alternadas, diversas vezes ao dia, de *Loção para os Cravos* e *agoa de Pó de Massagem*, quente. A' noite, ao deitar, applique a *Pomada para os Cravos*.

BERGÈRE — Retocar com a *Tintura Vegetal Liquida* (em cor castanha). Envie-me seu endereço para lhe mandar um prospecto com todos os esclarecimentos sobre o modo de aplicar a *Tintura*.

LILI (ICARAHY) — Para clarear a pelle queimada pelo sol da beira-mar, applique diversas vezes ao dia a *Loção Adstringente*, humedecendo o rosto, o pescoço e os braços com um pouco de algodão embebido na *Loção*. Como fixativo do pó de arroz deve adoptar a *Loção de Embellezar a Pelle*. A' noite, ao deitar, applique uma ligeira camada de *Crème de Massagem*.

GLAUCA VIOLACEA — Não posso dizer com antecipação o numero de applicações necessarias para a destruição das verrugas pela electrolyse. Depende da profundidade das raizes. Muitas vezes bastam dez sessões de tratamento; algumas vezes esse numero eleva-se até quinze para a destruição completa da verruga.

O preço da sessão é de dez mil reis.

PAULISTA — Encontra me na data que fixa em sua carta. Regressarei ao Rio a tempo de poder ter o prazer de recebê-la. Pode resolver a sua viagem como lhe fôr mais conveniente com a certeza de encontrar-me a 1 de Março.

CARL... MOR... — Não creio que haja pomada alguma capaz de dissolver essa saliência. O unico processo efficaz seria pela agulha electrica.

CONCEIÇÃO (S. PAULO) — Não se esfrega a pelle na execução da massagem. A fricção é um processo in-

para duas ou tres lavagens da cabeça, conforme a abundancia do cabello. Seu custo é apenas de 2.000 réis.

SYLVIA DUARTE — E' impossivel fazer um diagnostico consciencioso sem exame. Pode ser eczema secco. Abandone provisoriamente o uso desses preparados, que não me inspiram grande confiança. Faça uso do *Sabonete Sylkale*, que é composto de substancias puras, sem soda caustica e sem perfumes toxicos.

LYRIO BRANCO — Durante o verão adopte para combater os efeitos do calor e para adherir o pó de arroz a *Loção Adstringente*.

TRINTONA — Para combater o excesso de tecido adiposo uma *tablette* de *Pó Medicinal* no banho. Depois do banho uma fricção forte com as mãos humedecidas em *Perfume Selda*. O unico processo de evitar a formação das rugas é a massagem diaria com o *Crème de Massagem*.

X. — E' caso para consultar o seu medico. Poderei fazer as applicações de alta frequencia no meu Instituto.

MLLE. CHARMANTE — Um aparelho para operar a electrolyse é muito caro. A electrolyse é uma operação delicadissima, que só pôde ser praticada por quem tenha estudos especiaes e uma longa experiencia.

Vêm-se ás vezes annunciados á venda pequenos aparelhos para esse fim. Elles apenas servem para queimar a pelle.

MALVA DE VILHENA — Minha tintura liquida é de mais facil applicação. O *henné* em pó é mais barato: encontra-o só no meu Instituto.

SELDA POTOCKA



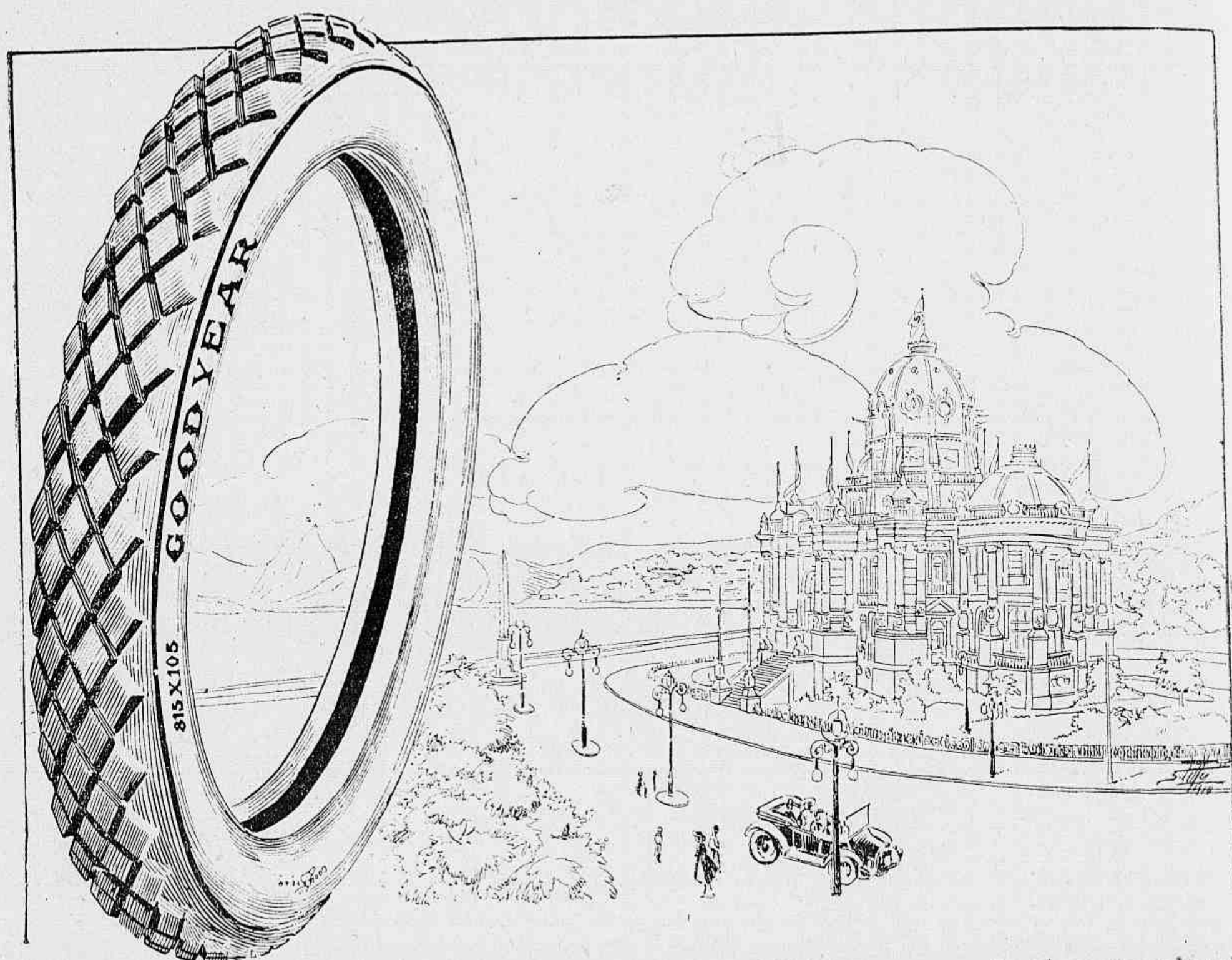
Mme. Selda Potocka, especialista diplomada, antiga assistente da clinica do Dr. Buchener, de Londres, directora do Instituto Electro Therapeutico de Lisboa, socia do Instituto de Coimbra, responde gratuitamente por carta a todas as consultas que lhe sejam dirigidas sobre os tratamentos da pelle e do cabello e hygiene da mulher. — Dirigir a correspondencia para a r. Paysandú, 111. Rio de Janeiro

correcto. A massagem efficaz faz-se por uma série successiva e rapida de pressões ou decalques com as pontas dos dedos untados de *Crème de Massagem*.

MIMI — O *Shampoo-Powder* vende-se em pequenas caixas que bastam

Os celebres preparados de Mme. Selda Potocka acham-se á venda, no Rio, nas melhores perfumarias e nos grandes estabelecimentos: *Casa das Fazendas Pretas*, *Casa Bazin*, *Pharmacia Orlando Rangel*, *Casa a Exposição* (Av. Rio Branco, 119). — *Ramos Sobrinho & C.* (rua do Hospicio, 11). — *Camisaria Gaspar* (Praça Tiradentes e Rua 7 de Setembro). — *Em Petropolis* no estabelecimento de Modas de Mme. Pongetti (rua 15 de Novembro, 285). — *Em S. Paulo* na *Casa Lebre* e na *Casa das Fazendas Pretas* (rua de S. Bento, 35-B). — *Em Bello Horizonte* Narciso & C. (rua da Bahia, 1221). — *Em Juiz de Fôra* Araujo Santos & Carvalho (successores de Cyrino Carvalho & C.). — *Em Victoria Cruz* Sobrinho & C. — *Na Bahia* Manso & C. — *No Recife* A Rosa dos Alpes. — *Em Maceió* J. Lages. — *Em Ouro Preto* J. B. Mendes. — *No Rio Grande do Sul* Palais Royal. — *Em Canavieiras* L. Guerreiro. — *Em S. Luiz do Maranhão* A Mariposa e Notre Dame. — *Em Porto Alegre* Casa Queimada. — *Em Campos* Casa Lamy. — *Em Campinas* Casa Americana. — *Em Fortaleza* Xavier Pinto & Irmão. — *Em Aracajú* (Sergipe) Andrade de Almeida & C. — *Em Pelotas* — A Torre Eiffel. — *Em Ribeirão Preto* Valeriano T. dos Reis. — *Em Uberaba* Ao Motu Continuo. — *Em S. José do Rio Pardo* A Central. — *Em Barbacena* A Filial. — *Em Ponte Nova* (Minas) A Brasileira. — *Em S. José do Paraíso* Sillos & Irmão. — *Em Mandão* Loja Jacintho. — *Em Mooca* J. Moreira Salles. — *Em Bagé* J. L. Vaz & C. (rua General Osorio). — *Em Cachoeira de Itapemirim* (Espírito Santo) A Nova Esperança. — *Em Parahyba do Norte* A Rainha da Moda. — *Em Barbacena* A' Filial, Souza Marques & C. — *Em Curitiba* A Carioca. — *Em Corumbá* (Ladario) Nicola Scaffa. — *Em Palmyra* (Minas) Pharmacia Central. — *No Pará* Perfumaria Central. — *Em Santos* Miguel Guerra. — *Em Uruguayana* (E. R. G. do Sul) Beheregaray. — Depositarios Gerais para todo o Brasil: COSTA PEREIRA & C. — 53, Rua da Quitanda, 55

O que lhe provará o seu primeiro pneumatico GOODYEAR



Para qualquer pessoa que nunca usou GOODYEAR, a sua primeira experiencia é uma verdadeira revelação.

Habitudo ao limite do serviço que lhe é prestado por todas as outras marcas, elle pensa encontrar talvez nos pneumaticos GOODYEAR a mesma medida de vantagens.

Mas, quando pouco tempo depois, attendendo ás instrucções technicas dos nossos distribuidores nos Postos de Serviço GOODYEAR, esse limite de serviço começa a ser ultrapassado e o seu pneumatico GOODYEAR continúa a percorrer sem inconvenientes centenas e milhares de kilometros a mais do que tinha conseguido percorrer com outras marcas, a preferencia pelos pneumaticos GOODYEAR é evidente e está estabelecida.

Quando V. S. tiver de comprar procure o Posto de Serviço GOODYEAR mais proximo.

A orientação do negocio d'elle é baseada apenas nas conveniencias e necessidades de V. S.

Elle está alli, não só para lhe facilitar a aquisição de pneus e camaras d'ar GOODYEAR, mas especialmente para o auxiliar a obter desses pneumaticos todo o proveito, até o ultimo kilometro para que foram fabricados.

POSTOS DE SERVIÇO "GOODYEAR"

AUGUSTO & VIEGAS,
R. Evaristo da Veiga, 24.
BRAGA & PADRÃO,
R. Azevedo Lima, 150
CASTRO D'ALMEIDA & C.
Av. Rio Branco, 58.
CASA CYCLISTA DE BOTAFOGO,
R. Ruy Barbosa, 75,
CASA CONÇALVES,
Praça dos Governadores, 1.
CID & ALEXANDRINO,
R. do Riachuelo, 20.
GARAGE AZEVEDO,
R. Carvalho de Sá, 56.

GARAGE ESPERANÇA,
R. S. Luiz Gonzaga, 31.
GARAGE FIGUEIREDO,
R. Christovão Colombo, 81.
GARAGE HUMAYTÁ,
R. Humaytá, 72.
GARAGE MOREIRA,
R. Senador Euzebio, 180.
GARAGE ORIENTAL,
Praça Duque de Caxias, 27.
GARAGE TURCAT MERY,
R. Marquez de Abrantes, 156.

GARAGE TUNNEL NOVO,
R. Salvador Corrêa, 131.
GARAGE S. PAULO,
Rua do Catete, 184.
Praia Botafogo, 404.
INTERNATIONAL MACHINERY,
Av. Rio Branco, 197.
SILVA FIGUEIREDO,
R. Rodrigo Silva, 32.
R. Chile, 7.
GONÇALVES LOPES & C.
R. Visc. Rio Branco, 109.
Nichteroy

GOODYEAR